

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

ELAINE CRISTINA DE QUEIROZ SILVA

**OS REGIMES DO GOSTO NAS PRÁTICAS DA FEIRA LIVRE:
UM ESPETÁCULO DE VER, SENTIR E CONSUMIR**

**Campo Grande / MS
2022**

ELAINE CRISTINA DE QUEIROZ SILVA

**OS REGIMES DO GOSTO NAS PRÁTICAS DA FEIRA LIVRE:
UM ESPETÁCULO DE VER, SENTIR E CONSUMIR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens.

Área de concentração: Linguística e Semiótica
Linha de Pesquisa: Práticas e objetos semióticos

Orientadora: Prof. Dra. Sueli Maria Ramos da Silva

**Campo Grande / MS
2022**

ELAINE CRISTINA DE QUEIROZ SILVA

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Sueli Maria Ramos da Silva (presidente)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Prof. Dr. Geraldo Vicente Martins (membro titular)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Prof. Dr. Alexandre Marcelo Bueno (membro titular externo)
Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)

Profa. Dra. Eluiza Bortolotto Ghizzi (membro suplente interno)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP) (Nome da Biblioteca – UFMS, Cidade, Brasil)**

SILVA, Elaine Cristina de Queiroz

Os regimes do gosto nas práticas da feira livre: Um espetáculo de ver, sentir e consumir.
Elaine Cristina de Queiroz Silva – Campo Grande, 2022. N. de folha X; 30 cm.

Orientadora: Sueli Maria Ramos da Silva

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Faculdade de Artes,
Letras e Comunicação do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens.

1. Assunto(s). I. SILVA, Sueli Maria Ramos da Silva (Orientadora). II. Os regimes do gosto
nas práticas da feira livre: um espetáculo de ver, sentir e consumir. CDD

Dedicatória

Dedico ao meu esposo, Luiz, meu companheiro que se desdobrou para que eu pudesse me debruçar nos estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus.

Agradeço à toda Espiritualidade amiga, que me beneficiou em todos os momentos. Quando me encontrava esmorecida e desacreditada no desenvolvimento do meu trabalho, trouxeram-me ânimo, coragem e instrumentos que me fortaleceram. Instrumentos certos no caminhar dentro de um período de crise de saúde pública global, que interferiu e modificou quase que totalmente o projeto inicial trazendo incertezas, mas ao mesmo tempo dando um *novo sentido* ao trabalho.

Agradeço profundamente à minha forte e amável orientadora, Prof. Dra. Sueli Ramos, que desde o primeiro contato confiou em meu projeto me incentivando sobremaneira, pois sendo eu formada em Publicidade e Propaganda, divisei minhas deficiências e a necessidade do conhecimento e do aprofundamento nos estudos da linguística, e na base teórica bem distinta e vigorosa dos Estudos de Linguagens, trazendo-me novos desafios e novas perspectivas para a vida. Toda minha gratidão à Professora Sueli.

Agradeço à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, excelência em formar multiplicadores, especialmente ao nosso Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – PPGEL/UFMS – e a todos os professores, que em meio à pandemia de COVID-19, trouxeram para a forma on-line uma primazia em todas as suas atividades.

Meu agradecimento à minha família, meu marido Luiz Ricardo, e meus filhos, Maria Eduarda, Maithe e Miguel, por compreenderem os motivos de minha ausência nos compromissos diários. Aos meus pais, Alzira e Manoel, me dando exemplos de coragem e energia para seguir em frente. Às minhas irmãs, Raquel e Vanessa, que me apoiaram e me substituíram de corpo presente quando nas adversidades de ordem familiar. Agradeço à Dona Nivoni, exemplo de humanidade e renúncia, uma mãe para todos nós do Centro Espírita Caminheiros de Jesus, e ao venerável Irmão Sandro, estes que me deram todo o apoio espiritual nessa jornada.

Aos amigos que fiz nesse tempo, que acalmaram a minha alma ansiosa, e a todos os feirantes do nosso Brasil e de todos os lugares, exemplos de luta, determinação e amor pelo que fazem.

*Ainsi les foires, cette forme originarie
du commerce terrestre, ont été,
dans l'histoire de la civilisation,
des instruments incomparables de rapprochement,
d'unification,
de paix.*

Paul-Louis Huvelin (1873–1924)

RESUMO

O objetivo geral desta pesquisa é observar a produção dos sentidos nas feiras livres e como se formam desde a sua genealogia, referenciando uma semiótica das experiências, tendo como base teórica a semiótica discursiva e seus recentes desdobramentos, tais como o semissimbolismo e a sociossemiótica. Nossa metodologia se circunscreve na pesquisa bibliográfica e descritiva pontuando os enunciados narrativos inscritos nos registros históricos e nas práticas da contemporaneidade. Como objetivos específicos delimitamos organizar como se constrói os regimes de sentido e interação nas práticas das feiras livres ao longo do tempo e as alterações nos sentidos provocadas pela pandemia de COVID-19. Por ser um objeto do social fazemos uso de diferentes *corpora* para as análises em um caráter exploratório que elencamos em três categorias: 1) *levantamento bibliográfico* com base nos registros históricos que denotam os sentidos das feiras como prática social e cultural por meio dos processos axiológicos; dos fatores linguísticos e extralinguísticos, como expressões e provérbios instituídos nas feiras da Idade Média; e das alterações nas práticas causadas pelas epidemias que mudaram o contexto do comércio nesse período; 2) *estudo in loco* na Feira Livre do Guanandi, na capital Campo-grandense, para análise sociossemiótica das práticas do social utilizando imagens do dia de feira capturadas por meio de gravações feitas com uso de um celular; 3) *texto audiovisual*, utilizando reportagem jornalística televisiva produzida no ambiente de feira, o qual dissecamos em dois recortes para demonstrar as alterações dos sentidos nas práticas da feira em tempos de pandemia da COVID-19, observando o percurso gerativo de sentido no plano de conteúdo da matéria jornalística e as relações semissimbólicas em uma imagem congelada (*freeze frame*) ou enquadramento. O referencial teórico centraliza-se nas ideias de estudiosos, tais como: Greimas (1973), Landowski (2004), Floch (1985), Pietroforte (2019), Barros (2001), Fiorin (2018), Oliveira (2014) e Bueno (2014), dentre outras contribuições bibliográficas visando aprofundamento das investigações, entre esses: Bourquelot (1865), Huvelin (1897), Goffman (1986), Le Goff (1990), Bateson (2000), Sato (2012), Bernardo (2014) entre outros. Este trabalho desenvolvido nos postulados dos estudos de linguagens, além de oportunizar novos olhares para a elaboração de novas pesquisas em Semiótica, possibilitou compreender que o sincretismo semiótico da feira livre salta da figuratividade, dos gostos e das relações de um consumo de afetivo pautado em processos axiológicos.

Palavras-chave: Feira livre; Semiótica discursiva; Semissimbolismo; Sociossemiótica.

RESUMÉ

L'objectif général de cette recherche est d'observer la production de sens dans les foires de rue et comment ils se forment à partir de leur généalogie, en faisant référence à une sémiotique des expériences, basée sur la sémiotique discursive et ses développements récents, tels que le semi-symbolisme et la sociosémiotique. Notre méthodologie se limite à des recherches bibliographiques et descriptives, ponctuant les énoncés narratifs inscrits dans les archives historiques et dans les pratiques contemporaines. Comme objectifs spécifiques, nous nous sommes attachés à organiser la construction des régimes de sens et d'interaction dans les pratiques des foires au fil du temps et les changements de sens provoqués par la pandémie de COVID-19. Comme il s'agit d'un objet social, nous utilisons différents corpus pour les analyses à caractère exploratoire que nous classons en trois catégories : 1) enquête bibliographique basée sur des documents historiques qui dénotent les significations des foires en tant que pratique sociale et culturelle à travers des processus axiologiques ; les facteurs linguistiques et extralinguistiques, comme les expressions et les proverbes institués dans les foires du Moyen Âge ; et les changements de pratiques provoqués par les épidémies qui ont modifié le contexte du commerce à cette période ; 2) une étude in situ à la foire de Guanandi, dans la capitale Campo Grande, pour une analyse sociosémiotique des pratiques sociales à partir d'images du jour de la foire capturées à travers des enregistrements réalisés à l'aide d'un téléphone portable ; 3) texte audiovisuel, à l'aide d'un reportage journalistique télévisé produit dans l'environnement équitable, que nous avons disséqué en deux coupures de presse pour démontrer les changements de sens dans les pratiques équitables en temps de pandémie COVID-19, en observant le chemin génératif du sens dans le plan de contenu de le matériel journalistique et les relations semi-symboliques dans une image figée (arrêt sur image) ou cadrage. Le cadre théorique se concentre sur les idées de chercheurs, tels que : Greimas (1973), Landowski (2004), Floch (1985), Pietroforte (2019), Barros (2001), Fiorin (2018), Oliveira (2014) et Bueno (2014), entre autres contributions bibliographiques visant à approfondir les investigations, parmi celles-ci : Bourquelot (1865), Huvelin (1897), Goffman (1986), Le Goff (1990), Bateson (2000), Sato (2012), Bernardo (2014) entre autres. Ce travail développé sur les postulats des études de langage, en plus d'offrir de nouvelles perspectives pour l'élaboration de nouvelles recherches en Sémiotique, a permis de comprendre que le syncrétisme sémiotique de la foire de rue saute de la figuration, des goûts et des relations d'une consommation affective basée sur les processus axiologiques.

Mots-clés: Foire; Sémiotique discursive; Semi-symbolisme; Sociosémiotique.

ABSTRACT

The general objective of this research is to observe the production of meanings in street fairs and how they formed from their genealogy, referencing a semiotics of experiences, based on discursive semiotics and its recent developments, such as semi-symbolism and socio-semiotics. Our methodology limited to bibliographic and descriptive research, punctuating the narrative statements inscribed in historical records and in contemporary practices. As specific objectives, we set out to organize how the regimes of meaning and interaction built in the practices of street fairs over time and the changes in meanings caused by the COVID-19 pandemic. As it is a social object, we use different corpora for the analyzes in an exploratory character that we list in three categories: 1) bibliographic survey based on historical records that denote the meanings of fairs as a social and cultural practice through axiological processes; the linguistic and extralinguistic factors, such as expressions and proverbs instituted in the fairs of the Middle Ages; and the changes in practices caused by the epidemics that changed the context of trade in this period; 2) an on-site study at the street fair of Guanandi, in the capital Campo Grande, for a socio-semiotic analysis of social practices using images of the day of the fair captured through recordings made using a cell phone; 3) audiovisual text, using television journalistic report produced in the fair environment, which we dissected in two clippings to demonstrate the changes of meanings in fair practices in times of the COVID-19 pandemic, observing the generative path of meaning in the content plan of journalistic material and the semi-symbolic relationships in a frozen image (freeze frame) or framing. The theoretical framework focuses on the ideas of scholars, such as: Greimas (1973), Landowski (2004), Floch (1985), Pietroforte (2019), Barros (2001), Fiorin (2018), Oliveira (2014) and Bueno (2014), among other bibliographic contributions aimed at deepening the investigations, among these: Bourquelot (1865), Huvelin (1897), Goffman (1986), Le Goff (1990), Bateson (2000), Sato (2012)), Bernardo (2014) among others. This work developed on the postulates of language studies, in addition to providing new perspectives for the elaboration of new research in Semiotics, made it possible to understand that the semiotic syncretism of the street fair jumps from figuration, tastes and relationships of an affective consumption based on processes axiological.

Keywords: Street fair; Discursive semiotics; Semi-symbolism; Sociosemiotic.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Capa da obra <i>Essai historique sur le droit des marchés et des foires</i> , Tese de Doutorado de Paul-Louis Huvelin	26
Figura 2	<i>La foire d'Impruneta</i> , 1620 - Jacques Callot	30
Figura 3	Carta transferindo terras, 1395	31
Figura 4	<i>Frontispice de Le Théâtre de la foire</i>	34
Figura 5	Máscara médico da peste - Alemanha/Áustria, 1650/1750	39
Figura 6	Os refrescos do Largo do Palácio após o jantar (<i>Les rafraichissements de l'après dîner sur la Place du Palais</i>) J.B. Debret (1835)	44
Figura 7	Mapa inserido no Dossiê 9 - Feira de Caruaru Imagens da Feira Central de Campo Grande	47
Figura 8	Setores da Feira de Campina Grande/Acervo INRC	49
Figura 9	Imagens da Feira Central de Campo Grande	49
Figura 10	Feira Livre em 1930. Largo próximo ao atual Mercado Municipal Antônio Valente	50
Figura 11	Print Screen do Perfil socioeconômico de Campo Grande – Seção “Abastecimento alimentar”	52
Figura 12	Capa do jornal Em Foco - Jornal Laboratório do Curso de Jornalismo UCDB, 2007	53
Figura 13	Página do jornal Em Foco - Jornal Laboratório do Curso de Jornalismo UCDB, 2007	54
Figura 14	Feira Livre do Guanandi na Rua Barra Mansa/ 2km de feira	55
Figura 15	<i>Print screen</i> da reportagem do Campo Grande News sobre a Feira Livre do Guanandi	56
Figura 16	Feira Livre do Guanandi – A movimentação das pessoas na feira/ Barraca do pastel	57
Figura 17	Barraca de hortifruti com milho fresco descascado na hora	58
Figura 18	Regimes de interação e sentido	77
Figura 19	Extraído da obra <i>Adagiorum omnium, quae a Junio, caeterisque, post Erasmi Chiliadas</i> [...]	86
Figura 20	Mapa - Os quarteirões da Rua Barra Mansa onde se realiza a Feira Livre do Guanandi	94
Figura 21	Transeuntes observando a movimentação do grupo em torno da figura política que estava presente no evento da Feira Livre do Bairro Guanandi - Categorias semissimbólicas	95
Figura 22	Gibiteca e carretinha reboque com livros expostos para doação	96

Figura 23	Banca de pomadas herbais – ao fundo a movimentação de uma loja comercial aberta no período da feira	97
Figura 24	Feirante da banca de meias e toucas trajando um macacão pijama de unicórnio	98
Figura 25	Feira Livre do Guanandi – O corredor do consumo	99
Figura 26	Banner da barraca de pastel – “35 anos de tradição”	101
Figura 27	Pastel com KS	102
Figura 28	Bancas de hortifruti com lonas coloridas	103
Figura 29	Banca da feirante de cocadas	105
Figura 30	Carro antigo à venda na Feira Livre do Guanandi	106
Figura 31	Banca de sorvete italiano e a placa “ <i>Políticos - favor não parar - aqui</i> ”	107
Figura 32	Print screen do Jornal Correio do Estado (on-line) sobre a matéria que informa a suspensão das feiras livres em Campo Grande	112
Figura 33	<i>Print screen</i> DIOGRANDE 06/04/2020	113
Figura 34	<i>Print screen site</i> Diário Oficial Eletrônico do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul (Superintendência de Editoração do Diário Oficial do Estado / SAD)	114
Figura 35	<i>Print screen</i> Site SBTMS com descrição do vídeo	121
Figura 36	Reportagem <i>O Povo na TV/SBTMS</i> - Título: <i>Dezenas de pessoas são flagradas sem máscara em feira livre do Guanandi</i>	131
Figura 37	Detalhe da iconografia no frame 0:07”	134
Figura 38	Configuração topológica do <i>frame 0:07”</i> - percurso vida => não-vida => morte. O uso da máscara como objeto - saúde/vida – o não uso da máscara - doença/morte)	136

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Expressões sintagmáticas relacionadas ao contexto das feiras	82
Quadro 2 - Matéria jornalística extraída do texto audiovisual	121
Quadro 3 - Notícias de suspensão das atividades das feiras livres	128
Quadro 4 - Programa narrativo de base	135
Quadro 5 - Relação Semissimbólica no enquadramento noticioso	137

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I - A FEIRA, É LIVRE! REGISTROS HISTÓRICOS	
1.1 Feiras e mercados	25
1.2 Os sentidos do Direito	29
1.3 A feira é livre??	33
1.4 O tempo das pestes	36
1.5 Feira à brasileira	42
1.6 Feira Livre do Guanandi	51
CAPÍTULO II – FEIRA LIVRE E SEMIÓTICA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	
2.1 Linguagem, fenomenologia e cultura	61
2.2 A Semiótica Discursiva para descrição e análise do sentido	66
2.3 O semissimbolismo na construção do simulacro	70
2.4 A sociossemiótica na construção do sensível	73
CAPÍTULO III - PRÁTICAS SOCIAIS NA FEIRA LIVRE: REGIMES DE SENTIDO E INTERAÇÃO	
3.1 As expressões das feiras	79
3.2 Entre observação e experiência na feira livre do Bairro Guanandi: uma análise sociossemiótica	90
3.2.1 Sentido e Interação entre destinadores e destinatários na feira	91
3.2.2 As práticas de vida na Feira do Guanandi: vender, consumir, politicar, passear, gostar, observar e pesquisar	95
3.3 Os regimes do gosto: considerações sobre as práticas sensíveis da feira livre	100
CAPÍTULO IV - ALTERAÇÕES NAS PRÁTICAS DA FEIRA LIVRE: OS SENTIDOS EM TEMPOS DE PANDEMIA	
4.1 Os sentidos dos tempos de pandemia	110
4.2 O percurso da máscara	114
4.3 Imagem semissimbólica da pandemia na feira livre	126
4.4 Considerações sobre as práticas da pandemia e seu impacto na feira livre	137
CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
REFERÊNCIAS	144

INTRODUÇÃO

Os anseios e justificativas que caracterizam os empreendimentos para elaboração desta dissertação nos postulados dos Estudos de Linguagens, referem-se à busca pelos sentidos advindos da singularidade do evento *feira livre*, fenômeno socioeconômico e cultural, como podemos entrever no testemunho do filho de bucheiro¹: “O movimento na rua começa ainda na madrugada, e o resultado final, com as barracas todas montadas, descortina um espetáculo lindo de ver, numa espécie de circo de aromas, cores, sabores e sons” (BERNARDO, 2014, p. 27).

Um espetáculo que nos remete às concepções do linguista Lucien Tesnière (1893 – 1954) as quais inspiraram de forma didática a Semiótica associando o enunciado à proposição de um espetáculo. Assim como Greimas (1966) lançara sua própria concepção narrativa, baseada no modelo propiano russo, também podemos compreender a *feira livre* como um *espetáculo*, uma narrativa peculiar.

A formação acadêmica em Publicidade e Propaganda, campo da Comunicação Social, que visa a criação e prática de ideias estratégicas, dando sentido, valor e difusão a produtos e serviços, consolidando uma ideia em algo do interesse e do desejo de um público-alvo, justificou forte influência na escolha do objeto *feira livre*, pois procede de uma narrativa sociomercadológica, cuja notabilidade e reconhecimento está no *gosto*² popular, como apreendemos durante o desenvolvimento de nossa pesquisa.

Inicialmente, nosso projeto de pesquisa de mestrado foi delineado nos processos axiológicos da Feira Livre do Guanandi, ponto socioeconômico cultural existente há mais de trinta anos na zona sul da Capital campo-grandense, buscando no contexto local e no cotidiano de todos os sujeitos envolvidos nesse evento popular, investigar *in loco* as interações e os sentidos das práticas de consumo, com metodologia baseada nas pesquisas em sociosemiótica.

Porém, semiotizando o percurso do projeto inicial, uma explicação pôde-se depreender através do pensamento de Landowski (2017, p. 130), quando desenvolve a ideia de que existem

¹ É o feirante que vende miúdos, conforme consta na primeira orelha da capa de *Dias de Feira* (BERNARDO, 2014).

² Conforme pontua Landowski no texto *Du goût et des goûts: Présentation* (2019, *on-line*), são duas isotopias que os semioticistas podem apreender: o gosto entendido como o sabor dos alimentos, ou figurativamente, onde podemos encontrar gosto ou gostos, como inclinações, tendências e preferências que se manifestam na diversidade de modos de vida, estilos ou formas de vida. Disponível em: <<https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/6286>> Acesso em: 24 jul. 2022.

outros percursos possíveis, quando temos uma “descontinuidade”, um *guizzo*³ nas narrativas, “rupturas no meio de uma continuidade, graças às quais a disposição mesma das coisas deixa apreender seu modo de ser numa suspensão inesperada do tempo”. Nesse sentido, nosso projeto de pesquisa tomou outro percurso devido a uma problemática que mudou a regularidade de todo um contexto social, e mais, global.

Em meados de março de 2020, o Brasil muda a sua narrativa dentro de uma chamada “normalidade”, sofrendo profundas alterações no que diz respeito à percepção de sentidos e às práticas sociais, em consequência dos impactos gerados pela pandemia do novo coronavírus ou SARS-CoV-2, termo científico do vírus que surgiu na China em dezembro de 2019⁴, que transformou o cotidiano da sociedade em todos os sentidos pela sua velocidade de transmissão e alto índice de letalidade.

A comunidade científica e a população mundial sofrem com o imprevisível e enfrentam alterações em disjunção com os seus percursos regulares, suas narrativas de normalidade, “a forma de uma ruptura, de um evento perturbador em relação à ‘normalidade’ – numa palavra, a forma do *acidente*” (LANDOWSKI, 2017, p. 128), necessitando de se instituir um devir de reprogramações visando novos percursos narrativos: isolamento e distanciamento social, que ressignificaram o “modo de relação com o mundo” (LANDOWSKI, 2017, p. 129). Nesse interim, nosso curso de mestrado realizado por intermédio do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), alterou o calendário e instituiu o uso de tecnologias e novas práticas, ajustando-se frente a esse acidente discursivo, sendo ministrado cem por cento *on-line*, fazendo com que discentes e docentes confraternizassem de novas práticas e perspectivas de sentido.

O nosso projeto inicial que seria executado por meio das pesquisas de campo e coleta de dados com base nas cotidianidades da feira livre do Bairro Guanandi, utilizando-se de entrevistas com feirantes, fregueses, transeuntes e moradores circunvizinhos à feira, teve de ser readequado, uma espécie de *ajustamento* devido à problemática de saúde global que se estendeu sem precedentes no período do curso de Mestrado.

O distanciamento social e o uso de medidas de biossegurança, foram recomendações advindas das autoridades e órgãos de excelência em saúde para “prevenção, controle e

³ Termo emprestado por Greimas à obra de Ítalo Calvino, que “serve como denominação metafórica aplicável a qualquer ocorrência de *ruptura* – enquanto criadora de sentido – no fluxo das coisas” (LANDOWSKI, 2017, p. 130). Greimas desenvolve como “mudança de isotopia [...] se afirma como uma verdadeira fratura [...] a “descontinuidade” é interpretada como um “desvio” (GREIMAS, 2017, p. 42).

⁴ OPAS. OMS. *Histórico da pandemia de COVID-19*. Disponível em: < <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19> > Acesso em: 23jan 2022.

mitigação dos riscos de transmissão da COVID-19 nos ambientes de trabalho”⁵, o que compreendemos como uma alteração sob o regime do acidente no percurso de nossas pesquisas, conforme pontua Landowski (2017, p. 131):

A expectativa do acidente tem também seu lugar, por exemplo, no trabalho da pesquisa enquanto busca de sentido. A compreensão de qualquer fenômeno pressupõe efetivamente, como disposição epistêmica, a aceitação - a espera - de rupturas susceptíveis de modificar seja a forma do objeto, seja o ponto de vista do observador, e assim de permitirem ultrapassar as evidências atadas à “normalidade” do parecer das coisas.

Nesse sentido, reorganizamos a pesquisa com base no objeto de estudo, o evento *feira livre* e suas práticas de sentido, realizando a pesquisa *in loco* quando foram garantidas as condições de biossegurança, sendo uma das categorias elencadas no *corpora* e sob novos aspectos para captação dos dados. Como consta no *Dicionário de Semiótica* (GREIMAS; COURTÉS, 2020, p. 193), “o evento é uma configuração discursiva e não uma unidade narrativa simples”, dessa forma este trabalho pretende trazer a lume os seus sincretismos.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar por meio do ferramental teórico da Semiótica Discursiva e seus desdobramentos, a construção do sentido nas práticas da *feira livre*. Independentemente dos formatos que hoje conhecemos nos moldes de feira, e considerando os processos de registros históricos até a contemporaneidade, o objeto que nos convida ao trabalho é aquele espaço de subsistência nos modos de ser da informalidade⁶, dentro de uma cultura mercadológica local.

Trata-se de um ambiente coletivo onde *a priori* pode-se apreender como um local moldado no improvisado⁷, porém continua sendo a atividade que melhor preserva o arquétipo da arquitetura de mercado, uma tradição que provoca e que aguça os sentidos pelos cheiros, pelas

⁵ DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. *Portaria Conjunta Nº 20, De 18 De Junho De 2020*. Publicado em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-conjunta-n-20-de-18-de-junho-de-2020-262408085>> Acesso em: 23 jan 2022.

⁶ “[...] o Processo de Informalidade pode ser apreendido, através de suas relações e contrastes com o setor formal, analisando-se a evolução de cada uma das seguintes categorias: o conjunto de indivíduos assalariados que foram contratados à margem da legislação laboral ou da seguridade social; o conjunto de trabalhadores por conta própria e de empregadores que não exercem profissões liberais e que não dependem de mão-de-obra assalariada para o desempenho do seu trabalho; o trabalho sem remuneração; e o serviço doméstico” (CACCIAMALI, 2000, p. 165-166).

⁷ “Para Houaiss (2001), improvisado significa algo repentino, imprevisto ou sem preparação. Para Lévi-Strauss (1970:38), significa buscar a solução de uma necessidade circunstancial, recorrendo, para tanto, a meios indiretos, ou seja, fazer com qualquer coisa que se tem à mão. O improvisado pode envolver acaso, movimentos incidentais, irregularidade, falta de planejamento, preparo ou plano” (BOUFLEUR, 2013, p. 8).

cores, pelos produtos sem vitrinismo, pela sonoridade característica dos movimentos das barracas, pela ação convivial dos feirantes.

A feira livre é um evento milenar e traz em seu cerne uma importância cabal para a história da civilização, pois está atrelada à uma diversidade de fatores sociais que expressam os primeiros indícios do desenvolvimento de uma sociedade de consumo e suas práticas cotidianas. A intensidade da constituição desse fenômeno que caminha por séculos fortalecendo processos de troca, sociabilidade, e que, conforme Sato (2012, p. 22) detém uma racionalidade interna e singular nos métodos práticos criados, apropriados e partilhados entre as pessoas envolvidas, tornou-se “segmento relevante na dinamização da economia da cidade ao mesmo tempo em que gera trabalho emprego e renda para a parcela importante da população” (SATO, 2012, p. 60).

Como a significação no ambiente da feira livre é construída? A semiótica desenvolve algumas possibilidades para apreensão de sentido dessas práticas e interações. Considerando os objetivos específicos, por meio da diversidade de linguagens e os efeitos de sentido construídos pela dinamicidade, periodicidade e consagração do evento multifacetado, fizemos algumas análises dentro de uma investigação bibliográfica e análises de textos sincréticos⁸ para apreender os sentidos advindos das práticas do evento através da lente do semiótico.

Nossa pesquisa procurou desenvolver um processo descritivo sobre o objeto e dessa forma compreender como se deu a construção da historicidade da feira, o contexto e sua importância ao longo do tempo. Por ser um objeto do *social* nossas análises possuem um caráter exploratório que oportunizou-nos conhecer certos mecanismos de produção de sentido das feiras. O *corpora* deste trabalho foi dividido em três categorias para estudo: i) *levantamento bibliográfico*, relacionando desde obras raras em francês e português, assim como obras contemporâneas de autores que trazem um compilado de informações sobre a genealogia das feiras e suas práticas, e documentos históricos encontrados digitalizados nas bibliotecas *on-line* que possibilitam alcançar nos processos axiológicos os fatores que fundamentam o sentido das práticas, sua constituição e permanência até os dias atuais; ii) estudo *in loco* para análise sociosemiótica, sendo o evento escolhido para o trabalho de observação e experiência, a Feira Livre do Guanandi localizada na capital Campo Grande, utilizando imagens extraídas de

⁸ “O texto [...] pode ser tanto um texto linguístico, indiferentemente oral ou escrito — uma poesia, um romance, um editorial de jornal, uma oração, um discurso político, um sermão, uma aula, uma conversa de crianças — quanto um texto visual ou gestual — uma aquarela, uma gravura, uma dança — ou, mais frequentemente, um texto sincrético de mais de uma expressão — uma história em quadrinhos, um filme, uma canção popular (BARROS, 2005, p. 12)

gravações de vídeo capturadas com uso de uma câmera de celular, demonstrando as cotidianidades da feira e analisando os regimes de interação e sentido desse evento mercadológico e cultural, como os regimes do gosto; iii) utilização um *texto audiovisual*, uma reportagem televisiva a qual dissecamos em dois recortes para demonstrar as *alterações* apreendidas nas práticas da feira livre em *tempos de pandemia*: a matéria, para análise do percurso gerativo de sentido observando o percurso da máscara de proteção instituída como obrigatória no ambiente de feira, e uma imagem congelada (*freeze frame*) da mesma reportagem, para apreender as relações semissimbólicas no enquadramento noticioso, corroborando com o vivido em nossas pesquisas.

A seguir, traçamos a delimitação preliminar que compõe os capítulos da presente dissertação.

No capítulo I, “A feira, é livre! Registros históricos”, versamos sobre um breve registro histórico das feiras buscando dados que deram sentido às práticas para traçar o percurso deste evento e sua importância em conformidade com os preceitos dos estudos de linguagens. Optamos por referenciar por meio da historicidade, o contexto das feiras da antiguidade tratando de pontos relativos ao léxico que demonstram uma carga cultural compartilhada⁹ e sobre expressões e provérbios de feira que remetem questões relacionadas a fatores extralinguísticos¹⁰, que formaram algumas práticas na cultura feirante da contemporaneidade.

Indicadores de complexidade podem ser observados na gênese das feiras por meio das leituras plurisotópicas¹¹ inseridas nas pesquisas que nos debruçamos: sociedade, comércio, leis, festas, liberdade, religião, censura, política, confraternização, paz. Os registros históricos, os quais modestamente elencamos neste trabalho, reportam a força e a importância das feiras para a formação de um povoado e seu progresso civilizatório, e ainda sobre o contexto das pestes ou epidemias que causaram alterações nas narrativas medievais, as quais incluem as práticas das feiras.

Fizemos uma exploração em solo brasileiro desde a chegada dos portugueses no Século XVI, início da ocupação colonial, e assinalamos a atividade de escambo com os

⁹ Gallison (1988, p. 338-339) conceitua “carga cultural compartilhada” (C.C. P - *Charge Culturelle Partagée*) como produto da relação entre signo e seus usuários; procede da subjetividade e é adaptado às suas necessidades, através de uma visão de mundo; está no domínio da pragmática e da antropologia social.

¹⁰ O conceito relaciona-se ao campo da etnolinguística que estuda os fatos de uma língua enquanto motivados pelas ideologias, ideias, crenças, concepções, ideologias acerca das ‘coisas’ (COSERIU, 1990, p. 46).

¹¹ Greimas e Courtés (2020, p. 275) define que “de caráter operatório, o conceito de isotopia designou inicialmente a iteratividade, no decorrer de uma cadeia sintagmática, de classemas que garantem ao discurso-enunciado a homogeneidade”, e a plurisotopia, a superposição de isotopias, ou seja, a conexão de percursos diferentes de leituras simultâneas (GREIMAS, 2020, p. 371).

indígenas, a presença das negras quitadeiras ou das feiras africanas nas ruas. Trazemos registros da construção da estrada de ferro Noroeste do Brasil já no Século XX, e cuja finalidade era o escoamento da produção brasileira e transporte de passageiros, sendo concluída com a chegada dos imigrantes japoneses okinawanos que influenciaram diretamente na formação e desenvolvimento da primeira feira livre da cidade de Campo Grande/MS nas proximidades da Estação Ferroviária. Dados sobre a Feira Livre do Guanandi, local do estudo *in loco* conforme supracitado, traz em suas origens informações que contemplam a formação de pequeno grupo de produtores locais que se formou na Rua Barra Mansa do Bairro Guanandi, manifestando os sentidos de consumo entre os sujeitos e suas trocas.

Levantamentos que fazem depreender sobre os mecanismos de construção do sentido desse evento tradicional do comércio, que podemos caracterizar como afetivo¹² pelo vínculo que envolve uma atração convivial.

No capítulo II, “Feira livre e semiótica: pressupostos teóricos”, dispõe uma preleção do embasamento teórico do nosso trabalho, conceitos esses que esclarecem sobre as semioses¹³ do evento *feira livre*, em sua representação mercadológica e cultural. Versamos sobre os conceitos que estão atrelados ao contexto das feiras: linguagem, lexicologia, fenomenologia, cultura, consumo, os quais formulam um universo semântico realizado por meio “de um inventário de categorias sêmicas” (GREIMAS, 1975, p. 148) que transcenderam à uma estrutura elementar de significação. Trouxemos as considerações epistemológicas da semiótica de origem francesa e seus desdobramentos nos modelos semissimbólico e sociosemiótico que visam depreender os sentidos e as alterações nas práticas e no espaço da feira livre. Os estudos acerca do objeto sugerem que os sentidos que incidem deste evento perpassam por camadas, ou seja, estão sob a forma de uma semiótica sincrética. Sendo assim, consideramos a feira livre como um enunciado sincrético.

No capítulo III, “Práticas sociais na feira livre”, referimos às análises propriamente ditas, buscando alcançar a compreensão sobre a construção dos sentidos nas práticas, depreendendo o “sincretismo semiótico” da feira nas relações entre o verbal e o plástico e os efeitos de sentido que emergem desta homologação e trazendo as considerações sobre as

¹² Para Koutsantonis (2016, p. 45) é importante compreender as relações de troca por meio da *reciprocidade*, a qual fundamenta as relações sociais, “[...] sua importância, muito reconhecida em diversas ciências sociais, sempre foi associada a antropologia econômica e a modelos tradicionais, como o das tribos arcaicas, das comunidades pequenas e das cooperativas, onde a confiança, a gentileza, a gratidão e o afeto - e não as sofisticadas análises financeiras - exercem papel fundamental no desenvolvimento do bem comum”.

¹³ São processos de significação, “situado na instância da recepção, o efeito de sentido corresponde à semiose, ato situado no nível da enunciado-discurso” (GREIMAS; COURTÉS, 2020, p. 156).

análises. Investigamos os primeiros decursos da cultura feirante e nos deparamos com uma atmosfera ímpar, complexa e uma prática fundamental para toda uma coletividade. Na seção *As expressões das feiras*, elencamos algumas expressões que eram usuais no ambiente de feiras ou mercados, e que foram compartilhadas ao longo do tempo, como podemos observar no contexto das leis do comércio ou Direito Comercial, em expressões, jargões e provérbios encontrados em escritos antigos, como nos idiomas italiano e francês, que traziam a linguagem dos mercados¹⁴. Na seção *Entre observação e experiência na feira livre do Bairro Guanandi: uma análise sociossemiótica*, procedemos com a pesquisa exploratória *in loco* que tem como evento de investigação a tradicional “Feira Livre do Guanandi”. O artigo de Oliveira (2014, p. 595), *Entre observação e experiência*, nos possibilitou um norte para construção da descrição e análise sociossemióticas. Ao percorrer o espaço escolhido fizemos gravações audiovisuais através da câmera de um celular Iphone® (esta captação audiovisual inspira-se no método de Bueno (2014, p. 655) inscrito no artigo *Espaços étnicos, práticas profanas e sagradas: o lazer dos imigrantes em São Paulo*; e destacado por Rodrigues (2014, p. 193) na análise *Eventos juninos da Rua dos Pinheiros e do Largo da Batata: entre coletividade e individualidade*, ambos inseridos em obras publicadas pelo CPS – Centro de Pesquisas Sociossemióticas). Dessas gravações extraímos 12 (doze) imagens que possibilitaram demonstrar as cotidianidades do evento através do olhar do semiótico, buscando compreender os sentidos e as interações nas práticas, tendo como base os conceitos da sociossemiótica, conforme expressa Landowski (2001, p. 21):

[...] é o vivido do sentido nas suas evoluções ligadas ao próprio curso das coisas, tal como elas se apresentam, se é possível dizer, vistas da ponte, quase com os pés dentro d’água, e não como elas são concebidas à distância, vistas das margens.

Analisamos por meio das abordagens da Sociossemiótica, e analisamos os elementos formantes semissimbólicos em algumas imagens demonstrando uma interdependência com a figuratividade, e como são construídas as interações nesse espaço mercadológico, a produção e recepção das manifestações significantes, nos ajustamentos praticados e programados no espaço do Guanandi. O trabalho investigativo em sociossemiótica procura explorar “as

¹⁴ Os mercados eram locais públicos que podiam ser cobertos ou não, ocupando ruas e praças e estabelecendo as relações entre comerciantes e compradores. Eram inseridos nas praças públicas (*ágoras*) da Grécia Antiga, e era ponto de encontro (*fórum*) dos mercadores romanos onde discutiam sobre os assuntos públicos: “A feira acontecia ao ar livre em uma praça do fórum. Foi organizado em torno de barracas temporárias, as *tabernæ*” (ANTONI, 2010, p. 82, tradução nossa). Original: *Le marché se déroulait en plein air sur une place carrée du forum. Il était organisé autour d’échoppes temporaires, les tabernæ.*

dimensões narrativas, figurativas e as pequenas mitologias que põem em circulação valores do social” (OLIVEIRA, 2016, p. 17).

Elencamos algumas considerações sobre os simulacros da feira livre que atraem as atenções do público-alvo por meio dos conceitos da semiótica do gosto, o que os torna “fenômenos textuais, [...] formas de experiências vividas tratadas como texto” (MARRONE, 1997, p. 179).

No capítulo IV, “Alterações nas práticas da feira livre: os sentidos em tempos de pandemia”, fizemos duas análises recorrendo ao texto audiovisual ou reportagem televisiva intitulada *Dezenas de pessoas são flagradas sem máscara em feira livre do Guanandi*, produzida pela emissora afiliada SBTMS com cerca de dois minutos e que reporta sobre a feira pertencente a um dos bairros mais populosos da Capital Campo Grande em meio à problemática da pandemia de COVID-19. Dessa forma, no escopo de nossas análises por meio do vídeo, evidenciamos a inserção de uma nova prática no ambiente de feira mediante a obrigatoriedade do uso da máscara de proteção e medidas de biossegurança orientadas pelas autoridades em saúde pública mundial. A partir desse *corpus*, analisamos a matéria jornalística pelo percurso gerativo de sentido buscando depreender os efeitos de verdade construídos no texto televisivo, e uma imagem congelada (*freeze frame* ou *enquadramento noticioso*) ancorada ao título da matéria, observando as relações semissimbólicas que permitem depreender o sincretismo da feira em uma única unidade de sentido. Elaboramos considerações sobre os impactos nas práticas e que trouxeram uma nova realidade para a atualidade das feiras livres.

Nosso referencial teórico apoia-se nas contribuições de autores, tais como Saussure (2004); Greimas (1973); Barros (2001); Fiorin (2018); Landowski (2004); Floch (1985); Pietroforte (2019); Oliveira (2017); Bueno (2014); Lopes (1978); Barbosa (1978); Câmara JR (1965); Sapir (1961); Coseriu (1983). Outros estudiosos, como Goffman (1986), Le Goff (1990), Huvelin (1897), Nohl (1971), Pita (1730), Pirenne (1963), Wolff (1988), Bourquelot (1865), Caenegem (1999), Chandezon (2000), Cherubini (1996) e Debret (1940), nos possibilitaram alcançar dados históricos pertinentes para a construção da pesquisa. Autores de outros campos do saber, como comunicação, mídia e marketing estão presentes, tais como Reese (2001), Bateson (2000) e Heilbrunn (2020). Sobre a feira livre trouxemos as obras de Sato (2012) e Bernardo (2014), que permitiram outros olhares, outras narrativas de presença na feira livre: a do pesquisador e a do feirante.

Com diferentes análises pretendemos demonstrar que o universo da feira livre, que ainda é um assunto incipiente nos Estudos de Linguagem, sobretudo na Semiótica, compreende

diferentes mecanismos de construção de sentido advindo de contextos de caráter cultural e de consumo, e que, mesmo havendo “acidentes” que alteram suas práticas, prossegue sendo uma narrativa em constante transformação por meio dos contextos axiológicos que ressignificam os regimes do gosto e da afetividade.

Esta dissertação defende que estudos semióticos sobre este objeto viabilizam maior compreensão do evento, trazendo à superfície as experiências estéticas, “os efeitos do componente sensível nas mais variadas práticas da vida cotidiana” (LANDOWSKI, 2017, p. 122). A pesquisa exploratória na feira livre amplia a visão sobre a significação em torno da observação e da experiência nesse ambiente, ou como reporta Oliveira (2017) no prefácio de *Da imperfeição* (2017, p. 17-18):

[...] nas variações do sensível que fazem sentir pelo movimento das formas, cores, matérias, em dado arranjo topológico em rítmicas inovadoras que se desenrolam porque o sujeito se deixa levar pela dinâmica da disposição significativa com que se defronta e assim descobre relações inusitadas à medida que está aberto a desenvolver as suas potencialidades para sentir e construir sentidos.

O olhar semiótico nos proporciona trazer a lume as malhas discursivas dessas semióticas complexas, os efeitos de sentido construídos, as realidades significantes que somente fazem sentido por meio das interações entre os sujeitos e suas narrativas e onde “a imperfeição aparece como um trampolim que nos projeta da insignificância em direção ao sentido” (GREIMAS, 2017, p. 99).

A FEIRA, É LIVRE! REGISTROS HISTÓRICOS

A feira livre, sem dúvida nenhuma, é um espaço mercadológico, criativo, repleto de significados e de formação de vínculos, envolvendo milhares de pessoas e praticamente moldada no arquétipo das feiras instituídas em ruas e praças públicas nas cidades durante a Idade Média. Importante evento para o desenvolvimento socioeconômico e cultural na história da civilização desde a sua formação, e que mesmo em tempos atuais sensibiliza de maneira peculiar os povos de todas as nações, como podemos notar nos eventos de feiras de rua programados em vários países, como França¹⁵, Itália¹⁶, Brasil, entre outros¹⁷.

O universo da feira possibilita um leque de oportunidades para as leituras semióticas, partindo de sua diversidade de linguagens acompanhada de euforizante figuratividade com grande circulação dos sentidos, através do colorido e da movimentação intensa que exaltam as características da cultura material e imaterial que se expressam nas barracas, nas mercadorias, nos gostos, nos sentidos de consumo e nas percepções olfativas, visuais e gustativas colhidas na feira.

A feira da Antiguidade foi palco de diversas manifestações consideradas basilares para a interação da sociedade e seus regimes, como disseminação das línguas vernáculas, as leis do comércio, a arte, a religião, os movimentos sociais que foram sendo incorporados à dinâmica da cultura. Nesse sentido, conceitos que estabelecem relações entre língua, linguagem e cultura tornam-se pertinentes para a investigação semiótica deste universo, um viés da cultura popular iniciado nas praças públicas, que podemos depreender como uma narrativa articulada pelo actante coletivo¹⁸ que contribui para a construção do objeto *feira*..

Conforme sua historiografia nos mostra no decurso dos tempos, a gênese das feiras imprimiu muitos sentidos onde se constituiu como evento cultural e representativo:

¹⁵ *Um roteiro pelos charmosos mercados de rua de Paris*. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/viagem-e-turismo/um-roteiro-pelos-charmosos-mercados-de-rua-de-paris-2856965.html>> Acesso em: 21 set. 2022.

¹⁶ *Feiras de rua em Milão*. Disponível em: <<https://www.oguiademilao.com/feiras-de-rua-em-milao/>> Acesso em 21 set. 2022.

¹⁷ *As 10 feiras mais famosas do mundo*. Disponível em: <<https://diariodoestado.com.br/as-10-feiras-mais-famosas-do-mundo-100885/>> Acesso em: 21 set. 2020.

¹⁸ Greimas e Courtés (2020, p. 67) define actante coletivo “quando, a partir de uma coleção de atores individuais, acha-se dotado de uma competência modal comum e/ou de um fazer comum a todos os atores que subsume”.

A praça pública no fim da Idade Média e no Renascimento formava um mundo único e coeso onde todas as “tomadas de palavra” (desde as interpelações em altos brados até os espetáculos organizados) possuíam alguma coisa em comum, pois estavam impregnadas do mesmo ambiente de liberdade, franqueza e familiaridade. [...] Dessa forma, a cultura popular não oficial dispunha na Idade média e ainda durante o Renascimento de um território próprio: a praça pública, e de uma data própria: os dias de festa e de **feira** (BAKHTIN, 1987, p. 132-133, grifo nosso).

Para Greimas e Courtés (2020, p. 109), “o conceito de cultura pode ser considerado coextensivo ao de universo semântico, relativo a uma comunidade sociossemiótica dada”, sendo assim, a feira livre promove sistemas de valores na força de sua programação, um universo de significados em suas manifestações que podem estar ocultas “sob todas as aparências sensíveis [...] atrás dos sons, das imagens, dos cheiros e dos sabores, sem no entanto estar nos sons e nas imagens (como percepções)” (GREIMAS, 1975, p. 46).

Fatores extralinguísticos no ambiente das feiras da Idade Média deram forma a algumas práticas cotidianas da atualidade. Mesmo em contraste com a era nano tecnológica, que permite compra e entrega através de aplicativos e padrões de consumo são projetados em locais confortáveis para atrair a atenção e o desejo dos consumidores, a linguagem e os sentidos da feira permanecem.

1.1 Feiras e mercados

Os historiadores apontam registros de que o comércio surgiu desde o Egito Antigo, Roma e Grécia Antiga, quando escavações foram feitas revelando luxo, arte e comércio em períodos anteriores há quatro mil anos (THORNDIKE, 2015, edição digital *Kindle*). Nas escrituras bíblicas registros revelam o ambiente amistoso e peculiar da feira, uma prática social de venda e troca de mercadorias diversas, um sistema de negócio, como se pode atestar através da escritura do profeta israelita Ezequiel acerca da lamentação sobre a cidade de Tiro:

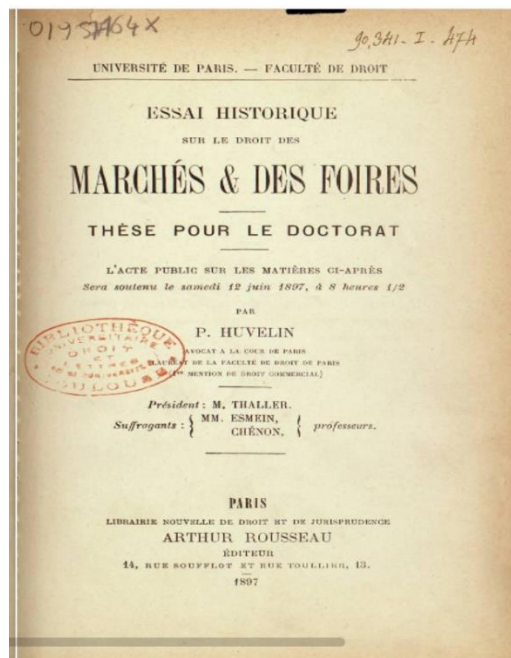
[...] Tarsis fez negócios contigo, por causa dos teus muitos e apreciados bens; seus negociantes trocavam prata, ferro, estanho e chumbo pelas tuas mercadorias. Javã, Tubal e Meseque também fizeram muitos negócios contigo; trocaram escravos e utensílios de bronze pelos seus bens. Homens de Bete-Togarma, Armênia, trocaram asnos, mulas, cavalos de carga; ginetes, isto é, cavalos treinados para guerra, pelas tuas mercadorias. (Ezequiel 27: 12-14)

Em uma passagem inserida no livro canônico do Novo Testamento, Jesus interpela os vendilhões que dominavam o Templo de Jerusalém. Relata o Evangelista João:

[...] A Páscoa dos judeus estava se aproximando, e Jesus subiu para Jerusalém. Encontrou no templo os que vendiam bois, ovelhas e pombas, e cambistas assentados negociando; tendo feito um chicote de cordas, expulsou todos do templo, bem como as ovelhas e os bois, espalhou pelo chão o dinheiro dos cambistas e virou as mesas; e disse aos que vendiam as pombas: “Tirai essas coisas daqui; não façais da casa de meu Pai, casa de comércio”. (BÍBLIA, João 2: 13-16)

Por meio de um estudo mais aprofundado sobre as feiras em sua formação e designação, podemos encontrar em livros raros, algumas informações que confirmam o primor desses eventos. Obras francesas, como *Études sur les foires de Champagne, sur la nature, l'étendue et les règles du commerce qui s'y faisait aux XIIe, XIIIe et XIVe siècles*, do historiador francês Louis Félix Bourquelot (1815 – 1868), ou *Essai historique sur le droit des marchés et des foires* (Figura 1), Tese de doutorado de Paul-Louis Huvelin (1873 - 1924). Huvelin, historiador francês jurídico, especialista em Direito Romano, trouxe um conceito sobre o evento das feiras em todo o seu organismo: a ideia de paz (HUVELIN, 1897, p. 338), dado que pontuamos neste trabalho.

Figura 1 – Capa da obra *Essai historique sur le droit des marchés et des foires*, Tese de Doutorado de Paul-Louis Huvelin



Fonte : Tolosana, Université Fédérale (La bibliothèque)¹⁹

¹⁹ Disponível em: <<https://tolosana.univ-toulouse.fr/fr/notice/003547809>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

Na Grécia Antiga, as chamadas *Panégyris* eram as feiras conhecidas por suas manifestações religiosas coletivas periódicas, que se destacavam nos calendários religiosos e atraíam uma multidão de peregrinos, atletas e artistas, além de possibilitar trocas comerciais. Com o passar do tempo as atividades comerciais foram incorporadas às atividades religiosas para fornecer aos participantes do evento, o suficiente para subsistir durante o tempo em que ali passavam, o que culminou no nascimento das feiras reais de troca (CHANDEZON, 2000, p. 71).

Os romanos influenciados pela cultura grega constituíram a *Matronalia*, um festival religioso em que participavam mulheres casadas as quais faziam suas oferendas a Juno Lucina, a deusa romana, para que assim possuísem a felicidade conjugal (BRITANNICA, 2007, *online*)²⁰. A *matronalia* era uma festa que lembrava uma feira, onde os escravos gozavam de total liberdade (BOURQUELOT, 1865, p. 6).

Nundinae, nome de etimologia latina dado pelos romanos para *feira* ou *mercado*, que acabou sendo aplicado para as feiras propriamente ditas durante a Idade Média (HUVELIN, 1897, p. 27), acontecia de nove em nove dias e foram inseridas no antigo calendário romano, atraindo pessoas do campo para negociar, vender ou trocar alimentos e conhecer as leis que estavam vigentes. Para visita à cidade nos dias de *nundinae*, cortava-se as unhas, lavava-se todo o corpo e não somente braços e pernas, como fazia-se na forma habitual. Inscrições antigas trazem a figura do deus protetor das feiras, deus Mercúrio: *Mercurio Nundinatori* (BOURQUELOT, 1865, p. 8). Alguns grandes mercados que eram isentos de impostos em algumas cidades da Itália, também tinham a denominação de *nundinae* (BOURQUELOT, 1865, p. 6-7).

Com relação aos impostos, Bourquelot (1865, p. 176) trata sobre o decreto real de 7 de março de 1295, estabelecido entre o Rei Filipe (o Belo) e os italianos, obrigando comerciantes da Itália “a pagar impostos sobre as mercadorias vendidas, sobre os contratos celebrados, sobre as operações bancárias realizadas nas feiras”²¹, portanto, “a concessão de feiras não acontecia na Idade Média sem cumprimento de certas formalidades” (BOURQUELOT, 1865, p. 19, tradução nossa)²², o que demonstra certo rigor e controle sobre serviços e produtos no ambiente mercadológico das feiras.

²⁰ Disponível em: < <https://www.britannica.com/topic/Matronalia>>. Acesso em: 02 out. 2021.

²¹ Original: [...] *au payement d'impôts sur les marchandises vendues, sur les contrats passés, sur les opérations de banque faites aux foires.*

²² Original: *La concession des foires n'avait pas lieu au moyen âge sans l'accomplissement de certaines formalités.*

Os termos *feira e mercado* são equivalentes em várias línguas dentro da literatura antiga e atendem às mesmas necessidades, sendo os termos *emporium, duit, missa, forum, feria*, usados para designar toda a instituição em esferas diferentes (HUVELIN, 1897, p. 27).

Foire ou *marché* foram os termos utilizados na França e em suas fronteiras para designar o comércio instalado periodicamente nas praças públicas. Na Itália, *fièra*, ou seu sinônimo *mercato*; e *feira*, em português, advindo do latim popular *feria e* do latim clássico *feriae*.

[...] **feira** *sf* ‘mercado’ XIII. do lat. *feria* ‘dia de festa’. Na alta Idade Média, por influência da igreja, os nomes dos dias da semana, com exceção de sábado e domingo, eram designados em latim: *secunda feria, tertia feria, quarta feria, quinta feria, sexta feria*. Das línguas românicas, a única que adotou essas designações [...] foi o português, onde elas já se documentam desde as origens do idioma. Em sentido litúrgico, o lat. *féria* corresponde, pois, a ‘dia de festa’, ‘dia de repouso’, ‘dia feriado’; mas como nesses dias era costume oferecerem os mercadores em praça pública aos frequentadores das festividades religiosas a suas mercadorias, as expressões *secunda feria, tertia feria* etc., passaram a denominar os dias da semana, perdida que foi a noção original de ‘dia de repouso’ em razão do predomínio das ‘feiras’ comerciais sobre as ‘feiras’ litúrgicas. (CUNHA, 2012, p. 288, grifo do autor)

Na Idade Média as feiras se diferenciavam dos mercados locais, esses últimos eram fixados nos lugarejos visando fornecer provisões necessárias ao cotidiano, já as feiras, poderiam ser comparadas às exposições internacionais para grandes comerciantes, existindo um movimento nômade que acompanhava o crescimento desses povoados. Qualquer interessado poderia colocar o excedente de sua produção à venda ou comprar especialmente no atacado, conforme diz Pirenne (1963, p. 101): “qualquer indivíduo, seja qual for a sua pátria, e qualquer objeto negociável, seja qual for a sua natureza, serão bem recebidos”.

O período de feiras era um valioso mecanismo para as festividades religiosas, “as feiras desempenharam um papel extremamente importante na vida econômica da *oppida* da Gália pré-romana. A maior parte do tempo eles estavam em conexão com as reuniões de adoração” (MITTERAUER, 1973, p. 712, tradução nossa)²³. Em dias de feira interrompiam-se as guerras e a paz era garantida por algum tempo.

Conforme diz Bourquelot (1865), no contexto de uma população ainda em sua infância, a chegada de um navio ou de uma caravana que atravessara terras distantes era o sinal de que alimentos e mercadorias seriam trazidos pelos viajantes. O boato se espalhava por toda

²³ *Oppida* são povoados, vilarejos. No original: *Les foires jouaient dans la vie économique des oppida de la Gaule préromaine un rôle extrêmement important. Le plus souvent elles étaient en liaison avec des réunions cultuelles.*

parte, a multidão apressava-se na busca por produtos ou dinheiro e uma calma nas relações confrontosas era evidente:

Algumas hordas selvagens vão para as fronteiras em horários combinados, e, a favor de uma paz exigida por necessidades mútuas, fazem a troca, em terreno neutro, dos frutos de seu solo ou de seu trabalho. Em um estágio mais avançado da civilização, as feiras tornam-se reuniões de pessoas que se encontram voluntariamente em lugares fixos, em intervalos periódicos ou não, para vender e para comprar [...] Ao lado de produtores, comerciantes e consumidores, existem pessoas que vêm para manter relações úteis aos seus interesses, os desocupados, atraídos pela curiosidade, em busca das distrações e do entretenimento que as grandes reuniões trazem em seu rastro. (BOURQUELOT, 1865, p. 4-5, tradução nossa)²⁴

Entretanto, a consolidação das feiras e sua importância para a economia no mundo se deu na Idade Média, principalmente na cidade de Champagne, na França, que possuía uma situação geográfica favorável às rotas comerciais, influenciando sobremaneira um comportamento comercial que provocou uma formalidade para sua instituição, gerando novos processos narrativos, novas regras instituindo as leis do comércio como veremos a seguir.

1.2 Os sentidos do direito

Existindo um nomadismo comercial, o evento da feira de mercadorias era o único mecanismo de grande comércio em um estado rudimentar de civilização. “Tais foram as feiras primeiro Champagne e Fiandre, Lyon e Genebra então, finalmente Alemanha e Rússia. Esta listagem atesta a preferência dessas grandes reuniões comerciais tanto pelos centros das regiões produtoras quanto pelos países de passagem e encruzilhada” (ARBOS, 1923, p. 555, tradução nossa)²⁵. Grandes reuniões de negócios realizadas geralmente de forma trimestral entre agricultores e produtores de diversas localidades que cruzavam de cidade em cidade para se reunir, tinham duração de vários dias, o que explica a periodicidade predeterminada das feiras em tempos modernos.

²⁴ Original: *Certaines hordes sauvages se donnent rendez-vous aux frontières à des époques convenues, et, à la faveur d'une paix A un degré de civilisation plus avancé, les foires deviennent des réunions de gens qui se rencontrent volontairement dans des lieux fixes, à des intervalles périodiques ou non, pour vendre et pour acheter [...] A côté des producteurs, des marchands et des consommateurs, se présentent les gens qui viennent entretenir des relations utiles à leurs intérêts, les oisifs, attirés par la curiosité, cherchant les distractions et les divertissements que les grandes réunions amènent à leur suite.* Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/mesav_1267-9003_1865_num_5_1_1149> Acesso em: 21 out. 2021.

²⁵ Original: *Telles ont été les foires de Champagne et de Flandre abord, de Lyon et de Genève ensuite, puis Allemagne en de Russie. Cette énumération témoigne de la préférence de ces grandes réunions commerciales soit pour les centres de régions productrices soit pour les pays de passage et de carrefour.*

Uma questão é sobremaneira intrínseca ao contexto desses eventos mercadológicos iniciáticos. Está presente no encadeamento histórico das feiras a gênese das leis do comércio, como cita Caenegem (1999, p. 119): “O *ius mercatorum* (direito comercial) ocidental foi amplamente modelado pelas grandes feiras internacionais de comércio, em particular pelas Champanhe nos séculos XII e XIII”. Por conta dos impostos captados pelo Estado foram criadas normas especiais de garantia visando estimular a sua realização, tornando-se um evento seguro para as transações do comércio (MARTINS, 2018, p. 6).

O ilustrador francês Jacques Callot (1592–1635), um dos gravadores mais influentes do século XVII, em seu período na Itália presentificou a feira anual na cidade de Impruneta na Toscana, detalhando as atividades da feira ao ar livre ocorrida na frente da igreja local. Com mais de 1.200 figuras na cena altamente detalhada (Figura 2) traz a representação de pessoas de todas as classes sociais que eram atraídas pelo entretenimento, como se pode observar nas figuras dos encantadores de serpentes (canto inferior direito) e a punição de um criminoso por tortura (canto superior esquerdo).

Figura 2 - *La foire d'Impruneta*, 1620 - Jacques Callot



Fonte: Princeton University Art Museum's collections²⁶

²⁶ Disponível em: <<https://artmuseum.princeton.edu/collections/objects/53096>>. Acesso em 10 out 2020.

Na região das Gálias as feiras foram inseridas nas celebrações religiosas em locais fixos e em datas tradicionais que atendiam às necessidades da população do entorno, o que estimulou a construção de pousadas para comerciantes *estrangeiros* que iam negociar seus excedentes (MITTERAUERE, 1973, p. 713).

A consolidação desse intercâmbio entre as diferentes nações no movimento medieval, permitiu que a partir do século XII houvesse uma movimentação das línguas vernáculas europeias que passaram a ter uma ascensão através das chamadas *cartas*²⁷ (Figura 3), que até então, em situação de monopólio, eram escritas em latim.

Figura 3 - Carta transferindo terras, 1395



Fonte: The History Blog²⁸

Essa prática de linguagem ancorada às condições socioculturais, sociopolíticas e socioeconômicas de um contexto histórico feudal (BRUNNER, 2009, p. 67-68), passou pelo ambiente das feiras:

Pode ter havido clérigos, e entre eles escribas, viajando de uma abadia ou de uma escola para outra, antes que o cadinho das universidades fosse estabelecido. Poderia haver também leigos como os mercadores que, por exemplo, se encontravam nas grandes **feiras** desta Europa "lotaríngia" da grande fronteira linguística entre as

²⁷ Podem ser definidas como escritos do período medieval que/ manifestavam um ato jurídico, abrangendo documentos reais, bem como papais e documentos privados, que eram selados ou não (BAUTIER, 1977, p. 82). Conforme definição comum na diplomacia alemã, as cartas, ou *Urkunden*, eram textos de natureza jurídica (ROLAND; ZAJIC, 2011, p. 152)

²⁸ Disponível em: <<http://www.thehistoryblog.com/archives/36792>>. Acesso em 12 out. 2021

línguas românicas e as línguas germânicas”. (BRUNNER, 2009, p. 71, tradução e grifo nossos)²⁹

Conforme avalia Laraia (2008, p. 68), “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais [...] são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura”, dessa forma, podemos observar no ambiente iniciático das feiras europeias toda uma movimentação entre comerciantes de diferentes países, imprimindo fatores extralinguísticos determinantes para as questões da igreja, para o desenvolvimento e valoração das leis comerciais e para a instalação definitiva das línguas vernáculas.

Conforme Le Goff (2014, p. 8), o *dinheiro* como produto de riqueza ou de abundância tinha uma conotação diferente na época medieval. Ser *rico* detinha o sentido de possuir poder, de ser proprietário de muitas terras e de homens, e não se relacionava ao dinheiro como se idealiza na modernidade. No francês medieval, as palavras que mais se aproximam do sentido de *dinheiro* como produto da modernidade eram *moeda* (*monnaie*), *denário* (*penny*) ou *pecúnia* (*pecuniaire*). Em vista disso, acompanhamos o pensamento de Câmara Jr (2011, p. 17) quando reflete sobre a importância de compreender textos antigos, fazer comparações entre a linguagem do passado e a do presente, “compreender os traços linguísticos obsoletos a fim de captar a mensagem artística”.

Dubois (2015, item 31, *on-line*, tradução nossa) explica que as feiras medievais desempenharam um importante papel nas questões da moeda, do câmbio financeiro, do mercado internacional de produtos e no estabelecimento do direito comercial, sendo “de fato, a primeira história de nossos mercados”³⁰. Sendo assim, entendemos que as feiras em suas narrativas desempenhavam um movimento de grande troca entre os povos, porém, vivenciavam um determinismo político e religioso em um dualismo entre a liberdade e a opressão, como pontuamos à frente.

²⁹ Original: *Il put y avoir des clerics, et parmi eux des scribes, voyageant d'une abbaye ou d'une école à une autre, avant que ne s'instaure le creuset des universités. Il put aussi y avoir des laïcs comme les marchands qui par exemple se rencontraient dans les grandes foires de cette Europe « lotharingienne » de la grande frontière linguistique entre langues romanes et langues germaniques..*

³⁰ Original: *Elles sont bien la première histoire de nos marchés.* Disponível em: < <https://books.openedition.org/igpde/3901#ftn3> > Acesso em: 20 out. 2021

1.3 A feira é livre?

Entendemos que a historicidade das feiras possui um campo semântico que a consagra como um importante evento social que está para além do comércio, e é o que podemos comprovar através dos estudos etnográficos, conforme cita Coseriu (1983, p. 47, tradução nossa):

A etnografia da linguagem, no nível histórico, tem a tarefa de identificar a "cultura" não-lingüística refletida nas línguas (experiência, conhecimentos, ideias e concepções) e pode até atingir a "visão de mundo" manifestada por uma língua. Mas, a este respeito, deve-se ter em mente que a linguagem é estritamente "atualidade da cultura" (em sentido cronológico) apenas em seu momento inicial e que mais tarde, tornando-se uma tradição autônoma, pode continuar a refletir fatos da experiência e da cultura "inatuais" (que não são mais atuais)³¹.

Bakhtin (1987, p. 133) narra que no período da Idade Média, os juramentos, as grosserias, os diversos elementos que constituíam a “linguagem familiar” e que apareciam nos discursos que ressoavam em praça pública, eram inutilizáveis em outro local, pois era uma linguagem “diferenciada da usada pela Igreja, pela corte, pelos tribunais, pelas instituições públicas, pela literatura oficial, da língua falada das classes dominantes”.

A feira e o mercado eram sinônimos de conversas barulhentas, discussões animadas e burburinhos (CHERUBINI, 1996). Bakhtin pontua que a praça pública era um local permitido para tudo o que não era oficial, em dias de festa ou em dias de feira, um ponto de convergência contava com “o direito de ‘exterritorialidade’ no mundo da ordem e da ideologia oficiais, e o povo aí tinha sempre a última palavra” (BAKHTIN, 1987, p. 132).

No mercado existe um tipo de liberdade de comportamento de indivíduos que se aplica a todos: *In piazza o al mercato, ciascuno è licenziato* é uma expressão relatada pelo dicionário de *La Crusca* que significa que, nesta ocasião, era permitido ir embora sem se despedir das pessoas que conheceu. (CHERUBINI, 1996, item 16, *on-line*, tradução nossa)³²

³¹ Original: *La etnografía del lenguaje, en el nivel histórico, tiene el cometido de identificar la “cultura” no-lingüística en cuanto reflejada en las lenguas (experiencia, saberes, ideas, concepciones) y puede llegar hasta la “cosmovisión” manifestada por una lengua. Pero a este respecto hay que tener en cuenta que el lenguaje es estrictamente “actualidad de la cultura” (en sentido cronológico) solo en su momento inicial y que luego, constituyéndose en tradición autónoma, puede seguir reflejando hechos de experiencia y de cultura “inactuales” (que han dejado de ser actuales).*

³² Original: *Au marché, il existe une sorte de liberté de comportement des individus qui vaut pour tout le monde: « In piazza o al mercato », ciascuno è licenziato est une expression reportée par le dictionnaire de La Crusca qui signifie que, à cette occasion, il est permis de s'en aller sans prendre congé des gens que l'on a pu rencontrer.*

Porém, Gurevich (1985) rebate o pensamento de Bakhtin sobre essa liberdade temporária em tempos medievais, criada para os dias festivos de feira com seus discursos em praça pública, tendo em vista que o domínio do clero e da nobreza estavam presentes naquele contexto inventivo de dualidade, oficial e não-oficial, tutelado por um regime absolutista e opressor: “[...] 'liberdade' em seu significado medieval é algo bem diferente tanto do conceito antigo quanto do moderno. [...] ninguém era completamente independente na sociedade medieval”³³ (GUREVICH, 1985, p. 193, grifo do autor).

Por volta do século XVI, o teatro de feiras era o grande espetáculo para os populares em meio às barracas e mercados, sendo tradicional a presença de “humoristas, treinadores de animais, acrobatas, malabaristas e baladeiros de todos os tipos [...] saltadores e dançarinos de corda” (PAUL-MARCETTEAU, 1983, p. 307, tradução nossa)³⁴.

Figura 4 - Frontispice de "Le Théâtre de la foire". Bernard Picart (1673-1733).



Fonte: Gallica – BNF³⁵

³³ Original: 'Freedom' in its medieval meaning is something quite different both from the ancient and the modern concept [...] No one was completely independent in medieval society.

³⁴ Original: [...] comédiens, montreurs d'animaux, acrobates, jongleurs et baladins de toute sorte. [...] les sauteurs et danseurs de corde..

³⁵ Disponível em : < <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8408746z/f1.item> > Acesso em: 26 out. 2021.

Na Paris do século XVIII, artistas de feira eram tolerados sob a condição expressa de não utilizarem seus palcos para outros fins, limitando-se às suas cambalhotas e saltos perigosos, sendo expressamente proibidos o uso de frases e diálogos. Isso se deu desde que Luís XIV de França instituiu a censura na estrutura teatral dos distritos de Paris por estar farto da liberdade de pensamento e expressão que provinha dos artistas italianos. Com o monopólio cultural e comercial estabelecido pelo Rei e com a fundação da *Comédie Française* (Figura 4), sua primeira e privilegiada companhia de teatro permanente da França, um novo gênero dramático surge no recinto de feiras refletindo uma reação contra as autoridades: “*l’opéra-comique*” (PAUL-MARCETTEAU, 1983, p. 308).

Nesse processo entre sentidos de consumo e cultura, os intelectuais da época não eram afeitos às cenas de feira e desprezavam essas diplomacias populares por entenderem como algo torpe, porém, a ascensão econômica advinda dos espetáculos foi evoluindo e atraindo o interesse dos grandes empreendedores e administradores (PAUL-MARCETTEAU, 1983, p. 311).

“Fumar, dançar, comer, não se preocupar com nada fazem parte do decálogo do *bon vivant*” (SOLANA, 1997, p. 212, tradução nossa)³⁶, essa era *la belle vie* descrita nas peças de teatro de feira, cujas cenas tinham mensagens implícitas como fome, miséria, medo, diferença social e as atividades da vida cotidiana. Para contornar a censura com a proibição do falar criaram peças em sinais: com o auxílio de um cabide de tecido que poderia ser pendurado pelas mãos de crianças pequenas, nele continham as palavras escritas que eram imitadas pelos atores.

O conceito de carnavalização elaborado por Bakhtin fala sobre “uma visão de mundo e um modo de vida protagonizado pelos setores populares, a partir de certos deslizamentos do seu sentido histórico original, descolando-se da esfera oficial” (MIRANDA, 2021, p. 139). Nesse ponto de vista, entendemos que o cotidiano das feiras nos aparentes processos de dualidade, ordem e desordem, liberdade e opressão, demonstram um “espírito carnavalesco” que está em oposição à cultura oficial.

Uma culturalização que provém da dominação religiosa através de um calendário litúrgico que rege os negócios da época, dos interesses econômicos e políticos por parte da nobreza, mas que se harmonizam em períodos de feiras promovendo uma paz temporária em um *ilusório* sentido de igualdade e liberdade entre diversos grupos sociais, incluindo a presença “dos desempregados, dos criados, dos servos de aluguel, dos alunos da Universidade. Às vezes

³⁶ Original: *Fumer, danser, manger, ne s'embarrasser de rien font partie du décalogue du bon vivant*. Disponível em : <https://www.persee.fr/doc/dhs_0070-6760_1997_num_29_1_2173?q=foire>. Acesso em: 24 out. 2021.

também era frequentado à noite pelos grandes senhores, e não era incomum encontrar pessoas da corte” (D’AURIAC, 1878, p. 10, tradução nossa)³⁷.

Jean Jacques Élisée Reclus (1830–1905), geógrafo e anarquista francês, explanou em sua obra *L'évolution, la révolution et l'ideal anarchique* (1914)³⁸ uma concepção sobre as fronteiras do conhecimento, estabelecendo os primórdios de uma geografia crítica em que analisa o espaço geográfico como evolutivo e complexo, um espaço cultural construído pelo homem, suas relações e fatores sociais. Muito censurado em sua época, seus apontamentos nos chamam atenção por trazer como basilar o conhecimento adquirido fora dos sistemas elencados como determinantes, e traz uma visão do universo das ruas:

No entanto, se a instrução fosse dada apenas na escola, governos e igrejas ainda poderiam esperar manter os espíritos em cativeiro, mas é fora da escola que se aprende mais, na rua, na oficina, **em frente às barracas de feiras**, no teatro, nos vagões ferroviários, nos barcos a vapor, diante de novas paisagens, em cidades estrangeiras (RECLUS, 1914, p. 228-229, tradução e grifo nossos)³⁹.

Vozes, percepções, interpretações, expressões advindas de uma prática popular agregadora, uma visão de mundo que oportunizava uma diversidade nas maneiras de enunciar: provocativa, artística, temporária, carnavalizada, e por certo, oprimida, porém, que provocam impressões que se concretizam na popularidade das feiras em todo o mundo. Mas nem sempre foram tempos eufóricos no ambiente das feiras. As adversidades das fatídicas epidemias trouxeram novos modos de estar e fazer e alterações em suas práticas sociais, como veremos a seguir.

1.4 O tempo das pestes

Nas narrativas da gênese das feiras, não somente encontramos os valores relacionados aos movimentos mercadológicos que incluem diversas atividades sociais investidas no cotidiano das cidades; podemos apreender, também, mudanças significativas na produção dos sentidos quando os eventos sofreram alterações em suas práticas.

³⁷ Original : [...] des désœuvrés, des domestiques, des valets, des élèves de l'Université. Elle était parfois aussi fréquentée la nuit par les grands seigneurs, et il n'était pas rare d'y rencontrer des gens de la cour [...].

³⁸ Disponível em : <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k23480p/f5.item.r=foire>> Acesso em: 10 nov. 2021.

³⁹ Original : Toutefois, si l'instruction ne se donnait que dans l'école, les gouvernements et les églises pourraient espérer encore de maintenir les esprits dans la servitude, mais c'est en dehors de l'école que l'on s'instruit le plus, dans la rue, dans l'atelier, devant les baraques de foire, au théâtre, dans les wagons de chemins de fer, sur les bateaux à vapeur, devant les paysages nouveaux, dans les villes étrangères..

Dissemos que as feiras da Idade Média, tanto as pequenas quanto as grandes feiras, se caracterizavam pelo intenso movimento nas cidades. Os camponeses que semanalmente levavam seus produtos para suprir as necessidades da população da região eram motivados, diz Pirenne (1963, p. 16), muito mais pelo “instinto de sociabilidade” do que pelo “ganhar dinheiro”, pois nessas circunstâncias se deparavam com a única distração que possuíam que era a de perambular pelos mercados, uma atividade que chegou a ser citada e reprimida no Século VII no reinado de Carlos Magno: “Cada juiz deve garantir que nossa família esteja trabalhando bem em seu trabalho e não *perdendo tempo no mercado*” (BORETIVS; KRAUSER, 1883, TOMVS I, p. 88, tradução e grifo nossos)⁴⁰.

Lembramos que a circulação de uma cidade a outra era difícil, por isso as feiras medievais se diferenciavam do contexto dos mercados locais, sendo realizadas uma ou duas vezes ao ano com festas, eventos religiosos, negócios, possuindo alcance internacional pela venda de mercadorias de todos os tipos e lugares, servindo de “ponto de encontro para as caravanas periódicas” (Wolff, 1988, p. 132). Outras feiras se fixaram, nascendo em sua maioria dos “desenvolvimentos das relações entre Europa do Norte e região mediterrânea” (WOLFF, 1988, p. 133-134, grifo nosso) e traziam algumas características em sua organização:

As feiras eram estabelecidas em grandes rotas de passagem, ou próximas dos principais centros de produção - e não forçosamente dentro ou perto de cidades importantes. [...] Com efeito, a instalação era sumária: às vezes, **era apenas um campo provisório de tendas e de barracas, num local aberto** (assim foi no começo em Lyon, às margens do Saône). Apesar de utilizadas apenas de modo intermitente, as instalações podiam ser próprias e duráveis, como em Gênova [...] Muitas vezes, várias feiras sucediam-se nos lugares vizinhos durante a maior parte do ano.

Como vemos ao longo do capítulo, as feiras estavam distribuídas em diversos locais onde as multidões se aglomeravam junto aos mercadores que abasteciam as cidades e traziam diversos produtos como: especiarias, tecidos, lãs, couros, algodão, produtos leiteiros, vinhos, madeira, produtos metalúrgicos, tinturas etc. As feiras de Leipzig, que se desenvolveram por volta do Século XV, formaram um grande mercado de peles, prata e o “comércio de livros”, produto que estava ganhando importância na época (WOLFF, 1988, p. 134-137).

Mas não foram somente tempos de livre comércio, festividades, cultos religiosos e sociabilidade, como veremos a partir de agora. No tempo das feiras medievais grandes

⁴⁰ Original: *Ut unusquisque iudex praevideat, quatenus familia nostra ad eorum opus bene laboret et per mercata vacando non eat.*

adversidades abalaram as sociedades, tais como as guerras, a fome, as epidemias ou as chamadas pestes.

Entre 1300 e 1700, diz Cicco (2014, p. 46), a expectativa de vida era em média de 30 anos sendo que no período entre 1348 e 1378 a grave epidemia da Peste Negra diminuiu esse índice para 17 a 33 anos. Uma crônica escrita em latim atribuída a Jean de Venette (1307-1370), um religioso da ordem dos Carmelitas, traz a descrição da população que vivia dias terríveis com a chegada da Peste Negra que fora anunciada, segundo a narrativa, pelo avistamento de um meteoro muito brilhante no céu de Paris em agosto de 1348, sendo “um presságio da espantosa pestilência que estava por vir, que, de fato, se seguiu muito em breve em Paris e em toda a França e noutros lugares” (VENETTE, 1953, p. 49, tradução nossa)⁴¹.

Venette (1953, p. 50) expõe a crença sobre a contaminação pelo ar, poços e riachos, sendo a culpa pelos feitos atribuída aos judeus, os quais foram massacrados e queimados pelos ditos “maus cristãos”. A população seguia procurando explicações sobre as possíveis causas das mortes repentinas e numerosas tratando a situação como forma de punição ou castigo divino: “a vontade de Deus e os humores corruptos e o mal inerente ao ar e à terra” (VENETTE, 1953, p. 50, tradução nossa)⁴². A medicina da época se achava impotente perante a letalidade da epidemia que causou “o desaparecimento de metade da população europeia, ou seja, 25 milhões de pessoas”⁴³ (CANTAU, 2013, on-line, tradução nossa), esvaziando muitas aldeias e cidades.

E o que aumentou a intensidade da epidemia, dizia o bom senso da população, foi o “fato de os doentes, por seu comércio diário, contaminarem os indivíduos ainda são” (WOLFF, 1988, p. 19). O nomadismo comercial no século XIV estabeleceu um rápido desenvolvimento econômico, porém a eclosão da epidemia seguiu afetando as “tradicionais rotas de grande comércio entre o Oriente e o Ocidente, de leste a oeste em direção ao Mediterrâneo e Europa, espalhando-se ao ritmo dos movimentos humanos”⁴⁴, dizimando até os exércitos que sitiavam as cidades em tempos de disputas comerciais, como acontecia em Caffa, colônia genovesa da Criméia (BARRY; GUALDE, 2008, p. 466, tradução nossa).

Wolff (1988, p. 19) argumenta que, sendo a Peste Negra altamente contagiosa e de rápida evolução, conforme as mortes iam ocorrendo “a pseudociência de outrora identificava

⁴¹ Original: *a presage of the amazing pestilence to come, which, in fact, followed very shortly in Paris a throughout France and elsewhere*

⁴² Original: *the will of God and the corrupt humors and evil inherent in air and earth*

⁴³ Original: *faisant disparaître la moitié de la population européenne soit 25 millions de personnes.*

⁴⁴ Original: *traditionnelles du grand commerce entre l’Orient et l’Occident, d’est en ouest vers la Méditerranée et l’Europe, se diffusant au rythme des déplacements humains*

como a poluição do ar, sob o efeito de temíveis conjurações astrais ou de emanções pútridas que vinham do chão”, e se utilizava de diversos meios na tentativa de impedir a propagação da doença.

Muitas medidas foram tomadas pelos médicos franceses e italianos durante essas pestes, como o uso de essências de arruda, cravo, rosas etc., colocadas em uma esponja para serem inaladas. As fumigações⁴⁵ com diversos arbustos, incenso, cânfora, enxofre, folhas de carvalho, absinto, entre muitos outros produtos, eram feitas de forma tão intensa que sufocavam os canários que caíam mortos, o que permitia a população entender que o ar estaria contaminado (NOHL, 1971, p. 62). Outras recomendações, como não comer carnes de aves, peixes, leitão, carne gorda; não dormir durante o dia; não sair à noite por conta do orvalho; proteger-se do frio, da umidade e da chuva; não tomar banho e não manter relações sexuais com mulheres (NOHL, 1971, p. 60), também fizeram parte das providências emergenciais.

Figura 5 – Máscara médico da peste - Alemanha/Áustria, 1650/1750 © DHM



Fonte: *Deutsches Historisches Museum* ⁴⁶

Por volta do Século XVII, é creditada a Charles Delorme, médico da realeza europeia, a primeira composição de um traje muito peculiar para os conhecidos *médicos da peste* e para os trabalhadores que limpavam casas e atendiam as vítimas da doença (RUISINGER, 2020, p. 239-240). A vestimenta possuía uma túnica de couro protetora e “na mão esquerda, carregavam um bastão como símbolo de seu cargo e, na frente do rosto, uma máscara de bico cheia de

⁴⁵ Fumigação é a “exposição do corpo ou de órgão à ação de vapores [...] desinfecção por meio de vapores ou de gases (geralmente praticada na agricultura, para exterminar insetos, ervas daninhas etc.)” (MICHAELIS, [on-line](#)).

⁴⁶ Disponível em: < <http://www.dhm.de/blog/2020/04/30/suddenly-on-point-dr-beak-at-the-dhm/> > Acesso em: 30 mai. 2022

substâncias protetoras e perfumadas” (RUISINGER, 2020, p. 240, tradução nossa)⁴⁷ (Figura 5). Essas figuras que circulavam pelas ruas das cidades causavam medo nas crianças (NOHL, 1971, p. 64):

Consideramos inúteis as precauções que tomavam então, aspergindo dinheiro e cartas com vinagre, acendendo fogos purificadores nas encruzilhadas das cidades contaminadas, desinfetando roupas e moradias com enxofre e perfumes fortes, só saindo com o rosto coberto por uma **máscara com o formato de cabeça de pássaro** cujo bico era cheio de substâncias odoríferas (WOLFF, 1988, p. 19, grifo nosso).

Conforme esclarece Nohl (1971, p. 73), medidas sanitárias criadas em Veneza no período entre 1348 e 1485 serviram de modelo para todos os estados europeus. Os venezianos foram prestadores de serviços de saúde, os primeiros a isolar e cuidar dos doentes estabelecendo até um judiciário para esse fim. As pessoas e mercadorias que chegavam do Oriente eram colocadas em isolamento em uma ilha que ficou conhecida como *Nazarethum*, de onde a expressão lazareto⁴⁸ é derivada. O isolamento tinha a duração de 40 dias pelo fato de que “Cristo, Moisés e tantos outros permaneceram isolados no deserto por esse número de dias”⁴⁹ (NOHL, 1971, p. 73, tradução nossa), ficando conhecido como *quarentena*.

Esclarece Wolff (1988, p. 115) que seguramente nos Séculos XIV e XV “as condições em que se praticava o comércio eram muito desfavoráveis”, o que fez diminuir seu volume neste período devido às desordens monetárias vinculadas a guerra que provocava o fechamento de fronteiras; “o fato de que as feiras não gozavam mais da liberdade de outrora: os enviados do rei intervinham cada vez mais”; e ainda, a imprevisibilidade das epidemias e da fome (WOLFF, 1988, p. 134).

Sendo assim, as feiras declinaram em sua importância como centros financeiros pelas vicissitudes, mesmo havendo um retorno à segurança, um crescimento e uma regularização do comércio. Tornaram-se instituições condenadas e somente “fora das regiões mais avançadas, as feiras conservavam uma função essencial” (WOLFF, 1988, p. 137).

⁴⁷ Original: *in der linken Hand trugen sie einen Stock als Zeichen ihres Amtes und vor dem Gesicht eine Schnabelmaske, die mit schützenden, wohlriechenden Substanzen angefüllt war*

⁴⁸ Consta em Portugal Dicionário Histórico: “Edifício próprio para as quarentenas, isolado a destinado a receber e a desinfetar as pessoas e os objectos provenientes de lugares onde reine uma doença epidémica ou contagiosa. A instituição dos lazaretos é muito antiga, mas só relativamente tarde é que, à força de serem devastadas pela peste, as cidades do Mediterrâneo trataram de defender-se dessa terrível epidemia. Veneza estabeleceu em 1348 os provedores da saúde, a em 1403 criou um hospital numa ilha dos frades agostinhos, chamada Santa Maria da Nazaré. A palavra Lazareto vem de S. Lázaro, considerado como advogado contra os leprosos”. Disponível em: <<https://www.arqnet.pt/dicionario/lazareto.html>> Acesso em: 31 mai. 2022.

⁴⁹ Original: *Christ, Moses, and so many others have remained isolated in the desert for this number of days*

O inglês John Howard (1726-1790), filantropo que prezava pela reforma da saúde pública, traz em sua obra *Historia dos Principaes Lazaretos D' Europa, acompanhada de diferentes memorias sobre a Peste, etc* (1800)⁵⁰, alguns aspectos jurídico-sanitários estabelecidos desde a instalação da casa de saúde pelos venezianos em 1448, que foram aprimorados e instituídos às questões do comércio (HOWARD, 1800, p. 32-33, grifos nossos):

*Não cancarei meus leitores com miúdas relações de todas as circüinstancias, que são relativas a este tribunal; só direi o que for necessário para formar huma idéa de seu regulamento, e ordem, que observa, para purificar as **mercadorias**, e passageiros, que vem de paizes suspeitos de infecção de peste. Fallarei do tribunal, dos deveres, e autoridade de seus Magistrados [...] Os Priores dos Lazaretos dependem desta corporação, ou Magistrado, como também os guardas da Saúde, e mensageiros, cujos respectivos deveres adiante direi. Elle conserva inspectores em diferentes partes da Cidade para examinar as provisões, que se vendem nas **feiras públicas**, boticas, etc. Estes|inspectores fazem relação de tudo, que acharão, que se pôde encaminhar a offender a saúde pública. [...] Além do tribunal de Saúde estabelecido em Veneza, cada capital do estado de Veneza, ou cada Cidade, que he de alguma importância por seu **commercio**, tem hum para si em particular, construido pelo mesmo plano que o da Metropole. Elle he dirigido pelos cidadãos do lugar, que não tem commercio algum, que fazem seu serviço grátis, e olhão como cousa honrosa o attender pela saúde dos seus concidadãos.*

As feiras já não proporcionavam as mesmas experiências que provinham das trocas internacionais, da intensa movimentação nos portos onde as multidões aguardavam os mercadores e suas ofertas, das apresentações artísticas, dos feriados religiosos, da negociação nas ruas e praças. Somente “renascerão a partir do fim do século XIX, sob a forma de feiras de amostras” (WOLFF, 1988, p. 137), onde novos conceitos estariam moldando as práticas das feiras, fortalecendo o comércio local e trazendo segurança para toda a sociedade.

Outras epidemias ceifariam milhares de vidas até a chegada do Século XX, como a “febre-amarela e varíola, [...] depois espalhadas pelo mundo inteiro, as agressivas e devastadoras epidemias de cólera” (ALMEIDA, 2014, p. 691).

Esses fatos etnográficos que nos demonstram mudanças nos sentidos das práticas sociais, nas práticas das feiras e nas rotas do comércio das cidades medievais, nos possibilitam semiotizar com os dados referentes aos tempos atuais das feiras, pois as relações entre as epidemias e o comércio são imanentes. E não seria diferente no Século XXI, como veremos nas narrativas inseridas em nossas análises quando uma pandemia viral sem precedentes movimentou medidas urgentes para promover a normalidade das práticas sociais.

⁵⁰ Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5267>> Acesso em: 01 jun. 2022.

1.5 Feira à brasileira

Trazemos para nossas análises uma historiografia sobre as feiras em terras brasileiras, forma inicial das transações comerciais. Por volta de 1548, surgiam as primeiras feiras onde se reuniam indígenas e portugueses para a atividade do escambo, trocando-se pau-brasil por ferramentas e objetos simples. O evento da feira consta no Regimento redigido por Dom João III, Rei de Portugal, datado de 17 de dezembro de 1548 ao Governador Geral do Brasil, Tomé de Sousa, que detinha a incumbência de administrar a colonização nas terras brasileiras incluindo questões relacionadas à organização do comércio. Esse documento traz nos artigos 20 e 21, as seguintes ordenações:

E assim ordenareis que, nas ditas vilas e povoações, se faça em um dia de cada semana, ou mais, se vos parecerem necessários, **feira**, a que os gentios possam vir vender o que tiverem e quiserem, e comprar o que houver mister; e assim ordenareis que os Cristãos não vão às aldeias dos gentios a tratar com eles, salvo os senhorios e gente dos engenhos, porque estes poderão em todo o tempo tratar com os gentios das aldeias que estiverem nas terras e limites dos ditos engenhos [...] E tendo alguns Cristãos necessidade de em alguns dos outros dias que não forem de **feira**, comprar algumas cousas dos ditos gentios, o dirão ao Capitão que ele dará licença para as irem comprar, quando e onde lhe bem parecer (D. JOÃO III, 1548, códice 112)⁵¹.

Sebastião da Rocha Pita, historiador luso-brasileiro nascido na Bahia (1660-1738) traz em estilo poético uma descrição sobre o Estado do Brasil, ainda colônia de Portugal, na obra intitulada *História da América Portuguesa* (1730). Referindo-se ao território “desde seus primeiros dias, alvo da cobiça de tantos povos, que invejavam suas inúmeras riquezas de seu solo feliz” (SILVA, 1849, p. 261), reporta sobre o evento das feiras, um cenário comercial hospitaleiro, que dava os primeiros sinais de um comércio livre, mas regido sob a égide do Rei D. João V:

*O commercio, que lhe resulta dos seus preciosos generos, e da frequencia das embarcações dos portos do Reyno, das outras Conquistas, e das mesmas Provincias do Brasil, trocando humas por outras drogas, a faz huma **feira** de todas as mercadorias, hum emporio de todas as riquezas, e o pudera ser de todas as grandezas do Mundo, se os interesses de Estado, e da Monarchia lhe não impedirão o trafego, e navegação com as Nações Estrangeiras, às quaes se não falta com a hospitalidade, quando necessitadas de mantimentos, agoadas, ou concertos, vem as suas naos arribadas a este porto, a pedir o necessario para proseguirem as suas viagens [...] em tudo o mais pertencente ao apresto das suas embarcações, agoadas, refrescos, e*

⁵¹ Disponível em: <<http://resgate.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=CODICES&pagfis=11>> Acesso em: 27 out. 2021

matolotagens, são cortez, e amorosamente tratados, e servidos. (PITA, 1730, p. 79, grifo nosso)⁵²

Na obra *Travels in the interior of Brazil* (1816)⁵³, o mineralogista britânico John Mawe (1764-1829) que esteve no país por volta de 1807 e 1811 retrata em suas gravuras, os hábitos e os costumes do cotidiano dos colonos, dos escravos, da arquitetura, dos detalhes geográficos entre outras particularidades, contextualizando ainda os mercados dos povoados:

Os **mercados** estão bem abastecidos com todas as frutas tropicais, muitas das quais se diz em grande perfeição, em particular a pinha, a manga e a banana: esta última considerada a melhor da América. Frutos em conserva são em grande abundância, devido ao baixo preço do açúcar; grandes variedades delas são vendidas nas **ruas**, e duas ou três limas em conserva em uma xícara de xarope pode ser comprada por um centavo. Mesmo as classes mais baixas concluem o pior jantar com esta deliciosa iguaria (MAWE, 1812, p. 282, tradução e grifos nossos)⁵⁴.

Descrevendo em tom peculiar as características de um Rio de Janeiro colonial na obra intitulada *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* (1940)⁵⁵, o pintor e desenhista francês Jean-Baptiste Debret (1768 – 1848) retratou em aquarelas impressas por pranchas litográficas, a agitação das ruas e do porto onde se embarcava e desembarcava todo tipo de produto para comercialização e subsistência dos senhores, além do intenso tráfico negreiro.

Aconteciam naquelas ruas e praças uma atividade comercial de grande importância para o crescimento urbano carioca, responsável por abastecer mais particularmente a população pobre e escrava no entorno, as chamadas *quitandas* ou *feiras africanas* (Figura 6) que ilustram as atividades iniciais de um comércio feirante brasileiro, como podemos atestar nas contemplações de Debret (1940, vol. II, p. 216-217, grifos do autor):

[...] dedicam-se ao comércio de legumes e frutas, instalando-se nas praças; as mais ricas e donas de mercadorias chamam-se *quitandeiras* [...] como é fácil de compreender, faz-se no Rio de Janeiro, durante o excessivo calor do verão, grande consumo de bebidas refrescantes, principalmente do econômico *aluá*, com arroz macerado e açucarado, néctar da classe baixa. Vêm em seguida a lima, o limão doce e a cana de açúcar, vegetais bem aclimados e que nessa época se encontram em plena

⁵² Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000008867&bbm/4714#page/110/mode/2up>>. Acesso em: 08 nov. 2021.

⁵³ Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/518722>> Acesso em: 01 nov. 2021.

⁵⁴ Original: *The markets are well supplied with all the tropical fruits, many of which are said to be in great perfection, particularly the pine, the mango, and the banana: the latter is esteemed the best in America. Preserved fruits are in great abundance, owing to the cheapness of sugar; great varieties of them are sold in the streets, and two or three preserved limes in a cup of syrup may be bought for a penny. Even the lower orders conclude the meanest dinner with this, delicious delicacy.*

⁵⁵ Disponível em:

<<https://bibliotecadigital.seade.gov.br/view/singlepage/index.php?pubcod=10014150&parte=1>> Acesso em: 10 nov. 2021

maturação. Essas substâncias refrescantes, indispensáveis durante os meses de setembro, janeiro e fevereiro, são vendidas nas ruas da capital por uma multidão de vendedoras em sua maioria escravas de pequenos capitalistas, ou por negras livres.

Figura 6 – Os refrescos do Largo do Palácio após o jantar - *Les rafraichissemens de l'après dîner sur la Place du Palais* Jean-Baptiste Debret (1835)



Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin⁵⁶

Ao testemunhar a desigualdade existente entre as classes sociais de cultivadores da colônia (DEBRET, 1940, vol. II, p. 278), o autor ressalta a força motriz da economia do país recém colonizado. Sua análise descreve todo alvoroço do comércio desde o amanhecer com a “salva das fortalezas”, depois o “toque da Ave-Maria” chamado pelos sinos das igrejas da cidade (DEBRET, 1940, vol. II, p. 288) e a prática de compra e venda nas ruas:

[...] os mercados situados nas praias de desembarque e já abastecidos pelas embarcações chegadas de madrugada, apresentam um movimento generalizado de quitandeiras, que se encontram durante o resto do dia nas ruas [...] às 2 horas fecham-se a Alfândega e as demais repartições públicas, últimos movimentos precursores da calma sensível que vai reinar na cidade até às 4 horas da tarde, momento em que tornam a aparecer nas ruas as vendedoras de pão-de-ló para a hora do chá. No mesmo momento aparecem também as vendedoras de velas; outras vendem doces, sonhos etc. [...] De 7 às 10 ouve-se nas ruas o pregão dos vendedores de amendoim torrado, milho assado, pastéis quentes, pastéis de palmito, pudim quente, *manuê* etc., iguarias todas de grande procura (DEBRET, 1940, vol. II, p. 288, grifo do autor).

Outros autores percorreram o Brasil colônia e elegeram pontos importantes nos processos de desenvolvimento do país, como podemos ainda citar na narrativa do naturalista

⁵⁶ Disponível em: < <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3712> > Acesso em: 10 nov. 2021

francês Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853). Com seu olhar entusiasta, a obra *Viagem à Província de São Paulo* (1940)⁵⁷ ilustra algumas de suas contemplações: “enquanto permaneci em São Paulo, os frutos das jaboticabeiras estavam em plena maturidade, sendo vendidos nas ruas da cidade. As jaboticabas são as mais saborosas entre todas as frutas indígenas do Brasil [...]” (SAINT-HILAIRE, 1940, p. 203).

As descrições de Saint-Hilaire acerca do comércio da capital da província, descrevem a presença das negras que vendiam nas ruas itens comestíveis indispensáveis, como legumes, farinha, arroz, toucinho, carne seca e mercadorias diversas (SAINT-HILAIRE, 1940, p. 181).

O comércio de consumo imediato ganhou notoriedade em duas ruas que se destacaram em São Paulo: *Rua da Quitanda*, “preferida pelas “quitandeiras”, mulheres que vendiam miudezas e alimentos cozidos ou in natura”⁵⁸ e *Rua das Casinhas*, que no início do século XIX foi o local estabelecido para as quitandeiras exercerem suas atividades, conforme menciona o historiador e cronista Antônio Egydio Martins (1863-1922) em sua obra *São Paulo Antigo, 1554-1910*⁵⁹:

[...] o lugar destinado pela Camara para nelle se estacionarem as quitandeiras de verduras, legumes, fructas, leite, aves e ovos, os quaes eram expostos á venda no passeio da mesma rua, a qual, todas as manhans enchia-se de muitas pessoas com o fim de comprarem o que desejavam, sendo que, desde 1890, anno em que se inaugurou o Mercado de São João, deixou de se realizar na referida rua das Casinhas, hoje, rua do Thesouro [...] (MARTINS, 1911, vol. I, p. 149).

Dessa forma, podemos verificar que o comércio brasileiro foi desenvolvido nas praças, ruas e portos, desde o contato com o indígena até a mão de obra imigrante e escrava, conforme descreve Debret (1940, vol. II, p. 85) “tudo se assenta, pois, neste país, no escravo negro”.

Já na metade do século XIX ocorreram grandes transformações sociais no Brasil, desenvolvendo-se “o capitalismo, a burguesia urbana, os transportes e a indústria”, estimulando grandes investimentos, mas iniciando-se nesse interim, um declínio das vendas no comércio de rua, conforme esclarece Villaça (2001, p. 252) referindo-se ao comércio brasileiro na segunda

⁵⁷ Disponível em:

<<https://ia902800.us.archive.org/9/items/viagemprovinci00sainuoft/viagemprovinci00sainuoft.pdf>> Acesso em: 08 nov. 2021

⁵⁸ Disponível em: < <https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/logradouro/rua-da-quitanda> > Acesso em: 09 nov. 2021.

⁵⁹ Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=livrossp&pagfis=25836>> Acesso em: 09 nov. 2021.

metade do Século XIX, que recebe um impulso para o progresso de significativas transformações sociais:

Ao mesmo tempo que decaía o patriarcalismo rural, expandia-se o cultivo do café (já com o trabalho assalariado dos imigrantes) e desenvolviam-se o capitalismo, a burguesia urbana, os transportes e a indústria [...] A acumulação capitalista não apenas possibilitou novos investimentos em empreendimentos varejistas, como também estimulou a expansão do consumo de uma sociedade que mantinha crescente contato com a Europa, através da imigração, da navegação a vapor, do telégrafo e da imprensa. [...] Essa transformação manifestou-se também no desenvolvimento dos estabelecimentos de comércio varejista e de serviços de consumo individual. Iniciou-se o declínio dos mascates, dos vendedores ambulantes, dos quiosques e das barracas de rua, que só na década de 1980, no século seguinte, iriam ressurgir para atender, porém, às camadas populares (VILLAÇA, 2001, p. 252).

A partir dessas descrições elencadas sobre o cenário histórico do Brasil trazidas por esses pesquisadores, conferimos a agitação do comércio nas cidades coloniais, favorecendo consumo, entretenimento, confraternização, festividades religiosas e muito trabalho. Os fatos demonstram um cabedal axiológico transmitido ao longo do tempo, um movimento expressivo que oportuniza uma forma de organização social e mercadológica complexa. Uma euforia decorrente talvez das memórias afetivas ou de enraizados costumes, crenças e determinismos de nossa herança cultural, e que de acordo com Hall (2006, p. 58) são três conceitos “ressonantes daquilo que constitui uma cultura nacional como uma "comunidade imaginada": as memórias do passado; o desejo por viver em conjunto; a perpetuação da herança”.

As feiras do passado moldaram o macrocosmo das feiras na atualidade. A linguagem espontânea e característica dos feirantes expressa as originais estratégias de um comércio afetivo que enleva uma atração convivial: “*Vem chegando freguês. Um por cinco, três por dez*”, “*Diz aí meu consagrado! Só hoje, banana por preço de banana!*”, “*Tá barato, tá barato, precinho pra acabar de vez*”, “*Vem chegando freguês, que a promoção é só hoje!*”, é a arte de dizer, que opera e aclara os traços de identidade.

Sendo um local de produção cotidiana, de saberes de trabalho vinculados à educação popular, representam lugares de formação humana onde se pode “trabalhar, passear, fazer compras, mendigar e também pesquisar” (SATO, 2012, p. 25). E não se pode olvidar, ainda, que o ambiente da feira livre possibilita em sua essência um fator social importante: formar opiniões.

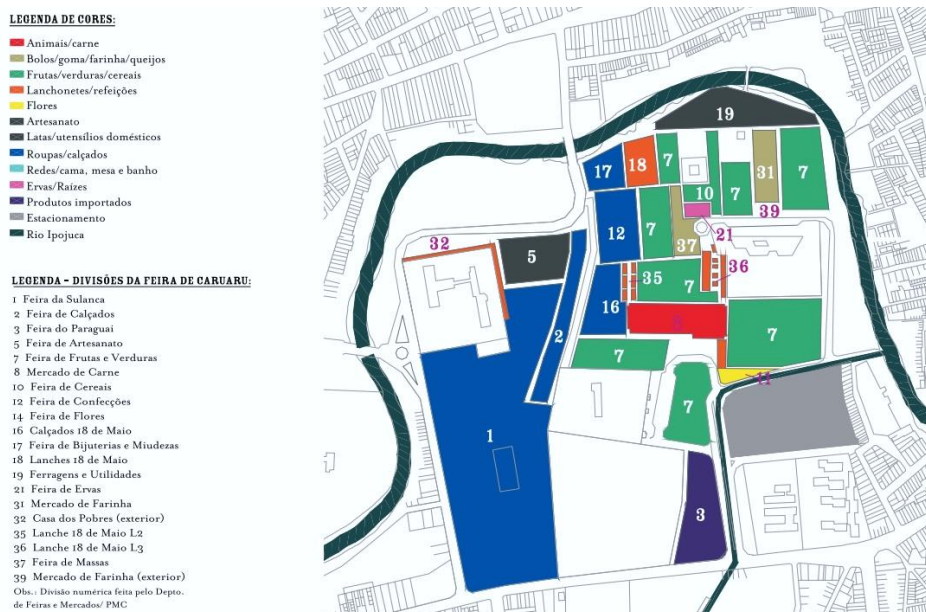
Costumeiramente em épocas de eleições e apresentando-se como importante estratégia de diálogo social, como dizem os especialistas, a feira livre é um evento de agenda escolhido por candidatos políticos para perambular e angariar a simpatia dos cidadãos abertos ao contato

direto e, quem sabe, alguns votos nas urnas. As estratégias de aproximação com a população em uma narrativa construída com efeitos de verdade, confirmam a importância dessa prática urbana, mesmo estando disponíveis as tendências tecnológicas de consumo e midiáticação.

Por vezes as feiras livres vivenciam um desinteresse por suas práticas por estarem em descompasso com a evolução da economia e os sistemas de comercialização no mundo, sendo desdenhadas a sua importância e a sua contribuição para a totalidade social. Porém, a feira livre permanece, pois conforme atesta Bernardo (2014, p. 24), em seu cerne há “resistência”.

Algumas feiras foram tombadas como patrimônio imaterial cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Conforme informa o IPHAN, o patrimônio imaterial é recriado constantemente pelos grupos e comunidades, que, interagindo com a natureza e a sua história, é transmitido de geração a geração, “gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana”⁶⁰.

Figura 7 – Mapa inserido no Dossiê 9 - Feira de Caruaru



Fonte: Portal IPHAN⁶¹

⁶⁰ Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>> Acesso em: 11 nov. 2021.

⁶¹ Dossiê IPHAN 9 - Feira de Caruaru. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/dossie9_feiradecaruaru.pdf> Acesso em: 26 jul. 2022.

Uma das feiras tombadas, a Feira de Caruaru (Figura 7), foi reconhecida no ano de 2006, elencada como uma das maiores feiras do país que iniciou por volta de 1819, sendo que entre 1930 e 1960 foi reconhecida como uma das grandes potências econômicas. Entre 1920 e 1940 a literatura de Cordel esteve no seu auge trazendo “poesia, divertimento e informação”, mas vindo a enfraquecer posteriormente por conta do acesso ao rádio e a televisão (IPHAN, 2009, p. 39).

A transformação da antiga Fazenda Caruru, ainda no século XVIII, em ponto de apoio e de pernoite de boiadeiros e, em seguida, de tropeiros e mascates que percorriam o agreste pernambucano permitiu o surgimento do pequeno comércio de itens e serviços ligados à lida com o gado que deu origem à feira de Caruaru. Esta, contudo, só se configurou plenamente quando José Rodrigues da Cruz, proprietário da fazenda, construiu, em 1781, uma capela dedicada à Nossa Senhora da Conceição. Foi no seu adro que uma pequena feira se formou para dar sustentação às novas funções que a Fazenda Caruru vinha adquirindo e que, então, com a construção da capela, se ampliavam [...] as festas religiosas, especialmente as realizadas em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, a padroeira do lugar, foram também importantes fatores impulsionadores da feira e do desenvolvimento da cidade. Não é por acaso que a ideia de festa está na origem latina da própria palavra “feira”. (IPHAN, 2006, p. 2, 4)⁶²

Outra feira de grande visibilidade pela sociedade é a Feira de Campina Grande (Figura 8), na Paraíba, tombada em 2017. A história dessa Feira é mais uma amostra de uma prática social intensa, com a presença de “sujeitos provenientes de matrizes culturais distintas (tropeiros, mascates, feirantes, comerciantes, doutores bacharéis, matutos sertanejos, grandes fazendeiros, posseiros etc.)” (IPHAN, 2017, p. 31), um espaço plural que fortalece um entorno, um processo de desenvolvimento e sustentabilidade e que avançou com o crescimento da cidade:

Atualmente, a Feira de Campina Grande é uma das maiores e mais intensas praças comerciais e livres [...] apresenta forte relação com o espaço urbano em que se insere, estando no mesmo local há sete décadas, preenchendo um espaço de aproximadamente setenta e cinco mil metros quadrados, com ocupação intensificada e ampliada no nos “dias de feira” [...] as práticas de negociação extrapolam os limites físicos da Feira Central, considerando também os sujeitos que negociam seus produtos nas calçadas e no chão, ou como dizem, “na pedra da rua” (IPHAN, 2017, p. 36-37)⁶³.

⁶² PARECER Nº 005/06 – DPI. Ref.: Processo nº 01450.002945/2006-24 – Registro da Feira de Caruaru/PE. <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/FeiradeCaruaruParecer.pdf>> Acesso em: 24 jul. 2022.

⁶³ Feira de Campina Grande - Patrimônio Cultural do Brasil. Dossiê de Registro da Feira de Campina Grande. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_feira_de_campina_grande_para%C3%ADba.pdf> Acesso em 26 jul. 2022.

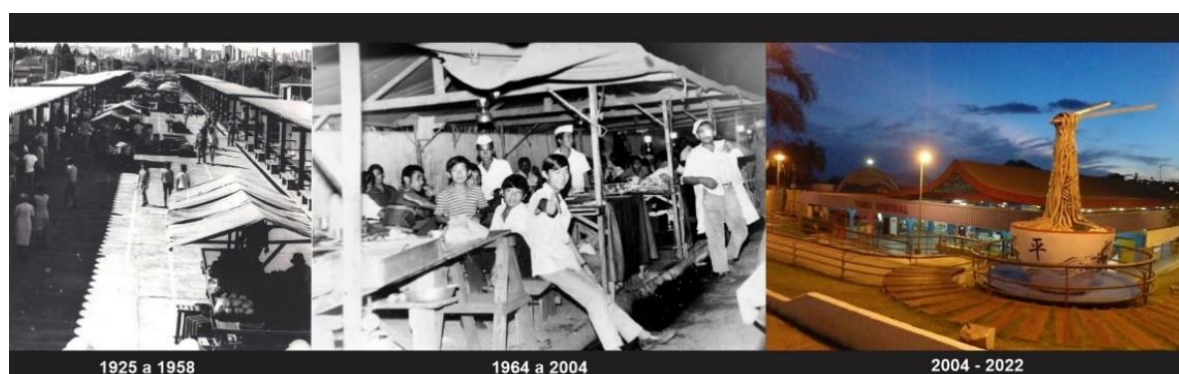
Figura 8 - Setores da Feira de Campina Grande/Acervo INRC



Fonte: Dossiê de Registro da Feira de Campina Grande- IPHAN

A imigração japonesa no Brasil, também participou da consolidação das feiras no Brasil, como podemos atestar na história da Feira Central de Campo Grande, em Mato Grosso do Sul, conhecida como Feirona (Figura 9). Em 1908, os primeiros imigrantes japoneses que desembarcaram no porto de Santos em busca de enriquecimento nas lavouras de café sofreram com a desilusão da oferta de trabalho e uma nova perspectiva os atraiu: a construção da Ferrovia no Estado do Mato Grosso, hoje, Mato Grosso do Sul.

Figura 9 – Imagens da Feira Central de Campo Grande



Fonte: Site da Feira Central de Campo Grande⁶⁴ - Montagem: autoria nossa

⁶⁴ Disponível em: <<http://feiracentralcg.com.br/nossa-historia/>> Acesso em: 20 fev. 2022.

“Muitos Okinawanos e outros imigrantes de diversas regiões do Japão se dirigiram a Porto Esperança para trabalhar na construção da estrada de ferro, entre 1909 e 1910” (ARCA, 1991, p. 14), base das obras ferroviárias onde se deu todo um processo de lutas com enfrentamento à malária. A conclusão das obras se deu em 1915 na linha Noroeste em Campo Grande, um ainda vilarejo de mata densa, mas que aos olhos dos imigrantes, tornou-se local muito promissor pela oferta de lotes com baixo valor para colonização (ARCA, 1991, p 16).

Figura 10 - Feira Livre em 1930. Largo próximo ao atual Mercado Municipal Antônio Valente.



Fonte: Acervo ARCA – Arquivo Municipal de Campo Grande

Conta-se que antes das feiras se instalarem na cidade, as mulheres imigrantes carregavam sobre a cabeça um recipiente com hortaliças e saíam de porta em porta para oferecer seus produtos, até que em de 04 maio de 1925 foi criado o primeiro formato da Feira Central (Figura 10) no local onde hoje está estabelecido o Mercado Municipal Antônio Valente, e onde “os imigrantes japoneses traziam suas produções de frutas e hortaliças cultivadas nas diversas colônias ao entorno da cidade, acondicionadas em carroças, para comercialização naquele espaço” (ASSOCIAÇÃO OKINAWA, 2019, p. 550)⁶⁵.

Os descendentes Okinawanos inseriram sua cultura e seus costumes oportunizando um desenvolvimento socioeconômico exponencial para a cidade, tanto que no atual local onde acontece o evento da Feira Central e Turística de Campo Grande encontramos um prato típico da culinária da Província Japonesa de Okinawa, o Sobá, que além de pertencer ao cardápio gastronômico regional tornou-se no ano de 2006 “Patrimônio Cultural Imaterial”, sendo

⁶⁵ Disponível em: <<http://www.okinawacgms.com.br/wp-content/uploads/2019/09/LIVRO-OKINAWA-EBOOK.pdf>> Acesso em: 12 nov. 2021

realizado todos os anos nesta feira o *Festival do Sobá* (ASSOCIAÇÃO OKINAWA, 2019, p. 555), que inclui diversas atrações culturais reunindo milhares de pessoas.

Em qualquer lugar que se evoque a história, as vozes, os fazeres e os saberes ou a interpretação de um cotidiano, encontram-se relacionadas as manifestações de linguagem que se integram aos fatos sociais moldando o conhecimento sobre as coisas e oportunizando as apreensões de sentido.

A história demonstra que a construção das feiras nos remete a ideia do ser humano real que busca em meio às adversidades, às experiências, o sentido da vida em sociedade: festa, religião, comércio e trabalho, protagonizando o fortalecimento de uma importante ferramenta de expressão popular, ressignificada ao longo do tempo. Como diz Coquet (2013, p. 02) “significar não é, pois, um ato puramente intelectual; não depende da simples cognição, pois implica também o ‘eu posso’ do ser como um todo, o corpo e a ‘carne’; ele traduz nossa experiência do mundo, nosso contato com a ‘própria coisa’ ”.

1.6 Feira livre do Guanandi

A escolha pela *Feira Livre do Guanandi* coaduna com a espacialidade presente no conteúdo audiovisual categorizado em nosso *corpora*. Por ser um objeto ainda pouco reconhecido no meio acadêmico optamos por investigar a construção significativa deste evento tradicional da cidade de Campo Grande por intermédio do olhar semiótico.

Em nossas pesquisas referentes a Feira do Guanandi, no intuito de apreender o histórico e o social deste local, percebemos a escassez de dados nos arquivos do município, mas encontramos reportagens em jornais ou TV os quais explicitam que essas informações estão na ‘memória’ dos feirantes e antigos moradores do bairro.

O Bairro Guanandi foi uma antiga fazenda loteada em 1966 pelo prefeito da época, Dr. Antônio Mendes Canale e dados de perfil demográfico demonstram que até o ano de 2010 o bairro possuía cerca de 11,6 mil moradores (PLANURB, 2021, tabela 27, p. 120). O nome *guanandi* é originário do nome de uma árvore em tupi (*gwanã'di*) cujo significado é “o que é grudento” (GLOBO RURAL, 2015, *on-line*)⁶⁶.

⁶⁶ Disponível em: <<http://revistagloborural.globo.com/GloboRural/0,6993,EEC708052-2584-3,00.html>> Acesso em: 16 jun. 2022.

De acordo com a PLANURB - Agência Municipal de Meio Ambiente e Planejamento Urbano de Campo Grande, consta no *Perfil Socioeconômico de Campo Grande*⁶⁷ (Figura 11), uma programação instituída: “as feiras livres oficializadas são administradas pela Prefeitura Municipal de Campo Grande, por meio da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Gestão Urbana (SEMADUR)” (PLANURB, 2021, p. 180). Consta ainda sobre os aspectos econômicos de Campo Grande, em especial sobre o que abrange o contexto das feiras livres, que,

grande parte das comunidades rurais desenvolve culturalmente a horticultura em suas áreas para atender a demanda de subsistência e abastecer o mercado interno local e feiras livres. A organização dessa cadeia produtiva é de vital importância por ser geradora de trabalho e renda, além de seu papel na redução do êxodo rural (PLANURB, 2021, p. 155, 180).

Figura 11 – Print Screen do *Perfil socioeconômico de Campo Grande* – Seção “Abastecimento alimentar”



Fonte: Site Prefeitura de Campo Grande – PLANURB - Agência Municipal de Meio Ambiente e Planejamento Urbano | PMCG⁶⁸

O funcionamento na espacialidade da Feira do Guanandi ocorre no período das 7 às 12h aos domingos e percorre nove quarteirões da Rua Barra Mansa entre Rua Caramuru e Rua Kalil Naban. Essa feira surgiu na década de 70, conforme informação do *Em Foco – Bairros - Jornal Laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco* (Figura 12), matéria intitulada *Feira livre movimentou economia do Guanandi*⁶⁹ que traz o relato de um dos primeiros feirantes, dono de uma barraca de bijuterias (BRITES; GONÇALVES, 2007, p. 7):

⁶⁷ PLANURB. *Perfil Socioeconômico de Campo Grande*. 28ª edição revista, 2021. Disponível em: < <https://www.campogrande.ms.gov.br/planurb/downloads/perfil-socioeconomico-de-campo-grande-edicao-2021/> > Acesso em: 16 jun. 2022.

⁶⁸ Disponível em: < <https://www.campogrande.ms.gov.br/planurb/downloads/perfil-socioeconomico-de-campo-grande-edicao-2021/> > Acesso em 16 jun. 2022.

⁶⁹ EM FOCO - *Jornal Laboratório do Curso de Jornalismo UCDB* – Ano VI – Edição n. 76 – Campo Grande/MS, MAIO/2007. Disponível na Biblioteca da PLANURB-CG.

Naquele tempo eu ia para São Paulo comprar a mercadoria com o dinheiro contado, muitas vezes passei fome antes de voltar, no começo eu só tinha uma bicicleta para levar meus produtos para a feira. Foi um tempo difícil, mas criei meus filhos assim e hoje eles são formados.

Figura 12 – Capa do jornal *Em Foco - Jornal Laboratório do Curso de Jornalismo UCDB*, 2007



Imagem: autoria nossa

A reportagem (Figura 13) traz que semanalmente famílias de diversos locais da cidade, “visitam as barracas simples, cobertas de lona montadas na avenida Barra Mansa”, e cita uma importante forma de realização do sujeito em conjunção com um objeto de valor: a reinserção ao mercado de trabalho na condição de feirante, conforme ilustrado:

Na feira do Guanandi não se encontram apenas feirantes e clientes, mas diferentes histórias de vida. O cozinheiro [...] após 18 anos de trabalho em cozinhas de hotéis, viu como saída, após perder o emprego, ajudar sua esposa na venda de roupas que até então acontecia em sua residência. “Em casa eu vendia muito fiado aí surgiu a ideia de vir para a feira aqui os clientes pagam em dinheiro” (BRITES; GONÇALVES, 2007, p. 7).

Figura 13 – Página do jornal *Em Foco - Jornal Laboratório do Curso de Jornalismo UCDB*, 2007

Em Foco
CAMPO GRANDE - MAIO - 2007

GUANANDI

07

ROTINA - Muitas famílias trabalham reunidas todos os domingos na feira do bairro garantindo a renda familiar

Feira livre movimentava economia do Guanandi

Foto: Juliana Gonçalves

Gilberto Brites
Juliana Gonçalves

Bijuterias, artesanatos, frangos vivos, roupas, especiarias e claro, o famoso pastel, esta é a feira do Guanandi. Toda semana famílias de vários cantos da Capital visitam as barracas simples, cobertas de lona montadas na Avenida Barra Mansa. A extensão de dez quadras e as quase quatro décadas de existência fazem da feira do bairro, uma das mais tradicionais da Capital.

Acordar às cinco horas em um domingo, pegar o carro, e na maioria das vezes sair com esposa e filhos, para trabalhar é rotina para os feirantes. Muitos entram nela bem cedo, como é o caso de Leonardo Kammer, 16 anos, que começou acompanhando seu pai na barraca de pastel aos oito anos. "Já deu o tempo de gostar de trabalhar aqui, aí depois porque você trabalha escutando música".

A comida não é o único chamariz da feira, nela o dono da barraca de bijuterias Adilmo de Oliveira, 60 anos, que há 38 é feirante, afirma que a feira surgiu na década de 70. "Naquele tempo eu ia para São Paulo comprar a mercadoria com o dinheiro contado, muitas vezes passel fome antes de voltar, no



Fassteio - Moradores aproveitam no domingo para sair com a família e realizar compras de verduras entre outros produtos

começo eu só tinha uma bicicleta para levar meus produtos pra feira. Foi um tempo difícil, mas criei meus filhos assim e hoje eles são formados".

Segundo a moradora Solange de Oliveira, 34 anos, a feira é a distração de domingo pela manhã e também movimenta dinheiro nas lojas da avenida, que ficam abertas durante a manhã do domingo. "Os diversos estabelecimentos comerciais localizados na via aproveitam o público consumidor da feira para alavancar os lucros e abrem suas portas aos domingos. "Não trabalho aqui todos os dias, mas aos domingos quando venho, a feira não atrapalha na venda do meu comércio", explica a comerciante Natália Budde, 19 anos.

O criador de aves João Pedro de Carvalho, 42 anos, sai de Sidrolândia quinzenalmente com seu caminhão e leva as galinhas que cria para serem comercializadas na feira do Guanandi. Elas ficam ali mesmo na carroceria da caminhonete, mas protegidas do sol, os clientes passam e escolhem. "A fiscalização é bem exigente e preciso de alvará para aves vivas".

Na Feira do Guanandi não se encontram apenas feirantes e clientes, mas diferentes histórias de vida. O cozinheiro Agnaldo Belina, 38 anos, após 18 anos de trabalho em cozinhas de hotéis, viu como saída, após perder o emprego, ajudar sua esposa na venda de roupas, que até então acontecia em sua residência. "Em casa eu vendia muito fgado, aí surgiu a ideia de vir pra feira, aqui os clientes pagam em dinheiro".

• Depois do *Ondara Buffet*, do *Ondara Executive* no Cachoeirinha.

• Em breve, *Ondara Palace* no Parque dos Poderes, o mais glamoroso salão de festas de Campo Grande

• Capacidade para 2.000 pessoas, salão climatizado, palco e camarins feminino e masculino, serviço de buffet, amplo estacionamento

• O espaço ideal para formaturas, eventos empresariais, casamentos, festas de debutantes.

Buffet Ondara

www.ondarabuffet.com.br

Reservas 3349 0039

PLANURA CDT

Imagem: autoria nossa

A Feira Livre do Guanandi (Figura 14) segue sancionada positivamente como local de lazer, pois “moradores aproveitam os domingos para sair com a família e realizar compras de verduras entre outros produtos”. Além disso, os estabelecimentos comerciais na Rua Barra Mansa abrem suas portas durante a atividade na rua e “aproveitam o público consumidor da feira para alavancar os lucros” (BRITES; GONÇALVES, 2007, p. 7).

Figura 14 – Feira Livre do Guanandi na Rua Barra Mansa/ 2km de feira (julho/2022)



Imagem: autoria nossa

Algumas reportagens disponíveis no formato *on-line* trazem narrativas do vivido possibilitando-nos apreender as relações que denotam a *fidúcia*⁷⁰ entre os sujeitos (que frequentam a feira livre) e o objeto (*Feira livre do Guanandi*), como se atesta na matéria intitulada *Maior feira da cidade é programa certo de domingo, com pasteleira famosa*⁷¹, publicada no site Campo Grande News (2014, on-line) (Figura 15):

A Feira do Guanandi, assim como as outras, tem de tudo um pouco, guarda histórias memoráveis, dignas de livros, e bons personagens da vida real. Tem “gente de verdade”, como a gente, que batalha, dá um duro danado, não tem vergonha de gritar para chamar cliente, e muito menos de ser feirante.

⁷⁰ Uma relação de confiança.

⁷¹ Disponível em: < <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/diversao/maior-feira-da-cidade-e-programa-certo-de-domingo-com-pasteleira-famosa> > Acesso em: 17 jun. 2022.

Figura 15 – Print screen da reportagem do Campo Grande News sobre a Feira Livre do Guanandi (set/2014)

Fonte: Campo Grande News

Na mesma reportagem temos a presença de papéis temáticos⁷², diversos atores que transitam no discurso do enunciador, como: *candidatos a eleição, cabos eleitorais, empresário, paneleiro, pasteleira, artista, hippies, pintor, professora, vendedora, feirante, cliente fiel*, entre outros sujeitos do fazer que nessa espacialidade se encontram para alcançar, cada um, o seu objeto de valor em conjunção com as suas narrativas.

Os candidatos “querem estar perto do eleitor”. O artista foi “em busca de reconhecimento”. O empresário, ex-proprietário de floricultura, “foi lidar com o cliente final cara a cara”. O paneleiro disse que foi ser feirante porque a *Nici* lhe obrigou: a tal “nicissidade”,

⁷² Conforme define Greimas e Courtés (2020, p. 495): “Conseguindo-se reunir o semantismo disseminado ao longo do percurso temático e condensando-o, com o auxílio de uma denominação adequada, como o conjunto das propriedades do sujeito que efetua esse percurso (exemplo: o percurso “pescar” resumido em “pescador”), obtém-se um papel temático que nada mais é que a tematização do sujeito do fazer, senhor do programa narrativo.

brinca na reportagem. Outro sujeito é o vendedor famoso por suas cocadas que “sustenta a família” através das vendas na feira: “coquinho caramelizado, cocada branca, mista, de maracujá, paçoca, pé de moleque, algodão doce, beijinho, entre outros”.

Temos o cliente fiel que, mesmo residindo em outro bairro, vai até a feira porque “viciou no pastel” e a freguesa, professora, que busca “tradição e a variedade dos produtos”, os sentidos da feira que para se ela se completa nesses valores. A narrativa traz a figura do feirante de mudas sem banca fixa, que vende suas mudas de alecrim, arruda e outras, utilizando-se de uma bicicleta cargo (CAMPO GRANDE NEWS, 2014, *on-line*)⁷³.

Todos esses sujeitos em relação com seus objetos-valor, interagem e figurativizam a amplitude socioeconômica da narrativa da Feira Livre do Guanandi (Figuras 16 e 17) demonstrando a complexidade deste sistema sociossemiótico e seus mecanismos de construção de sentido.

Figura 16 – Feira Livre do Guanandi – A movimentação das pessoas na feira/ Barraca do pastel (julho/2022)



Imagem: autoria nossa

⁷³ Disponível em: < <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/diversao/maior-feira-da-cidade-e-programa-certo-de-domingo-com-pasteleira-famosa>> Acesso em: 17 jun. 2022.

Figura 17– Barraca de hortifruti com milho fresco descascado na hora (abril/2022)



Imagem: autoria nossa

As imagens elencadas nesta seção coadunam com um sincretismo semiótico existente em textos complexos ou de diferentes linguagens. Recordando Fiorin (1995, p. 165-166), textos não se constituem por um amontoado de frases ou uma grande frase:

A palavra texto provém do verbo latino *texo, is, texui, textum, texere*, que quer dizer tecer [...] Tem ele uma estrutura, que garante que o sentido seja apreendido em sua globalidade, que o significado de cada uma de suas partes dependa do todo. Dar destaque à noção de que o texto é um objeto histórico leva a preocupar-se primordialmente com a formação ideológica de que ele é expressão, com as relações polêmicas que, numa sociedade dividida em classes, estão na base da constituição das diferentes formações discursivas.

No capítulo seguinte, veremos o ferramental teórico que permitiu analisar o sincretismo semiótico da feira livre, permitindo entender a prática social ou a cotidianidade do evento por meio da Semiótica, na busca pela significação dos processos fenomenológicos da sociedade e suas interações, pois, como reflete Landowski (2014) em uma entrevista, “o que faz sentido é – numa palavra – a “situação”, incluindo nela todos os modos de os protagonistas gerarem a relação um com o outro” (SILVA, 2014, p. 351, grifo do autor).

FEIRA LIVRE E SEMIÓTICA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

*É preciso não acreditar que
o espírito que inventa caminha ao acaso.*⁷⁴
Destutt de Tracy

Os estudos que fizemos acerca da feira livre demonstram como já registramos anteriormente, constituir-se de uma semiótica sincrética. Neste capítulo fizemos uma preleção dos fundamentos teóricos que embasam a nossa análise, conceitos que dialogam com a semiose⁷⁵ do evento *feira livre*, consagrado por ser importante manifestação da cultura popular em todos os continentes.

Os fatores extralinguísticos advindos dos estudos etnográficos e as questões do léxico, estão presentificados em nosso trabalho, pois conforme conceitua Câmara Jr (1965, p. 18) “a língua se apresenta, pois, como um microcosmo da cultura. Tudo que esta última possui, se expressa através da língua, mas também a língua em si mesma é um dado cultural.”

Nossa análise sob a ótica da semiótica discursiva de Greimas (2014) traz dados que demonstram que a narratividade exercida no universo da feira livre deve ser analisada sob a égide dos processos de significação do *texto não verbal*, norteado pelos papéis actanciais que constroem a narrativa, como nos propõe Greimas (2014, p. 62): “a estrutura actancial se mostra cada vez mais habilitada a explicar a organização do imaginário humano, projeção tanto de universos coletivos quanto individuais”. Greimas (2020) traz à lume o caminho da significação informando que o plano de fundo para a teoria semiótica dá-se a partir de uma *estrutura*, definida como:

[...] uma rede relacional, estrutura remete ao conceito de relação e pressupõe, para ser eficaz em semiótica, uma tipologia das relações. Considerada como rede, ela não nos informa nem sobre sua extensão, nem sobre sua complexidade: o problema das organizações estruturais mínimas, das **estruturas elementares**, coloca-se

⁷⁴ Original: *Il faut bien se garder de croire que l' esprit qui invente marche au hasard*. Extraído do capítulo *Jogo das Restrições Semióticas - Em colaboração com François Rastier* (GREIMAS, 1975, p. 126).

⁷⁵ Semiose é a operação que, ao instaurar uma relação de pressuposição recíproca entre a forma da expressão e a do conteúdo (na terminologia de L. Hjelmslev) ou entre o significante e o significado (F. de Saussure), produz signos: nesse sentido, qualquer ato de linguagem, por exemplo, implica uma semiose. Esse termo, é sinônimo de função semiótica. (GREIMAS; COURTÉS, 2020, 447).

naturalmente, pois somente elas podem permitir-nos compreender os modos de existência e de funcionamento de conjuntos mais complexos (GREIMAS; COURTÉS, 2020, p. 184, grifo do autor)

Para chegarmos aos sentidos mais abstratos que emergem dos textos complexos sob a ótica da semiótica discursiva, Greimas (1973) propõe o *percurso gerativo de sentido* como fundamental, explorando as relações entre os sujeitos, os papéis dos actantes⁷⁶, os percursos narrativos, os objetos de valor⁷⁷ contextualizados.

[...] para construir o sentido do texto, a semiótica concebe seu plano do conteúdo sob a forma de um percurso de engendramento do ou dos sentidos, que vai do mais simples ao mais complexo, do mais abstrato ao mais concreto e que se organiza em níveis ou lugares de articulação da significação, passíveis, cada qual, de descrição autônoma (BARROS, 2005, p. 84)

Os textos complexos que são delineados nas questões do social, podem ser vislumbrados por meio dos pilares da semiótica discursiva de Greimas como explica Fontanille (2017, p. 66): “podemos facilmente perceber que sua semiótica apoia-se sobre três pilares fundamentais: a linguística e as teorias da linguagem, a fenomenologia e a psicologia da percepção, e a antropologia”, possibilitando para nosso trabalho relacionado à feira livre, um desdobramento nas pesquisas desenvolvidas sob o aspecto fenomenológico de contexto cultural e mercadológico.

A Semiótica Plástica e a Sociosemiótica fornecem bases conceituais que podem explicar como se realiza a construção do sincretismo semiótico da feira livre, um programa narrativo que pode sofrer alterações em suas práticas, como veremos nas análises relacionadas ao contexto da pandemia de COVID-19, que pode ser interpretado pela sociosemiótica na construção dos sentidos, como um “acidente”, uma ruptura na normalidade do cotidiano das feiras que influenciou diretamente as práticas.

O semiótica plástica fundamenta as análises do evento feira livre demonstrando a ocorrência da homologação entre o plano de conteúdo e o plano de expressão, que “passa a ser tomado como objeto de estudo quando uma categoria do significante se relaciona com uma categoria do significado” (PIETROFORTE, 2019, p. 8), ou seja as relações semissimbólicas que denotam os sentidos em uma “rede de relações” (PIETROFORTE, 2019, p. 13) que nos

⁷⁶ “O actante pode ser concebido como aquele que realiza ou que sofre o ato, independentemente de qualquer outra determinação” (GREIMAS; COURTÉS, 2020, p. 20).

⁷⁷ “Objeto: é o actante sintático da narrativa que se define pela relação transitiva de junção ou de transformação que o liga ao sujeito e que, enquanto posição actancial, pode receber investimentos de projetos e de aspirações do sujeito. Objeto-valor: é o objeto determinado pelas aspirações e projetos do sujeito, por seus valores, em suma” (BARROS, 2005, p. 84).

facultam a percepção das alterações das práticas sociais impostas pelo situação pandêmica neste ambiente urbano e comercial.

A sociossemiótica conduz a percepção dos sentidos do consumo na feira livre, por meio das relações entre os sujeitos e a espacialidade deste evento, dos investimentos narrativos encontrados nas estruturas significantes do cotidiano das feiras, seus modos de presença organizados pelos modos de interação.

2.1 Linguagem, fenomenologia e cultura

Inaugurando uma nova projeção no âmbito dos estudos da linguagem, o *Cours* (1916) de Ferdinand de Saussure (1857-1913) elevou a Linguística para os postulados de uma ciência reconhecida. A publicação póstuma em que foram desenvolvidas ideias sobre arbitrariedade do signo, distinção entre significante/significado, valor, dimensão social da língua, semiologia, dentre outros fundamentos, foi compilada através das anotações de seus dois discípulos, Charles Bally e Albert Sechehaye, durante as aulas com o mestre genebrino.

Saussure (2018 [1916], p. 230) tecia a seguinte metáfora: “a língua é um vestido feito de remendos”, por entender que a língua não tem uma hipótese, mas sim um sistema em evolução que decorre do produto social da linguagem e de suas convenções, sendo a história de cada língua uma *sucessão de fenômenos analógicos* acumulados uns sobre os outros.

O método de estudo saussuriano traz a visão dos fatos linguísticos no eixo das sucessividades, nas transformações históricas que incidem continuamente sobre o processo evolutivo da língua, e a visão no eixo da contemporaneidade, no estudo dos fatos linguísticos simultâneos, específicos, em que ocorrem variações em determinada época, região, ou contexto social, incidindo momentaneamente no processo de evolução da língua.

Conforme explica Depecker (2012, p. 56), o esboço criado por Saussure referente aos eixos que se cruzam, é o “esquema indispensável para pensar os fatos linguísticos”, um *sistema* do qual o sentido encontra-se em ação no seio de um sistema de *signos* e de *valores*.

Na concepção de Saussure (2018), *a língua* é uma expressão de forças sociais e o signo tem seu *valor* pela consagração da coletividade como fato social, porém definiu que:

“a língua, distinta da fala, é um objeto que se pode estudar separadamente [...] os signos linguísticos, embora sendo essencialmente psíquicos, não são abstrações; as associações, ratificadas pelo consentimento coletivo e cujo conjunto constitui a língua, são realidades que tem sua sede no cérebro” (SAUSSURE, 2018, p. 46).

Nesse sentido, a Semiologia é apresentada como um método que se debruça sobre o *estudo dos signos expressos no seio da vida social*, confirmando a criação de uma nova ciência em que a análise se materializa por meio do *ato de significar*. Esclarece Saussure (2018 [1916], p. 113-114), que “tal sistema é um mecanismo complexo; só se pode compreendê-lo pela reflexão”, uma função comunicativa em uma relação entre significante e significado, sendo o signo linguístico “uma entidade psíquica de duas faces” (SAUSSURE, 2018 [1916], p. 106) em que se relacionam *conceito* e *imagem acústica*, trilhando um processo de significação baseado nos *fatores sociais*.

Hjelmslev (1899-1965) ao compreender as concepções saussurianas postula o isomorfismo entre o plano de conteúdo (significado) e o plano de expressão (significante) das línguas naturais, possibilitando “a construção de inúmeras linhas morfológicas e sintáticas” (LOPES, 2003, p. 238). Em seus Prolegômenos, Hjelmslev (1975) aborda a fenomenologia humana, a linguagem como mecanismo que modela o pensamento, “seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana”, sendo assim, os fenômenos físicos, fisiológicos, psicológicos e lógicos são aspectos exteriores à linguagem (HJELMSLEV, 1975, p. 1-2). As pesquisas de Saussure e de Hjelmslev deram ênfase e estruturaram as devidas condições para uma organização de bases científicas (LOPES, 2003, p. 241).

Pautando-se nos conceitos da Sociolinguística, a partir do estudo da Linguística Histórica, Faraco (2017, p. 152) afirma que Antoine Meillet (1866-1936), aluno de Saussure, foi o precursor da concepção de uma perspectiva que consolida as *condições sociais* como influenciadoras na língua (FARACO, 2017, p. 153), o que permitia entender a diversidade do vocabulário das populações não aristocráticas, ou seja, a relevância de uma heterogeneidade sociocultural das línguas (FARACO, 2017, p. 154).

Outro grande nome que trouxe a ideia da linguagem como fato social, o filósofo Merleau-Ponty (1908-1961), sancionou uma nova fase na Linguística com as teorias da fenomenologia da linguagem elencando a oposição *acontecimento* e *estrutura* (BARTHES, 1971, p. 27) gerando um sistema significante.

A teoria da significação fundamentada na *fenomenologia* e de *caráter sincrônico*, consagrou-se como ciência a partir de Bernard Pottier e Algirdas Julien Greimas. Pottier apresentou alguns aspectos para estabelecer uma descrição semântica de qualidade e com especificidade científica (LOPES, 2003, p. 280); e Greimas (1917-1992) promoveu por longo

período intensas pesquisas sobre as obras de F. Saussure e L. Hjelmslev, a estrutura do mito de Claude Lévi-Strauss (1829-1902), os contos populares de Vladimir Propp (1895-1970) que deram forma ao modelo canônico para o esquema narrativo e de outros grandes teóricos. Greimas conclui a obra *Semântica Estrutural*, que veio contribuir consideravelmente com os estudos de linguagem nas esferas da semântica e da semiótica, obra que na opinião do semioticista francês Jean-Claude Coquet, “foi um livro verdadeiramente genial, pletórico de ideias, um livro-mestre desse período” (DOSSE, 1993, p. 245).

Greimas e Pottier uniram os conceitos preditos em torno de um modelo de visão estruturalista composto em termos de *relações* ou *valores*. Esse modelo apresenta-se como um sistema que estabelece a significação a partir da percepção de uma estrutura elementar que traz um tipo de relação, conforme explica Lopes (2003, p. 312, grifo do autor): “[...] a primeira definição de Greimas para *estrutura*: “*presença de dois termos vinculados por uma relação*” [...] a significação pressupõe a interveniência de uma relação: sem relação não há significação”.

Cabe ressaltar, no entanto, que somente pela formação da Escola de Paris através da iniciativa de Greimas, que a Semiótica se desenvolve estabelecendo relações sob um tríplice aspecto (LANDOWSKI, 2017, p. 24):

- a fenomenologia segundo Merleau-Ponty;
- a metalinguística de Hjelmslev; e
- os conceitos do saber antropológico de Lévi-Strauss a partir de uma *bricolage*⁷⁸, e do filólogo George Dumézil com a visão sobre a ordem social, resultando em um campo heterogêneo para os estudos da significação.

Benveniste (1976, p. 17-18) diz que “a linguagem é um fato humano; é, no homem, o ponto de interação da vida mental e da vida cultural e ao mesmo tempo o instrumento dessa interação”. Nesse sentido, os desdobramentos da evolução da linguagem partem da *estrutura social*, aspecto que se destaca como fator influenciador na heterogeneidade dos sentidos, dos saberes, das culturas, dos fatores que dão suporte à ressignificação, e fundamentam as relações languageiras configurando as práticas de vida que se moldam e se expressam na diversidade dos grupos sociais, nos processos de comunicação e nos discursos narrativos.

A Semiótica, então, torna-se a ciência da significação, cujo objetivo é explicar como se operam os sentidos advindos dos processos verbais ou não verbais, constituídos pelos grupos

⁷⁸ Termo originário do francês, *bricolage* são trabalhos manuais feitos de forma improvisada utilizando de material diversificado. É utilizada por Lévi-Strauss (1989, p. 36) para conceituar o “pensamento mítico” que em sua concepção diz elaborar as estruturas que organizam os fatos e, partindo desses, a ciência instaura suas hipóteses e teorias.

sociais que, de tempos em tempos, formulam ou ressignificam os signos conforme a necessidade linguageira da coletividade. Esse processo merece um olhar atento por parte dos pesquisadores, conforme reporta Barbosa (1978, p. 185,186, grifo nosso):

Do ponto de vista sociológico, assim como do da semiótica, cada nova proposição do signo merece atenção especial, pois não implica apenas a composição de percepção de um **novo fato** antro-po-cultural e de uma nova unidade linguística. [...] Na realidade, o mecanismo de formação de novo signo, ou de atribuição de um novo significado aos signos já existentes, é um processo frequentemente complexo, de formulação e de seleção das proposições feitas no quadro do grupo social interessado.

Benveniste (1976, p. 48) diz que “o homem não nasce dentro da natureza mas dentro da cultura” e afirma que tudo aquilo que “dá à vida e à atividade humanas forma, sentido e conteúdo” é cultura, sendo inerente a sociedade em qualquer civilização. Elabora o conceito de que a cultura expressa:

[...] um conjunto muito complexo de representações, organizadas por um código de relações e de valores: tradições, religião, leis, política, ética, artes, tudo isso de que o homem, onde quer que nasça, será impregnado no mais profundo da sua consciência, e que dirigirá o seu comportamento em todas as formas da sua atividade [...] (BENVENISTE,1976, p. 48)

Fontanille (2017, p. 74) discorre sobre as relações de caráter antropológico na semiótica e traz uma questão sobre o *regime semiótico* que se origina da *experiência semiótica*. Reforça que as experiências partem de níveis que podem advir, ou das “totalidades coerentes” baseadas nos conjuntos significantes, ou “dos *fluxos*” a partir dos processos em andamento, que demonstram “os cursos de ação, os cursos de vida, os cursos de existência são frágeis e arriscados, e seu sentido se constrói a partir do modo como eles persistem apesar das fragilidades, das resistências, das ameaças” (FONTANILLE, 2017, p. 74).

Conforme esclarece Pietroforte (2002, p. 93), “os estudos linguísticos fundam uma Sociolinguística, que observa com atenção as relações entre a língua e os fatores sociais, geográficos e históricos que determinam sua realização”. As transformações desencadeadas pelos processos sociais são mediadas pela linguagem/língua em um sistema dinâmico e variável em que os fatos, os hábitos, as crenças e valores são determinantes para o contexto linguístico.

Laraia (2008, p. 45) diz que o homem resulta do meio cultural em que é socializado, sendo herdeiro de longo processo acumulativo que reflete conhecimentos e experiências adquiridas por meio das gerações passadas, porém, este patrimônio cultural pode permitir

inovações, mas estas não são “[...] o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade”.

Greimas (1975) afirma que “o homem age sobre os outros homens e sobre a natureza”, e os cientistas tratam de estudar esses fenômenos pelas experiências, sendo que os signos manifestam essas ações de interação entre o homem e a natureza, fatos que podem estar em conjunto, recortados e reinterpretados em um sistema de relações. E o autor complementa a proposição: “os *fenômenos da natureza* e as *mudanças resultantes da atividade humana* podem ser igualmente transcodificadas e denominadas, convertendo-se assim em *descrições* baseadas em *unidades linguísticas* com caráter discursivo” (GREIMAS, 1975, p. 32, grifo nosso).

Landowski (2001, p. 27) pontua que a fenomenologia inspira os semioticistas “greimasianos” que “bebem um pouco daqui e dali, tomam emprestado ou se inspiram livremente, assimilam em grandes traços - recorrem a “bricolagens” [...] mas sem engajamentos nem compromissos [...] não se deixando desviar facilmente do seu caminho”, e analisa quanto a essa problemática:

[...] foi dentro das paragens da fenomenologia que nasceu o empreendimento semiótico lançado por Greimas [...] O benefício essencial dos reencontros com a inspiração fenomenológica é o fato de ajudarmos a sair de uma problemática do “texto” no sentido estrito, ou, antes, no sentido trivial do termo. Durante muito tempo, a semiótica foi tida (e ela mesma se considerou, em larga escala) como um método de análise do conteúdo (LANDOWSKI, 2001, p. 26)

Sob essas perspectivas epistemológicas, entendemos que os processos iniciáticos das relações sociomercadológicas trouxeram, a partir de uma necessidade coletiva, um fato social que persistiu ao longo da história e que cooperou para a constituição de povoados, e consequentemente de uma diversidade cultural. Foram criados processos de linguagem a partir do qual denotamos a realidade de uma época, a construção de uma sociedade que adotou novas práticas no seu cotidiano, oportunizando um certo determinismo mercadológico e fortalecendo um regime semiótico que perdura até a atualidade.

Conforme já registramos, a feira da Idade Média foi cenário de diversas manifestações consideradas basilares para a sociedade, movimentos sociais que foram transformando as narrativas sincronicamente, sensibilizando atitudes éticas, estéticas ou estésicas.

Do ponto de vista da Semiótica da Cultura, advindo da Escola Semiótica de Tartu-Moscou, Lotmann (1990, p. 125, tradução nossa) conceitua pelo termo semiosfera “o resultado e a condição para o desenvolvimento da cultura [...] marcada pela heterogeneidade”, o que

corroborar com o espaço da feira nas conexões com sua historicidade, sua continuidade e sua diversidade de papéis temáticos e discursos. A semiosfera da feira livre oportuniza uma *semiose cultural*, que é percebida nas práticas periódicas de feira aceitas dentro de uma programação e nos processos axiológicos instituídos no espaço da feira e que foram compartilhados ao longo do tempo.

Sendo assim, as teorias relacionadas à linguagem, fenomenologia e cultura, formam valorosas estruturas na construção dos eixos de sentido nas experiências de feira, uma prática cultural e coletiva que interfere diretamente na construção discursiva de uma comunidade, de uma cidade, de um complexo histórico.

Apoiados no ferramental teórico devidamente semiotizado para análise sobre fatores extralinguísticos manifestados nas feiras da Antiguidade e que contribuíram para as práticas de linguagem contemporâneas dentro e fora do universo feirante, utilizamos as concepções de Laraia (2008), Sapir (1961), Coseriu (1983), Bakhtin (1987) e de outros autores, antropólogos, sociólogos e historiadores, com a devida semiotização.

A partir da próxima seção trazemos os conceitos semióticos que serviram como base ao trabalho analítico empreendido, e conforme já citamos, permitiu apreender a construção dos sentidos nos sincretismos da feira livre e nas experiências do cotidiano.

2.2 A Semiótica Discursiva para descrição e análise do sentido

A semiótica sendo a teoria da significação formula meios de apreensão e de produção de sentido com base nas ideias de Saussure e Hjelmslev, analisando as diferenças existentes em uma rede relacional, uma tipologia das relações que estabelece através de uma axiomática, uma estrutura elementar da significação (GREIMAS; COURTÉS, 2020, p. 455).

Oliveira (2017, p. 10) traz uma abordagem acerca da semiótica discursiva, dizendo que “a animação que Greimas mostra é um ato de dar valor ao exprimível com o encontro dos significantes e da diversidade de apreensões estésicas que sente”. O sentido, diz Greimas (1975, p. 36) “aparece sempre como um dado imediato, o que basta para o homem viver e agir num mundo significante”, mas complementa dizendo que o estatuto estrutural da significação surge para as questões da descrição científica. O semioticista, por meio de uma teoria, constrói um modelo formal correspondente à estrutura semântica preexistente ou universo semântico, e “uma metateoria epistemológica que possibilite apreciar a adequação destes modelos”.

Greimas (1975, p. 148) elucida *a priori* sobre o universo semântico, a totalidade da substância semântica que significa através de uma combinatória de articulações do sentido “realizada a partir de um inventário de categorias sêmicas”. *A posteriori*, evolui seu conceito e traz uma nova representação para essa rede de articulações, através de um *modelo semiótico constitucional* que pode gerir novas subarticulações, estabelecendo um “vasto campo de significação [...] todos os microuniversos possíveis, cada cultura, cada personalidade podendo favorecer, através de articulações privilegiadas, tal microuniverso em detrimento de tal outro” (GREIMAS, 1975, p. 148).

Esclarece Greimas (1975, p. 148) que a *isotopia*⁷⁹ traz uma profundidade para a estrutura elementar da significação, garantindo e fundando um microuniverso de unidade de sentido, considerando esse modelo semiótico constitucional como uma estrutura para apreender os sentidos dessas subarticulações:

Torna-se necessário introduzir o conceito operatório de microuniverso, entendendo-se por isso um conjunto semântico, possível de ser [...] Tal microuniverso é gerador de discursos nos quais encontra sua expressão sintagmática. É o conceito de isotopia - entendida como feixe de categorias comuns ao conjunto do discurso - que permite estabelecer a correspondência entre um microuniverso e o discurso que se encarrega dele: as categorias, constitutivas de isotopia, podem ser identificadas com as que articulam taxionomicamente o microuniverso. (GREIMAS; COURTÉS, 2020, p. 312)

Nossa pesquisa ampara-se no conceito de taxionomia trazido por Greimas e Courtés (2020, p. 492) que nos permite entender sobre os postulados do *fazer taxionômico*, que visa analisar os discursos nas áreas das ciências sociais, construindo a partir das “identidades e alteridades reconhecidas, de objetos semióticos (elementos, unidades, hierarquias), a qual constitui autênticas preliminares à elaboração de uma metalinguagem científica”. O linguista lituano diz que, antes de tudo, a taxionomia é “um princípio de organização paradigmática”, e que as taxionomias sêmicas são redes de oposições sêmicas que subjazem à manifestação linguística, podendo servir de modelo para os estudos comparativos das diversas etnotaxionomias⁸⁰ (GREIMAS; COURTÉS, 2020, p. 493).

⁷⁹ Confere uma significação específica à análise semântica, que leva em consideração uma classe sintagmática de classemas que garantem uma homogeneidade no discurso, em um contexto mínimo que reúne ao menos duas figuras sêmicas (GREIMAS; COURTÉS, 2020, p. 275). Termo advindo da físico-química e inserido por Greimas nos postulados da semiótica.

⁸⁰ “A descrição - e principalmente a elaboração metodológica que pressupõe - das etnotaxionomias: em primeiro lugar, das taxionomias gramaticais [...] em seguida, das taxionomias lexicais [...] taxionomias conotativas enfim (tipologia das "linguagens sociais" diferenciadas de acordo com os critérios de sexo, de classes de idade, de hierarquia, do sagrado/profano etc.), constitui uma contribuição importante para a teoria semiótica geral (GREIMAS; COURTÉS, 2020, p. 191)”

Percurso, sendo um termo inserido na semiótica para designar a organização e progressão dos elementos nas instâncias intermediárias, traz na perspectiva *gerativa* compreender a forma como o discurso está sendo representado em níveis no plano de conteúdo (estruturas superficiais e profundas) e como estes se relacionam (GREIMAS; COURTÉS, 2020, p. 456). Como define Fiorin (2018, p. 20), sendo uma sucessão de patamares, o *percurso gerativo de sentido* “mostra como se produz e se interpreta o sentido, num processo que vai do mais simples ao mais complexo” e conforme diz Oliveira (2016, p. 15), a metodologia semiótica possibilita mecanismos “que podem ser empregados nos vários campos do saber”.

Na visão de Oliveira (2017, p. 12) o conceito do percurso gerativo do sentido não se limita aos semioticistas, pois a semiótica é uma disciplina ancilar que traduz os mundos em mundos de linguagens, podendo alcançar todo ser vivente, todo sujeito que “dá sentido aos seus diferentes fazeres no seu viver, ao que lhe ocorre e ao que se defronta cotidianamente”.

A semiótica é uma ciência que, segundo Greimas e Courtés (2020, p. 455), se dedica ao estudo da significação, que se propõe em explicar as condições da apreensão e da produção do sentido, considerando todos os axiomas que tornaram o objeto uma estrutura elementar de significação. E os estudos semióticos possibilitam o reconhecimento dos regimes de sentido e as alterações nas práticas sociais, contribuindo para a análise da construção dos estatutos veridictórios nas narrativas de todo gênero.

Conforme já registramos anteriormente, por meio da iniciativa de Algirdas J. Greimas (1917 – 1992), na Escola de Paris, a semiótica, influenciada pela linguística, antropologia e filosofia. Sendo assim, destacamos, a seguir, cada um dos enfoques correlacionando-os aos teóricos centrais: a) o aspecto fenomenológico do homem com o mundo, segundo M. Merleau-Ponty (1908 – 1961); b) a metalinguística de L. Hjelmslev (1899 – 1965) e; c) os saberes antropológicos de G. Dumézil (1898 – 1986) com a visão sobre a ordem social e C. Lévi-Strauss (1908 – 2009), referindo-se ao pensamento mítico. Na concepção de C. Lévi-Strauss, o pensamento mítico pode se comparar ao pensamento científico, tornando-se a base da doutrina da significação (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 36). Para o autor, assim como as estruturas sociais correspondem às estruturas que organizam os fatos, a ciência instaura suas hipóteses para o estudo científico sobre as questões da significação.

O percurso gerativo da significação não se propõe a ser um método engessado para análise de textos, mas é considerado efetivo por reconhecer no modelo analógico de Propp (1984, p. 19), o ponto de partida de uma sucessão canônica de acontecimentos que perpassam por uma formulação rigorosa que ganha status de esquema narrativo.

Contextualizando sobre o PGS – Percurso Gerativo do Sentido, este abrange o plano de conteúdo em três níveis: *fundamental*, “em que se inscrevem a sintaxe e a semântica fundamentais, está destinado a articular e a dar forma categórica ao microuniverso suscetível de produzir as significações”; *narrativo*, “é o lugar das restrições impostas à combinatória, em que se decide em parte o tipo de discurso a ser produzido”, sendo os sistemas axiológicos virtuais atualizados na junção⁸¹ com os sujeitos (GREIMAS, COURTÉS, 2020, p. 437, 438); *discursivo*, o mais superficial do percurso gerativo do sentido, o mais próximo da manifestação textual, “o sujeito da enunciação faz uma série de escolhas, de pessoa, de tempo, de espaço, de figuras, e ‘conta’ ou passa a narrativa transformando-a em discurso” (BARROS, 2005, p. 53).

A enunciação, “instância de mediação entre as estruturas virtuais (fundamental e narrativa) e a estrutura realizada (discursiva)” (FIORIN, 2006, p. 80), na Semiótica advém da teoria de E. Benveniste (1976), conforme Fiorin (2006, p. 75) desenvolve:

O fato de a Semiótica pensar-se como uma teoria do discurso faz que se introduza, na teoria, a questão da enunciação, entendida no sentido benvenistiano como a discursivização da língua. No entanto, seu objeto é o texto. Por isso, entende ela que a passagem das estruturas mais profundas e simples às mais superficiais e concretas se dá pela enunciação. Isso significa que essa semântica não se pretende uma teoria do enunciado, mas deseja integrar enunciação e enunciado numa teoria geral.

Sendo assim, a semiótica torna-se a teoria da significação que propõe explicar como se operam os sentidos advindos dos processos verbais ou não verbais, constituídos pelos grupos sociais anelados aos seus valores axiológicos, formulam ou ressignificam os signos conforme a necessidade linguageira da coletividade.

Neste trabalho, analisamos o percurso gerativo de sentido no discurso jornalístico construído no ambiente da feira livre em tempos de pandemia. Extraímos a matéria e analisamos os três níveis do percurso, onde podemos apreender as alterações nos sentidos com uma nova prática que enuncia um objeto de valor nas narrativas da feira: a máscara de proteção individual. O percurso gerativo de sentido sendo um modelo de descrição e análise dos sentidos, oportuniza um alicerce de interpretações que perpassam nas transformações e alterações nas práticas. Apresentamos uma análise acerca dessa estrutura complexa, sincrética, pluriplana, ou de acordo

⁸¹ “[...] é a relação que determina o estado, a situação do sujeito em relação a um objeto qualquer. O objeto, enquanto objeto sintático, é uma espécie de casa vazia, que recebe investimentos de projetos e de determinações do sujeito [...] Há dois tipos de junção, ou seja, dois modos diferentes de relação do sujeito com os valores investidos nos objetos, a conjunção e a disjunção” (BARROS, 2005, p. 22).

com os conceitos de Greimas e Courtés (2020, p. 237, grifo do autor), diferentes semióticas que:

se encontram encaixadas e imbricadas umas nas outras tanto em seu estado "natural" (cf. os diferentes rituais e cerimônias, por exemplo) como no seu estado "construído" (teatro, ópera, circo etc.), e que, no mais das vezes, nos encontramos frente a semióticas sincréticas, das quais temos que destrinçar os elementos constitutivos e os arranjos.

A seguir, veremos os conceitos que elencamos para formular uma segunda análise deste mesmo *corpus* de pesquisa, relacionando elementos de análise sobre o enquadramento noticioso, fonte de análise muito pertinente para apreensão dos sentidos no contexto do universo mercadológico e cultural, a feira livre cujas experiências do cotidiano sofreram alterações em suas práticas, o que fica evidente na homologação do plano de conteúdo com o plano de expressão.

2.3 O semissimbolismo na construção do simulacro

Sendo a linguagem do conteúdo audiovisual predominantemente figurativa, esta produz efeitos de realidade para o *fazer-crer*, construindo simulacros⁸² necessários ao convencimento do público-alvo, através de referências e representações de conceitos do mundo natural nas narrativas. Conforme pontua Pietroforte (2019 p. 21), “as figuras são elementos do discurso que criam a ilusão de um mundo possível por produzir uma referencialização ao mundo natural”, o que justifica no discurso jornalístico uma concretude para dar sentido e credibilidade às informações que estão sendo veiculadas.

Utilizando-se de aspectos do enquadramento noticioso a partir de um quadro, ou *freeze frame*, ou imagem congelada da reportagem elencada neste trabalho, e com base nos conceitos dada semiótica discursiva e seus desdobramentos, a partir da semiótica plástica de J. M. Floch (1985) e das abordagens de A. V. Pietroforte (2019) sobre a semiótica visual, produzimos uma análise que visa depreender os sentidos produzidos no quadro do vídeo ancorado pelo título da matéria, observando as relações de homologação que constituem as relações semissimbólicas.

Consideramos a abordagem da semiótica plástica para desenvolver a compreensão dos efeitos causados pela pandemia no universo da feira livre. Valendo-se das teorias de Saussure

⁸² “Os simulacros são objetos imaginários, que não têm fundamento intersubjetivo, mas, mesmo assim, determinam as relações intersubjetivas. O sujeito do estado estabelece uma relação fiduciária — de confiança, de /crer/ — com o simulacro que constrói” (BARROS, 2001, p. 63).

apoiadas em Hjelmslev, separando em recortes o plano da expressão do plano de conteúdo, conduzimos a questão da significação tratando nas propostas da plasticidade. Afirma Pietroforte (2016, p. 29) que:

Em muitos textos, categorias do plano de expressão são correlacionadas a categorias do plano de conteúdo, manifestando o que a semiótica chama semissimbolismo. Segundo Saussure, em meio às arbitrariedades do signo, há os sistemas simbólicos, em que há motivações entre o conceito e sua expressão, por exemplo, quando caveiras expressam o conceito de morte. Com base nessas considerações, na semiótica de Greimas, quando categorias da expressão são correlacionadas a categorias do conteúdo, encaminhando a construção de símbolos motivados textualmente, são definidos os sistemas semissimbólicos.

Sendo assim, a análise semissimbólica do enquadramento noticioso pode retratar as estratégias inscritas nas formas pluriplanas para alcançar o público-alvo, e convencer o sujeito-destinatário sobre um fato social, através de uma figuratividade⁸³ importante que se coaduna com as informações veridictórias, ou seja, uma predominância de concretude no texto criando um efeito de realidade, indicando temáticas que trazem uma representatividade.

As teorias sobre o enquadramento advêm dos estudos a partir de autores multidisciplinares como o antropólogo, linguista e semiólogo inglês, Gregory Bateson (1904 - 1980). A ideia de enquadramento inicialmente faz um percurso pelo campo da psiquiatria e dos estudos sociológicos fazendo referência às questões da metalinguagem, e “busca explicar como as interações ancoram-se em quadros de sentido que moldam as interpretações e ações dos atores envolvidos” (MENDONÇA; SIMÕES, 2012, p. 188). Bateson (2000, p. 38) explica:

Na verdade, a língua possui uma relação com os objetos que denota comparável com aquela que um mapa tem com um território. A comunicação denotativa como ocorre na linguagem humana só é possível *depois* da evolução de um conjunto complexo de regras metalinguísticas (mas não verbalizadas) que governam como palavras e orações devem ser relacionadas a objetos e eventos.

Bateson foi um intelectual imensamente talentoso, “Claude Lévi-Strauss elogiava sua teoria da cultura”, outros antropólogos como Ray Birdwhistell (1918 -1994) e Erving Goffman (1922 - 1982) diziam que seus poderes de observação eram excepcionais (LIPSET, 1980, p. VII). O conceito do enquadramento iniciado por Bateson reunia “esforços para obter um quadro de comportamento o mais amplo possível” (LIPSET, 1980, p. 153):

Bateson (1972) enfatizou que o enquadramento implica relacionamentos organizados pelo remetente entre os elementos de uma mensagem, o que lembra o receptor, “essas

⁸³ Conforme esclarece Barros (2005, p. 83), a figurativização “é o procedimento semântico pelo qual conteúdos mais “concretos” (que remetem ao mundo natural) recobrem os percursos temáticos abstratos”.

mensagens são mutuamente relevantes e as mensagens fora do quadro podem ser ignoradas”. Essa formulação inicial de enquadramento está intimamente ligada à ciência cognitiva [...] Bateson (1972), cujas ideias implicam em uma abordagem lógica de processamento de informações para a compreensão humana, descreveu o enquadramento como “um certo conjunto de regras para a criação e compreensão de mensagens” (MAHER, 2001, p. 86, tradução nossa)⁸⁴.

Goffman (1986, p. 21) posteriormente traz uma evolução para os conceitos da análise de frames ou enquadramentos, esclarecendo que podem ser apresentáveis como uma interpretação de eventos organizados, estruturados e percebidos como realidades sistematizadas, uma “organização da experiência” (GOFFMAN, 1986, p. 11).

Esses conceitos transdisciplinares oportunizam maior sentido aos processos criativos na produção das narrativas audiovisuais, e neste trabalho possuem o intuito de aprofundamento relacionado aos estudos da imagem congelada ou *freeze frame* para analisar as relações semissimbólicas.

A semiótica visual trata do signo, que conforme Dicionário de Semiótica, *signo* constitui-se da “relação de pressuposição recíproca (ou solidariedade), que se estabelece entre grandezas do plano da expressão (do significante) e do plano do conteúdo (do significado), no momento do ato de linguagem” (GREIMAS; COURTÉS, 2020, p. 462), e a semiótica plástica trata das categorias visuais, ou do plano da expressão, nas disposições das cores, das formas, compondo o texto sincrético que, em nossa análise, é retratado pelo enquadramento ou *freeze frame*.

Portanto, a análise de que tratamos por meio dos conceitos da semiótica plástica neste trabalho, inicialmente advém do pensamento de Floch (1985, p. 13, tradução nossa):

[...] o objetivo da semiótica plástica é de compreender as condições de produção, mas também a intencionalidade de um certo tipo de relação entre um significante (visual) e um significado, e que tal afirmação implica a recusa em substituir os objetos de significado manifestados pelo jogo formas, cores e posições, lexicalização imediatas apenas de sua dimensão figurativa.⁸⁵

⁸⁴ Original: Bateson (1972) stressed that framing implies sender-organized relationships among elements in a message, which reminds the receiver, “these messages are mutually relevant and the messages outside the frame may be ignored” [...] This early formulation of framing is closely tied to cognitive science [...] Bateson (1972), whose ideas imply a logical, information-processing approach to human understanding, described framing as “a certain set of rules for the making and understanding of messages” (p. 191). In his overview of the development of cognitive science, Gardner (1987) listed frames among the many vocabularies that psychologists have developed to describe cognitive representation.

⁸⁵ Original : [...] le propos de la sémiotique plastique est de comprendre les conditions de production mais aussi l'intentionnalité d'un certain type de relation entre un signifiant (visuel) et un signifié, et qu'un tel propos implique le refus de substituer aux objets de sens manifestés par le jeu des formes, des couleurs et des positions, une lexicalisation immédiate de leur seule dimension figurative.

Oliveira (2014, p. 22) analisa que Floch (1985) trouxe a lume os estudos das “articulações significantes, visando a construção sensível e inteligível do que faz sentido para um segmento público”, partindo dessas considerações, o trabalho com o recorte de um *frame* busca demonstrar os investimentos materializados no plano da expressão dentro de um enquadramento noticioso, que conforme elabora Porto (2002, p. 15) “enquadramentos noticiosos são padrões de apresentação, seleção e ênfase utilizados por jornalistas para organizar seus relatos”.

Nosso próximo quesito teórico vislumbra sobre os postulados da sociosemiótica, buscando compreender como se manifesta a construção dos sentidos da feira livre, regimentadas pela programação e a presença dos sujeitos.

2.4 A sociosemiótica na construção do sensível

A feira livre atualmente destaca-se nas práticas sociais como “realidades organizadas” (SATO, 2012, p. 22). Os sentidos que emergem do evento da feira livre advêm da simplicidade e da ornamentação das barracas, do manuseio e disposição dos produtos, da periodicidade do evento, da programação estabelecida com o público ou comunidade que frequenta e dos encontros inseridos no macrocosmo feirante.

Com uma linguagem peculiar, a oralidade e a informalidade naturalmente se unem em um contexto afetivo, ampliando as características de uma representatividade social. Landowski (2017, p. 26) esclarece que é a linguagem que “constrói o mundo que nos circunda, precisamente *dando-lhe um sentido*”, proporcionando “o parecer de um *mundo significante*”, nesse sentido, as práticas de vida são provocadas pela materialização dos enunciados.

Investigando os sentidos que emergem da feira livre, nos deparamos com o estudo das práticas para conhecer a pluralidade dos simulacros que são construídos nas narrativas dentro de uma concepção de mundo natural, conforme célebre citação de Greimas (1973, p. 11) “o mundo humano se define essencialmente como o mundo da significação. Só pode ser chamado ‘humano’ na medida em que significa alguma coisa”.

Greimas (1976) após desenvolver a sistemática de sua *Semântica Estrutural* concretizando uma gramática narrativa de aplicação, remonta em suas obras *Da imperfeição* (1987) e *Semiótica das Paixões* (1991) uma nova etapa em sua jornada semiótica, “[...] e retorna às fontes fenomenológicas [...] renova as perspectivas de pesquisa ao introduzir um conceito-

chave até então totalmente ignorado na semiótica, o da *estesia*⁸⁶ (LANDOWSKI, 2004, p. 4, tradução, nota e grifo nossos)⁸⁷.

Os investimentos semânticos adornam as relações do sujeito com o objeto e se condensam em narrativas do social. Sendo a *feira livre* um ambiente de práticas periódicas e processos axiológicos que advém de uma prática milenar, encontramos um universo de celebração, de convivência e modos de presença que formam enunciados “em situação”, conforme elabora Oliveira (2021, p. 10-11, grifo do autor) :

[...] se postulou que a semiótica do social se ocupava da apreensão e construção do sentido de diferentes tipos de enunciados. Seguindo essa busca de Landowski de uma terminologia mais abrangente, a semiótica dá conta de: ii) *enunciados acabados* [...] encerrado na sua estruturação as relações que as partes integrantes mantem entre si e que possibilitam aceder à construção do todo de sentido [...] ii) *enunciados em situação* [...] cuja produção do sentido se dá na inter-ação com o contexto de ocorrência que se constitui como parte significativa da ambiência que o faz significar nas e pelas articulações do todo; iii) *enunciados da experiência* nos quais o analista-semiotista integra como partícipe do enunciado que analisa e no qual se encontra em co-presença.

A sociosemiótica trabalha com desenvolvimento de novos conceitos, porém mantém seu rigor trabalhando com os níveis do percurso gerativo de sentido, visando concretizar a expressão no nível da discursividade, conforme esclarece Oliveira (2017, cap. II, *e-book*) na obra *Sentidos do Consumo - os desafios do cenário contemporâneo à luz da semiótica*: “semiotizar é tomado como o ato de desconstrução do constructo da significação de toda e qualquer totalidade manifesta e o objetivo é a apreensão, descrição e análise dos mecanismos da produção do sentido”.

“A semiótica se propõem como uma teoria da produção e da apreensão do sentido em ato” (LANDOWSKI, 2014, p. 12) e busca através do olhar do semiotista, “o olhar comprometido”⁸⁸, conhecer a sociedade pelos objetos definindo-a pelo sentido, como podemos constatar nas pesquisas do CPS – Centro de Pesquisas Sociosemióticas, centro interinstitucional com sede na PUC-SP, compiladas em obras como: *São Paulo, Público e*

⁸⁶ Oliveira (2010, p. 9) apresenta a estesia “como a condição de processamento do estético, um componente constituinte de todo e qualquer arranjo de linguagem, a estesia é um processamento do corpo que sente as qualidades que sobre ele operam impressivamente”.

⁸⁷ Original: [...] *revient aux sources phénoménologiques auxquelles nous avons fait allusion et renouvelle les perspectives de la recherche en introduisant un concept clef jusqu'alors totalement ignoré en sémiotique, celui d'esthésie.*

⁸⁸ Título do artigo de Eric Landowski publicado na Revista Galáxia, n. 2, 2001. Texto original: “*Le regard implique*” que consta na Revista Lusitana, 17-18, Lisboa, 1998. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1241/747>>. Acesso em: 09 mai. 2022.

Privado: abordagem sociosemiótica (2014); *Do sensível ao Inteligível: duas décadas de construção do sentido* (2014); *Sentido e Interação nas Práticas: comunicação, consumo, educação, urbanidade* (2016), volumes organizados por Ana Claudia Mei de Oliveira, com artigos de diversos autores dentre os quais destacamos a contribuição de Bueno (2014, p. 655), *Espaços étnicos práticas profanas e sagradas: o lazer dos imigrantes em São Paulo*, e a análise de Rodrigues (2016, p. 193), *Eventos juninos da Rua dos Pinheiros e do Largo da Batata: entre coletividade e individualidade*, que trouxeram-nos a ideia da metodologia pertinente para a observação e a pesquisa utilizando-se de uma câmera para captação de imagens.

Neste trabalho, elencamos para análise sociosemiótica das práticas no social o estudo *in loco* na Feira Livre do Guanandi, mesmo evento mencionado no conteúdo audiovisual que trazemos como parte de nossas análises. Situada na área periférica da Capital Campo Grande, utilizamos imagens do dia de feira que capturamos por meio de gravações produzidas com um celular Iphone®, seguindo as orientações de Landowski (2001, p. 35):

“Presença”, “situação”, “interação”: estas são, com efeito, algumas das principais noções que é preciso reter se se deseja abordar a especificidade do “fazer” semiótico, pelo menos naquilo que ele oferece hoje de mais vivo. Tendo como objetivo a captação do sentido enquanto dimensão provada de nosso ser no mundo e desejando manter um contato direto com o cotidiano, o social e o “vivido”, a pesquisa semiótica atual se orienta cada vez mais explicitamente para a constituição de uma semiótica da experiência, em particular sob a forma de uma sociosemiótica.

Outros textos foram basilares em nossa pesquisa, como *Sociosemiótica: uma teoria geral do sentido* (LANDOWSKI, 2016, p. 467); *Entre observação e experiência* (OLIVEIRA, 2014, p. 595); *Olhar comprometido* (LANDOWSKI, 2001, p. 19); *Os mercados dos imigrantes em São Paulo, visualidades, valores e interações* (BUENO; GARCIA; COSTA; BRAGA, 2016, p. 291); *Público & privado, problemáticas interdependentes: As pistas impressivas no entretecer da trama social* (OLIVEIRA, 2014, p. 13); *A narrativa do gosto* (MARRONE, 1997, p. 177), *Interação e sentido nas práticas de vida* (OLIVEIRA, 2014, p. 179); *Face à pandemia* (LANDOWSKI, 2021, p. 88), entre outros.

Em nosso trabalho, tratamos sobre a dinamicidade da feira livre que propicia as possibilidades de interações entre os sujeitos e seus axiologismos. Comer, passear, comprar, encontrar amigos, “fazer a feira”, são modos de fazer que estabelecem modos de estar que concretizam os simulacros, apoiados nos sincretismos do ambiente socioeconômico e cultural da feira, nas relações entre o objeto e o sujeito, conforme testemunha Bernardo (2014, p. 22 e 27):

Afinal, o que vocês queriam? que os alimentos chegassem a sua mesa pelas mãos de um emissário misterioso, que logo se retiraria, discretamente? Não, não é assim que funciona. A gente quer participar da festa [...] se já é bonito acompanhar a vida de um único comércio pequeno, imagine só a riqueza e a quantidade de histórias por trás de dezenas de barracas, em centenas de feiras, compostas de milhares de pessoas itinerantes, tudo isso diariamente?”.

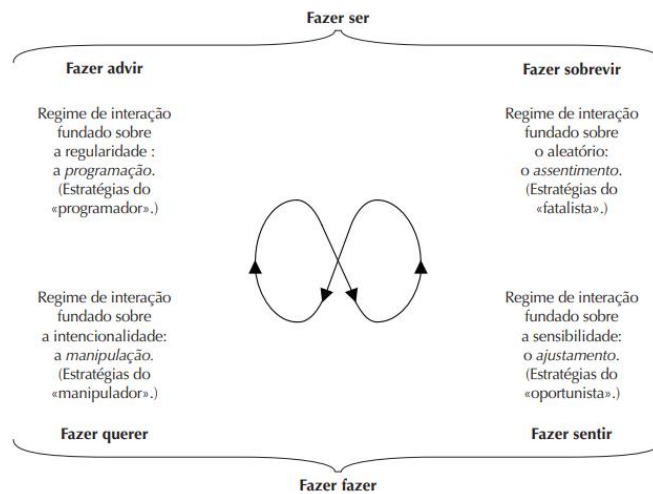
As hipóteses sobre os sentidos que emergem das práticas da feira livre nos remetem aos regimes de interação e aos regimes de sentido. Oliveira (2014, p. 597) instrui que os programas narrativos podem ser entendidos segundo o conceito de sintaxe da *junção* estabelecido por Greimas (1979) e da sintaxe da *união* desenvolvida por Landowski (2004), dando complementação à gramática narrativa da semiótica discursiva que sistematiza os modelos de regimes de sentido que são regidos pela interação (Figura 18): programação, manipulação, ajustamento e aleatoriedade (*álea/chaos*).

Os regimes do gosto sob a perspectiva da sociosemiótica impulsionam a apreensão das experiências sensíveis nos textos não verbais, ou configurações sincréticas, como tratamos nesta dissertação sobre o objeto feira livre. O próprio gosto já é um objeto a ser considerado nas análises, tal como podemos atestar na obra *O gosto da gente, o gosto das coisas, uma abordagem semiótica* de Landowski e Fiorin (1997) tratando o gosto como “da ordem da significação” e não sendo “simples resultante de determinações neurobiológicas” (LANDOWSKI, 1997, p. 8-9):

Gosto não representa uma realidade abstrata que se situaria numa esfera intelectual reservada a um pequeno número de especialistas; ao contrário, faz parte dos fenômenos empiricamente mais óbvios, de tal modo que pertence imediatamente a todos: experimenta-se, partilha-se, inclusive se discute por todas as partes [...] dando lugar a classificações, prescrições, julgamentos, confissões e confrontações inesgotáveis no plano cotidiano [...] a mesma coisa se dá num plano mais afastado do vivido, ao considerar o gosto como objeto de saber (senão de ciência) passível de descrição, de análise, e finalmente de teorização.

A semiótica, conclui Landowski (1997, p. 9), visa construir uma gramática actancial e discursiva que promova a produção e a apreensão dos gostos enquanto efeitos de sentido; sendo assim, os conceitos da semiótica do gosto visam fundamentar análises referentes ao objeto feira livre, tendo em vista a diversidade de gostos, de narrativas e de práticas em sua espacialidade.

Figura 18 - Regimes de interação e sentido.



Fonte: (Landowski, 2014, p. 15)

Estas análises se justificam como meios de interpretação dos modos de construção de sentido advindos no sincretismo da *feira livre*, visando analisar os regimes de sentido e as interações entre os sujeitos e seus objetos de valor, no contexto social e mercadológico, na consistência estésica (DISCINI, 2017, p. 85) que advém da figuratividade e do mundo relacional e sensível da feira livre.

Na análise sociossemiótica da Feira Livre do Guanandi trabalhamos as imagens elencadas e também na sua plasticidade, buscando nas categorias de expressão as oposições existentes e que fazem sentido na cotidianidade das práticas, segundo os conceitos de figuratividade que elencamos na seção anterior sobre semissimbolismo e semiótica plástica: “como ela se articula, de um lado, com a dimensão figurativa e, do outro, com o enunciado linguístico” (FLOCH, 1987, p. 29).

PRÁTICAS SOCIAIS NA FEIRA LIVRE

Seguindo o *corpora* especificado em nosso trabalho, os registros históricos e teóricos, nossas análises explicitam que os sentidos decorrentes da feira livre perpassam por camadas, conforme já supracitado, “imbricadas umas nas outras”, e que para ser apreendido é fundamental “destrinchar os elementos constitutivos” (GREIMAS; COURTÉS, 2020, p. 237).

Para relacionar o objeto feira livre aos desdobramentos das pesquisas em semiótica desenvolvidas nesta dissertação, semiotizamos algumas ideias advindas da antropologia, da sociologia, da etnologia, da produção de mídias audiovisuais, entre outras fontes de grande importância para compreender os seus sincretismos. Neste capítulo realizamos as análises em aprofundamento aos estudos que exploram textos complexos e que dialogam com a semiose do evento milenar que foi ganhando reconhecimento, mesmo em diferentes formatos.

Ao assimilar a importância dos estudos etnográficos que ocorreram a respeito das feiras e dos mercados da Idade Média, temos na seção 3.1) *As expressões das feiras*, realizamos uma abordagem sobre as questões oriundas de fatores extralinguísticos e do léxico e que influíram de certa forma na atualidade das feiras e dos mercados, visando apreender os sentidos manifestados dos processos narrativos no contexto iniciático das transações mercadológicas e das práticas sociais deste evento.

Já na seção 3.2) *Entre observação e experiência na feira livre do Bairro Guanandi: uma análise sociosemiótica*, analisamos a partir dos conceitos da sociosemiótica desenvolvida por Landowski (2004) e colaboradores, os investimentos na construção do sentido nas práticas da feira livre em suas diversas manifestações, observando as cotidianidades do evento através do olhar do semioticista e trazendo imagens sobre as experiências. As subseções “Sentido e Interação entre destinatários e destinatários na feira” e “As práticas de vida na Feira do Guanandi: vender, consumir, politizar, passear, gostar, observar e pesquisar trazem um exame a partir da organização estrutural, a configuração topológica e os valores inseridos e mobilizados no contexto da feira, propondo uma análise figurativa e plástica em busca dos

efeitos de sentido resultantes das interações entre o objeto e os sujeitos através do olhar do semiótico.

Na seção 3.3) *Os regimes do gosto: considerações sobre as práticas sensíveis da feira livre*, trazemos análises ancoradas às imagens que demonstram a diversidade do gosto sensibilizado pela memória afetiva e gustativa, e outras concepções de gostos.

3.1 As expressões das feiras

A construção significativa da feira livre desde a sua gênese exige um olhar sincrético, como já dissemos, para entender todos os seus aportes sociológicos. Trouxemos para nossas análises algumas questões imbricadas ao léxico, que demonstram as diferentes conotações das práticas vividas no ambiente das feiras.

Coseriu (1990, p. 46) explica que no nível histórico a etnografia linguística tem como tarefa identificar a *cultura não linguística* refletida nas línguas, como os saberes, as experiências, as ideias e as concepções, ou seja, os fatores extralinguísticos que oportunizam uma cosmovisão sobre a língua. Porém, a linguagem sendo autônoma permanece sendo atualizada pela cultura de forma cronológica e pode continuar refletindo os fatos de experiências e uma cultura não atuais. Nesse sentido, no contexto das feiras há uma tradição linguística que culminou na influência permanente para além do contexto mercadológico.

Na Idade Média, a sociedade ocidental sofreu o domínio da Igreja Católica, o que fazia com que a economia estivesse ligada ao clero, tanto que o *vocabulário* do Direito Comercial criado para progressão e organização do sistema das negociações e práticas de crédito em feiras e mercados, foi incorporado mais tarde ao credo do *Sanctorum Communio*⁸⁹ ou a doutrina da Comunhão dos Santos. Durante o século XIII a partir das Cruzadas, a doutrina traz a afirmação da *prática das indulgências* vinculadas a um modelo de comunidade cristã que contribuiu para a evolução da ideia de uma igreja militante, purgadora e triunfante (BARTOLI, 2007, p. 16),

⁸⁹ “O primeiro documento atestando a fórmula Comunhão dos Santos é provavelmente uma Explicação do Símbolo, cujo autor seria Nicetas, bispo de Remesiana do século V (amigo de Paulino de Nola), que diz: “Depois de ter professado a Santíssima Trindade, agora professa a vossa fé para com a santa Igreja Católica [...] porque, santificados pela fé comum e pela vida comum, marcados por um só Espírito, eles se tornaram um só corpo, e a cabeça deste corpo é Cristo, como atesta a Escritura.” (BARTOLI, 2007, p. 13, tradução nossa) – Original: *Il primo documento che attesti la formula comunione dei santi è probabilmente una Spiegazione del Simbolo, il cui autore sarebbe Niceta, vescovo di Remesiana del V secolo (amico di Paolino di Nola), che dice: “Dopo aver professato la Beata Trinità, professa adesso la tua fede verso la santa Chiesa cattolica [...] perché, santificati dalla fede comune e dalla vita comune, segnati da un solo Spirito, essi sono diventati un solo corpo, e di questo corpo il capo è Cristo, come attesta la Scrittura.*

tempos de consagração da doutrina que enfatizava a intercessão mútua entre os santos da terra, do céu e do purgatório.

Todo o vocabulário das indulgências é, na verdade, um vocabulário retirado da linguagem econômica: *mereor* significa merecer, mas também ganhar e, portanto, *meritum* é lucro; e, por outro lado, *satisfacere* significa satisfazer, pagar uma dívida, de modo que a expressão-chave *meritum satisfactorium* pode ser interpretada como "um ganho que quita uma dívida". (BARTOLI, 2007, p. 28, tradução nossa)⁹⁰

As expressões concebidas no tempo das feiras medievais e emprestadas ao Direito Comercial exemplificam o pensamento de Gallison (1988) sobre a teoria da carga cultural compartilhada, angariando “*status* de pertencer ao patrimônio coletivo, pois advém de um denominador cultural comum aos indivíduos de um dado grupo social” (BARBOSA, 2009, p. 34-35).

Conforme afirma Sapir (1961, p. 45), o léxico da língua reflete o ambiente físico e social dos falantes como um “complexo inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade” e faz alusão à variabilidade infinita da forma linguística ou mental explicitando que a morfologia linguística é uma arte coletiva de pensar, e “o conteúdo latente de todas as línguas é o mesmo: é a ‘ciência’ intuitiva da experiência [...] uma arte despida das irrelevâncias do sentir dos indivíduos” (SAPIR, 1971, p. 214, grifo do autor).

Isso nos remete, também, ao pensamento de Laraia (2008, p. 45) quando se referia à questão do homem como resultado do meio cultural em que fora inserido. Processos acumulativos são herdados refletindo conhecimentos e experiências resultantes do esforço não só de um indivíduo, mas de “toda uma comunidade”. Câmara Jr (2011, p. 18-19) também reflete a esse respeito, quando diz que o estudo histórico da sociedade fornece um novo impacto no desenvolvimento cultural, um novo ponto de vista que denota “a linguagem como manifestação cultural da sociedade [...] o objeto de um estudo histórico”.

Nesta dissertação fazemos uma leitura do cotidiano das feiras medievais, pontuando alguns termos ou *lexemas* e algumas expressões que foram compartilhados ao longo da história dos mercados, chegando à contemporaneidade.

⁹⁰ Original: *Tutto il vocabolario delle indulgenze è infatti un vocabolario tratto dal linguaggio economico: mereor significa meritare, ma anche guadagnare e dunque il meritum è il guadagno; e, d'altra parte satisfacere vuol dire soddisfare, pagare un debito, per cui l'espressione chiave meritum satisfactorium può essere interpretata come “un guadagno che salda un debito”.* Disponível em: <<https://img.fae.edu/galeria/getImage/45/4773495051136750.pdf>> Acesso em: 20 out. 2021.

Conforme registramos anteriormente, a teoria da significação fundamentada na fenomenologia e de caráter sincrônico, consagrou-se como *ciência* a partir de Greimas (1973) e B. Pottier (1974) que apresentou uma descrição semântica de qualidade e com especificidade científica que definia a unidade mínima do plano de conteúdo, o *sema*, a descrição do campo semântico⁹¹ e a descrição sistemática do conjunto constitutivo dos *sememas* (LOPES, 2003, p. 280).

[...] o lexema seria uma unidade do conteúdo (uma figura, no sentido de L. Hjelmslev) que, em razão da sua cobertura por um formante único, pode dar lugar - uma vez inscrita no enunciado - a uma ou diversas unidades do conteúdo denominadas sememas [...] o lexema realiza-se no momento da semiose, isto é, da junção do formante e do núcleo sêmico que ele recobre; mas sua realização sintagmática é também sua inscrição no enunciado cujos **semas contextuais** ele recolhe, os quais lhe permitem constituir-se em **semema**, selecionando para ele o **percurso único** (ou vários percursos no caso de pluri-isotopia) da manifestação da significação (GREIMAS & COURTÉS, 2020, p. 283, grifo nosso).

Não pretendemos neste trabalho fazer um estudo aprofundado do léxico de feira, mas nos propomos a pesquisar algumas expressões que por meio das isotopias, “a permanência de um efeito de sentido ao longo da cadeia do discurso” (BERTRAND, 2003, p. 154), pode enriquecer nosso entendimento sobre *como esse evento intensificou as narrativas e afetou toda uma sociedade em suas práticas*.

Elencamos algumas locuções que trazem uma conotação da época, jargões e provérbios encontrados em obras em italiano como *Vocabolario Degli Accademici Della Crusca* (1591), *Scuola del volgo* (1642), *Raccolta di proverbi toscani* (1853) e dicionários antigos no francês, tais como *Dictionnaire de l'Académie Française* (1694), *Le Dictionnaire des Halles, ou, Extrait du Dictionnaire de L'académie Française* (1696). Esse último foi elaborado para artesãos, barqueiros, carregadores de água, cadetes do exército, pessoas que não possuíam uma polidez na língua, obra que trazia a linguagem das feiras e dos mercados e seus jargões (ARTAUD, 1696, *Avertissement*, p. I-II).

Quadro 1 – Expressões sintagmáticas relacionadas ao contexto das feiras

EXPRESSÕES EM FRANCÊS	
<i>Faire la foire</i>	Tradução: Fazer a feira. Significado: Fazer mercado, troca de mercadorias, festa rural, festejar, alvoroço. Observamos durante

⁹¹ Segundo Greimas e Courtés (2020, p. 52) “um campo semântico (ou nocional, ou conceptual, segundo os autores), em semântica lexical, um conjunto de unidades lexicais que se considera, a título de hipótese de trabalho, como dotado de uma organização estrutural subjacente”.

	nossas pesquisas que a expressão <i>faire la foire</i> , além do sentido literal do termo, tinha relação com a ideia da feira ser um local de devassidão, um sentido que procede de uma locução do francês antigo, <i>mettre son cors en foire</i> , significando “meter os chifres na feira” que reunia a ideia de venda, tráfico e prostituição. Fonte: <i>Expressions Françaises</i> ⁹²
<i>Ils s'entendent comme larrons en foire</i>	Tradução: Eles se dão como ladrões em uma feira. Significado: Expressão para dizer sobre pessoas que usam da inteligência para fazer truques. Fonte: <i>Le Dictionnaire des Halles, ou, Extrait du Dictionnaire de l'Académie Française</i> (1696, p. 101) ⁹³
<i>La foire sera bonne, les marchands s'assemblent</i>	Tradução: A feira vai ser boa, os comerciantes se reúnem. Significado: Expressão para dizer que muitas pessoas se reuniriam para uma assembleia. Fonte : <i>Dictionnaire de l'Académie française, 2e édition</i> (1694, p. 673) ⁹⁴
<i>Nous ne sommes pas à la foire</i>	Tradução: Não estamos na feira. Significado: Para dizer que não é o lugar e nem o momento para assobiar, fazer barulho, regatear ou discutir como os vendedores de uma feira. Fonte: <i>Centre National de Ressources Textuelles e Lexicales</i> ⁹⁵
<i>Qui aurait pratiqué les foires depuis vingt</i>	Tradução: Que teria praticado feiras por vinte anos. Significado: Expressão muito utilizada para se referir a uma “mulher de vida ruim”. Fonte: <i>Foires et marchés dans les campagnes italiennes au Moyen Âge</i> (1996) ⁹⁶
<i>Un homme a hanté les foires, a bien hanté les foires</i>	Tradução: Um homem assombrou as feiras, assombrou bem as feiras. Significado: Para dizer sobre do homem que possui prática nas negociações, bem versado no comércio mundial. Fonte: <i>Le dictionnaire de l'Académie Française. Tome 1/dédié au Roy</i> (1694, p. 554) ⁹⁷
<i>La foire n'est pas sur le pont</i>	Tradução: A feira não está no convés, Significado: Para dizer que “não é preciso tanta pressa”. Fonte: <i>Le dictionnaire de l'Académie Française 4e édition</i> (1762, p. 757) ⁹⁸

⁹² Disponível em: < <https://www.expressions-francaises.fr/expressions-f/1780-faire-la-foire.html> >. Acesso em 10 out. 2021.

⁹³ Disponível em: < <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k50419h/f110.item> >. Acesso em 16 out. 2021

⁹⁴ Disponível em: < <https://www.dictionnaire-academie.fr/article/A1F0146> >. Acesso em 16 out. 2021

⁹⁵ Disponível em: < <https://www.cnrtl.fr/definition/foire> > Acesso em: 12 out. 2021

⁹⁶ Disponível em: < <http://books.openedition.org/pumi/23317> >. Acesso em: 16 out. 2021

⁹⁷ Disponível em: < <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k42273231/f584.image.r=foire> > Acesso em 03 mai. 2022.

⁹⁸ Disponível em: < <https://www.dictionnaire-academie.fr/article/A4F0654> > Acesso em: 12 mai. 2022.

Courtier	Tradução: Corretor Significado: Profissional que conectava vendedores e compradores na feira Fonte: <i>Le commerce au Moyen Âge</i> (p. 138) ⁹⁹
La lettre de change	Tradução: Letra de câmbio Significado: A letra de câmbio facilitava os negócios de uma cidade para outra, pois as moedas eram diferentes; as viagens eram difíceis e as estradas perigosas, por isso esse documento facilitava aos comerciantes viajar por toda Europa sem transportar grandes somas; ancestral do cheque ou do cartão de crédito. Fonte: <i>Le commerce au Moyen Âge</i> (p. 140) ¹⁰⁰
Succursale	Tradução: Filial, sucursal. Significado: Escritório ou loja que representa um empreendimento em outra cidade ou país. Fonte: <i>Le commerce au Moyen Âge</i> (p. 138) ¹⁰¹
Étals provisoires	Tradução: Barracas temporárias Significado: Eram bancas de ruas, compartimento feito de tábuas onde vendiam seus produtos. Fonte: <i>Explorateurs Troyes, Au Temps Des Foires De Champagne - Livret Découverte / 8-12 ans</i> (p. 11) ¹⁰²
La Corporation	Tradução: Corporação Significado: A corporação foi criada para permitir que os artesãos se reunissem para obter mais direitos. Fonte: <i>Explorateurs Troyes, Au Temps Des Foires De Champagne - Livret Découverte / 8-12 ans</i> (p. 18) ¹⁰³
Le banquier	Tradução: Banqueiro Significado: Deu-se a origem da palavra pelos cambistas que montavam seus bancos na feira. Essa profissão constituía-se em uma atividade importante durante o período de feiras.

⁹⁹ Disponível em: <

https://www.plandetudes.ch/documents/10136/7479629/HISTOIRE_9e_LIVRE_ELEVE_th10_pp_130_143.pdf/875e2004-3df3-4a49-b02b-6a1385ec0a54> Acesso em: 12 out. 2021

¹⁰⁰ Disponível em: <

https://www.plandetudes.ch/documents/10136/7479629/HISTOIRE_9e_LIVRE_ELEVE_th10_pp_130_143.pdf/875e2004-3df3-4a49-b02b-6a1385ec0a54> Acesso em: 12 out. 2021

¹⁰¹ Disponível em:

<https://www.plandetudes.ch/documents/10136/7479629/HISTOIRE_9e_LIVRE_ELEVE_th10_pp_130_143.pdf/875e2004-3df3-4a49-b02b-6a1385ec0a54>. Acesso em: 12 out 2021.

¹⁰² Disponível em: <<https://vpah-troyes.fr/wp-content/uploads/2020/09/DepliantFoireDeChampagneReponses.pdf>> Acesso em: 12 out. 2021.

¹⁰³ Disponível em: <<https://vpah-troyes.fr/wp-content/uploads/2020/09/DepliantFoireDeChampagneReponses.pdf>> Acesso em: 12 out. 2021.

	Fonte: <i>Explorateurs Troyes, Au Temps Des Foires De Champagne - Livret Découverte / 8-12 ans</i> (p. 21) ¹⁰⁴
Les changeurs	Tradução: Cambistas Significado: Os cambistas trocavam o dinheiro dos mercadores de toda a Europa contra a moeda dos condes de Champagne ou o rei da França, únicas moedas autorizadas a negociar durante as feiras. Fonte : <i>Explorateurs Troyes, Au Temps Des Foires De Champagne - Livret Découverte / 8-12 ans</i> (p. 21) ¹⁰⁵
EXPRESSÕES EM ITALIANO	
Presto alla fiera e tardi alla guerra	Tradução: Cedo para a feira e tarde para a guerra. Significado: Retirado do <i>Scuola del Volgo</i> , que trazia ditos, aforismos e provérbios divididos por temáticas, neste caso, <i>Circa la guerra</i> (sobre a guerra). Fonte: <i>Scuola del volgo: cioè scelta de' più leggiadri, e spiritosi detti, aforismi, e proverbi, tolti da varie lingue...</i> (1642, p. 32) ¹⁰⁶
Tu non saresti a tempo alla fiera a Lanciano, che dura un anno, e tre dì	Tradução: Você não chegaria a tempo na feira de Lanciano, que dura um ano e três dias. Significado: Quando alguém diz ou faz algo estúpido ou inocente; insensatez; atraso. Fonte: <i>Internet Archive: Vocabolario degli Accademici della Crusca</i> (1746, p. 275) ¹⁰⁷
Tre donne fanno un mercato, e quattro fanno una fiera	Tradução: Três mulheres fazem um mercado, e quatro fazem uma feira Significado: A feira era sinônimo de tagarelice, discussões animadas e acaloradas, barulhenta. Fonte: <i>Raccolta di proverbi toscani</i> (1853, p. 105) ¹⁰⁸
La fiera par bella a chi vi guadagna	Tradutor: A feira fica bela para quem ganha. Significado: Provérbio relacionado a conquista das coisas pelo próprio mérito. Fonte: <i>Raccolta di proverbi toscani</i> (1853, p. 91) ¹⁰⁹

Fonte: Autoria nossa

¹⁰⁴ Disponível em: <<https://vpah-troyes.fr/wp-content/uploads/2020/09/DepliantFoireDeChampagneReponses.pdf>> Acesso em: 12 out. 2021.

¹⁰⁵ Disponível em: <<https://vpah-troyes.fr/wp-content/uploads/2020/09/DepliantFoireDeChampagneReponses.pdf>> Acesso em: 12 out. 2021.

¹⁰⁶ Disponível em: <<https://play.google.com/books/reader?id=0EJDAAAACAAJ&pg=GBS.PA32&hl=pt>> Acesso em 04 mai. 2022.

¹⁰⁷ Disponível em: <https://archive.org/details/b30454906_0002/page/274/mode/2up?q=%3Cfiera%3E&view=theater>. Acesso em: 05 mai. 2022.

¹⁰⁸ Disponível em: <<https://play.google.com/books/reader?id=DnFufWcVMPgC&pg=GBS.PA104&hl=pt>> Acesso em: 05 mai. 2022.

¹⁰⁹ Disponível em: <<https://play.google.com/books/reader?id=DnFufWcVMPgC&pg=GBS.PA90&hl=pt&q=fiera>>. Acesso em: 05 mai. 2022.

Sapir (1961, p. 45) expõe sobre a importância do léxico como um “tesouro cabal” que possibilita depreender “o caráter do ambiente físico e as características culturais do povo considerado”. Como já dissemos, não aprofundaremos nossa análise aos estudos da lexicologia histórica¹¹⁰, mas trazemos apontamentos sobre o contexto etnolinguístico relacionado as feiras.

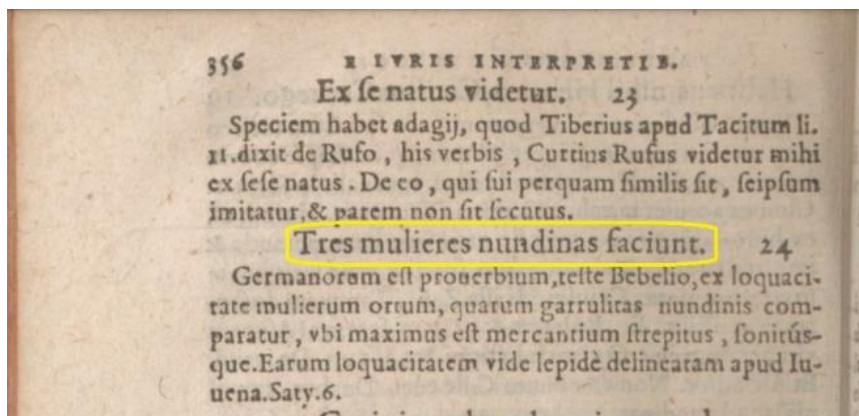
As expressões neste quadro retratam as condições de um contexto urbano medieval ancorado ao dinamismo mercadológico que se consolidou através da atuação das feiras. Os modos de dizer, a movimentação das negociações e a criação de novas terminologias nos permitem apreender uma organização e uma institucionalização das práticas, as interações sociais entre comércio, culto religioso e cultura popular, relativizadas pelas questões de sobrevivência e a vida em sociedade.

Certeau (1998, p. 82, grifo do autor) diz que “o ato de palavra não pode separar-se da circunstância” e esclarece que os modos de usar as palavras estão inseridos na historicidade cotidiana indissociável da existência dos sujeitos. E diz ainda, que os provérbios e outros discursos apresentam “as marcas de atos ou processos de enunciação [...] indicam, portanto, uma *historicidade* social na qual os sistemas de representações ou os procedimentos de fabricação não aparecem mais só como quadros normativos mas como *instrumentos manipuláveis por usuários*”.

Como vemos, os provérbios demonstram uma linguagem criada não somente por um indivíduo, mas pelo senso comum e podem estar imbuídos de humor, ideologias, sátiras ou críticas (XATARA; SUCCI, 2008, p. 38) atravessando de uma época a outra em diferentes culturas. Greimas (1975, p. 291) define que os provérbios e ditados possuem o “caráter arcaico” em sua construção gramatical pelo uso de léxicos arcaizantes, e que um estudo histórico aprofundado permite vislumbrar a “datação” desses elementos significantes que dão forma aos “traços distintivos intrínsecos”.

¹¹⁰ Baldinger (2001, p. 36) conceitua que a lexicologia histórica estabelece um aprofundamento para além dos estudos ‘semasiológico e onomasiológico’, atendo-se às questões das “relações humanas [...] históricas, culturais, sociológicas e econômicas” para apreender “as relações entre a língua e o homem”.

Figura 19 – Extraído da obra *Adagiorum omnium, quae a Junio, caeterisque, post Erasmi Chiliadas [...]*



Fonte: Biblioteca Nacional da França (1583) - Gallica¹¹¹ -

É o que podemos verificar entre as expressões elencadas nesta análise, como por exemplo a expressão típica da antiga sociedade patriarcal presente entre os antigos romanos, o provérbio toscano *Tres donne fanno un mercato, e quattro fanno una fiera*¹¹², que possui equivalentes em outros idiomas como vemos a seguir:

- Latim (Figura 19) = *Tres mulieres nudinas faciunt* (três mulheres fazem um mercado/feira) – Obra: *Adagiorum omnium, quae a Junio, caeterisque, post Erasmi Chiliadas, in lucem prodierunt, epitome [...]*¹¹³ (GISLAIN, 1583, p. 356, tradução nossa);
- Francês = *Trois femmes font un marché* (três mulheres fazem um mercado) – Obra: *Matinées Sénonoises ou Proverbes François, suivis de leur origine; de leur rapport avec ceux des langues anciennes et modernes, de l'emploi qu'on en a fait en poésie et en prose*¹¹⁴ (TUET, 1789, p. 235, tradução nossa);
- Inglês = *Three women and a goose make a market* (três mulheres e um ganso fazem um mercado) – Obra: *A Handbook of Proverbs: Comprising an Entire*

¹¹¹ Disponível em:

<<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k3043088z/f364.image.r=mulieres>> Acesso em: 17 mai. 2022.

¹¹² Disponível em: <<https://sapere.virgilio.it/proverbi/tre-donne-fanno-un-mercato-4378>> Acesso em: 17 mai. 2022.

¹¹³ Disponível em:

<<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k3043088z/f364.item.r=Tres%20mulieres%20faciunt%20nudinas#>>.

Acesso em: 18 mai. 2022.

¹¹⁴ Disponível em:

<<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5657384q/f259.item.r=Tres%20mulieres%20faciunt%20nudinas>>

Acesso em: 17 mai. 2022.

*Republication of Ray's Collection of English Proverbs, with His Additions from Foreign Languages: and a Complete Alphabetical Index*¹¹⁵ (BOHN, 1855, p. 44, tradução nossa);

- Alemão = *Drei Weiber, drei Fröschen, drei Gänse dabei, Machen einen Jahrmakkt mit ihrem Geschrei*” (três mulheres, três sapos, três gansos com eles, fazem uma feira com seus gritos) – Obra: *Sprichwörter der germanischen und romanischen Sprachen*¹¹⁶ (DÜRINGSFELD et al., 1872, p. 157, tradução nossa);
- Português = Três mulheres e um pato fazem uma feira – Obra: “Dicionário de provérbios: francês, português, inglês”¹¹⁷ (LACERDA et al., 2004, p. 194).

Sintetizando conceitos a respeito de regras, reflexões da moral, do cotidiano e da cultura vigente, Greimas (1975, p. 95 e 289) pontua que os provérbios e os ditados escolhidos dentro de um contexto histórico e nos limites de uma língua constituem “séries acabadas”, como um código particular onde “a descrição esquemática e estrutural do plano do significante dará conta das configurações de seu significado”.

Encontramos algumas referências que nos possibilitam apreender o sentido sobre as relações existentes entre os lexemas *feira*, *mulheres* e *ganso*, inscritos nestes provérbios entre a Idade Média e a Idade Moderna, como a de Cherubini (1996, *on-line*, tradução nossa)¹¹⁸ que esclarece que as feiras nas cidades italianas representavam uma “tentação irresistível” para os camponeses que, para participar, “abandonavam voluntariamente as suas ocupações”. Nas cidades pouco povoadas as feiras eram consideradas feiras rurais e geralmente entendia-se como um ambiente onde “mulheres honestas” não deveriam frequentar. Admitia-se sendo as feiras rurais tanto quanto as feiras em geral, “[...] um ponto de encontro de mulheres promíscuas: outro escritor da época compara a capacidade de uma senhora de enlouquecer os

¹¹⁵ Disponível em:

<https://play.google.com/books/reader?id=Y_HYAAAAMAAJ&pg=GBS.PA44&hl=pt&q=three+women >. Acesso em: 18 mai. 2022.

¹¹⁶ Disponível em: < <https://play.google.com/books/reader?id=S5dYAAAACAAJ&pg=GBS.PA156&hl=pt> > Acesso em: 17 mai. 2022.

¹¹⁷ LACERDA et al. *Dicionário de provérbios: francês, português, inglês*. 2ª. Ed. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

¹¹⁸ Original: *tentation irrésistible [...] abandonnent volontiers leurs occupations [...] les femmes honnêtes [...] un rendez-vous de femmes aux mœurs légères: un autre écrivain de l'époque compare l'habileté d'une dame à rendre fous les hommes à celle d'une femme de mauvaise vie 'qui aurait pratiqué les foires depuis vingt ans'*.

homens com a de uma mulher de vida ruim 'que teria praticado as feiras por vinte anos' [...]", provérbio muito utilizado na época, e que registramos anteriormente.

Na obra *Communicating Gender*, Romaine (1998, p. 160-164, tradução nossa) elucida que por volta do Século XVII, o ganso tornou-se um “símbolo da narrativa das mulheres”¹¹⁹ desde a figura da Mamãe Ganso em *Contes de ma Mère l'Oye*¹²⁰, conhecida na literatura por ser a contadora de histórias de contos de fadas criada por Charles Perrault (1628-1703), sendo nesta época construídas diferentes conotações à figura da mulher: “as mulheres estão associadas à pássaros como o ganso, que era sagrado para Afrodite, a deusa grega do amor, que o usava como meio de viagem [...] os gansos também são emblemas de fofocas [...]”¹²¹. Conforme Romaine (1998, p. 151, tradução nossa), um manual medieval para mulheres cristãs escrito por Juan Luis Vives (1523) orienta: “Que poucos a vejam e ninguém a ouça. Não há nada que afaste tão cedo a mente do marido de sua esposa como muitas repreensões [...] e sua língua travessa”¹²².

Tuet (1789, p. 235) relaciona o provérbio *Trois femmes font un marché*¹²³, às mulheres que gostam de conversar e informa que em um dos livros clássicos do Império Francês consta a seguinte orientação: “[...] o balbucio cansativo é marcado como uma das sete causas de divórcio que as esposas devem temer”. Sendo assim, a “loquacidade das mulheres” e a “tagarelice é comparada às feiras” (GISLAIN, 1583, p. 356, tradução nossa)¹²⁴, locais muito barulhentos e de muita agitação pelo intenso tráfego de comerciantes e compradores.

Greimas (1975, p. 95) define que os objetos culturais desde as palavras cheias de sentido até os provérbios podem exprimir em seu contexto “verdades eternas até acontecimentos que se tornam históricos a partir de simples estruturas narrativas. Instaura-se, daí, uma práxis social variada a partir dos sistemas taxinômicos”.

Nesse contexto, podemos trazer a lume as considerações de Bakhtin (1987, p. 3-5, grifo do autor), sobre as múltiplas manifestações da cultura carnavalesca na Idade Média que

¹¹⁹ Original: [...] as symbolic of women's storytelling [...]

¹²⁰ Disponível em:

<https://www.google.com.br/books/edition/Contes_de_ma_Mere_L_Oye/aC5WAAAACAAJ?hl=pt-BR&gbpv=1> Acesso em: 19 mai. 2022.

¹²¹ Original: women are associated with birds like the goose, which was sacred to Aphrodite, the Greek goddess of love, who used it as a means of travel [...] Geese are also emblems of gossip [...]

¹²² Original: let few see her and none at all hear her. There is nothing that so soon casts the mind of the husband from his wife as does much scolding [...] and her mischievous tongue.

¹²³ Disponível em:

<<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5657384q/f259.image.r=Tres%20mulieres%20faciunt%20nundinas?rk=42918;4#>>. Acesso em: 17 mai. 2022.

¹²⁴ Original: loquacitate mulierum orrum; garralitas nundinis comparatur

aconteciam nas praças e nas feiras, como ritos, espetáculos, paródias, obras cômicas verbais e “*diversas formas e gêneros do vocábulo familiar e grosseiro* (insultos, juramentos, *blasões* populares, etc.)” que retratavam um aspecto cômico do mundo que “opunha-se à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época”. As grosserias, por exemplo, são isoladas do contexto de linguagem, pois “[...] são consideradas como fórmulas fixas do mesmo tipo dos provérbios”, diz Bakhtin (1987, p. 15) e “[...] tiveram diversas funções na comunicação primitiva”.

A linguagem de uma época demonstra as características, as peculiaridades do meio, a cotidianidade de um povo, a importância de um evento para uma comunidade, ressalta uma historicidade pressuposta. Os estudos com base nos conceitos advindos da lexicografia, da antropologia e da etnolinguística trouxeram uma importante bricolagem científica para o entendimento sobre a construção das narrativas de feira.

Partindo desses apontamentos é possível compreender que esses eventos programados entre a Idade Média e a Idade Moderna transcendiam aos enunciados mercadológicos pela busca de outros objetos investidos de valor¹²⁵, como as festas, o carnaval, a vida mundana, os teatros de riso, a religião e outras atividades inseridas no universo das feiras. Atualmente, independente dos moldes em que a feira se disseminou pelo mundo, vemos suas narrativas impactando em cadeia na produção de sentidos.

Na próxima seção, traremos as análises da feira livre no contexto sociosemiótico através da pesquisa *in loco*, enriquecendo a percepção sobre a feira livre em sua produção de sentidos.

3.2 Entre observação e experiência na Feira Livre do Guanandi: uma análise sociosemiótica

Nosso objeto possibilita vários campos de investigação, como podemos atestar durante nosso trabalho, trazendo análises fundamentadas nos conceitos interdisciplinares e nas esferas da semiótica. As relações entre os sujeitos e o objeto nos possibilitam analisar os sentidos e as interações que permeiam as práticas.

A feira livre é uma prática social que possui uma construção significativa, cuja descrição e análise, remonta os modos de viver que estão ligados às práticas do passado, conforme trouxemos em nossos registros, e que persistem na contemporaneidade por ser uma

¹²⁵ “O valor é uma relação que se estabelece entre sujeito e objeto” (GARCIA, 2003, p. 105). Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/627>>. Acesso em: 14 mai. 2022.

articulação significativa dentro do contexto econômico de pequenos produtores. Trabalho, sustentabilidade, lazer, confraternização, festa popular, modos de interagir. O percurso estésico da feira livre possui uma organização espacial que pode ser sentida e percebida no meio de outras organizações espaciais, como é o caso das feiras de bairros populosos e cercados de outros tipos de comércio.

É o que acontece com a Feira Livre do Guanandi na Rua Barra Mansa: uma via onde há uma movimentação comercial diária em meio a um bairro residencial e que recebe aos domingos uma das feiras mais populosas da Capital Campo Grande.

Nessa seção trataremos dos estudos da experiência dos fatos que permeiam esta feira livre, um destinador que manifesta a necessidade da presença da coletividade em sua narrativa, actantes e elementos diversos que facultam uma complexa movimentação social. Como entender a produção de sentido e os gostos na feira livre da contemporaneidade? É o que vamos apreender através da *ação de caminhar e estar presente* na Feira Livre do Guanandi.

No intuito de compreendermos a construção dos sentidos na feira livre, iremos adentrar as experiências do vivido conforme conceitos de Landowski (2001, p. 21) sobre o olhar comprometido: “captar um pouco melhor é o vivido do sentido nas suas evoluções ligadas ao próprio curso das coisas, tal como elas se apresentam”. Para isso, continuamos nosso *trajeto de observação* na espacialidade da Feira Livre do Guanandi, elaborando uma análise *in loco* para conhecer o contexto das relações que se manifestam na espacialidade da feira.

3.2.1 Sentidos e interações entre destinadores e destinatários na feira

Devemos lembrar que nossa presença na feira traz a visão do semiótico, uma análise que busca entender os sentidos que emergem desse evento, não encerrando o assunto ou rotulando as manifestações sociais defrontadas, pois, “o que sabemos do outro não pode resultar de uma atitude objetivante, de reduzir o outro a uma imagem, um “objeto de valor” e sim de um conhecimento *estésico*” (BUENO, FERNANDES, SILVA, 2010, p. 22). Seguindo o que nos propõe Landowski (2017, p. 47, grifo nosso), o semiótico deve prestar atenção que “*seu lugar seria aquele que ocupa o sujeito da enunciação no momento em que, por um ato de brusca ruptura, ele faz ser seu objeto*”.

A sociossemiótica trata do *devir*¹²⁶ “dos regimes de sentido que fazem significar as transformações sociais”, dessa forma, sendo a Feira Livre do Guanandi ao longo de sua existência um palco de grandes interações, um fluxo permanente entre população, sustentabilidade econômica e lazer, sistemas já registrados em nosso trabalho, temos o intuito em demonstrar como o objeto *Feira Livre do Guanandi* se comporta em sua estrutura, em seus percursos narrativos e em suas interações, procurando entender como a feira atua na vida das pessoas no *aqui agora*.

Estar na feira é um ato de consumo.

O *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (CUNHA, 2012, p. 175) traz a seguinte definição para *consumir*: “gastar ou corroer até a destruição”. Conforme dicionário Michaelis (on-line), *consumo* é o ato ou efeito de consumir; despesa, gasto ou uso que se faz de bens e serviços produzidos; venda de mercadorias ou função da vida econômica de utilização direta das riquezas produzidas¹²⁷. Barbosa e Campbell (2006, p. 21, grifo do autor) trazem a etimologia da palavra e explicam que o consumo é um processo social elusivo e ambíguo:

O consumo é ambíguo porque por vezes é entendido como uso e manipulação e/ ou como experiência; em outras, como compra, em outras ainda como exaustão, esgotamento e realização. Significados positivos e negativos entrelaçam-se em nossa forma cotidiana de falar sobre como nos apropriamos, utilizamos e usufruímos do universo a nossa volta. Essa ambiguidade começa na própria etimologia do termo. Consumo deriva do latim *consumere*, que significa usar tudo, esgotar e destruir; e do termo inglês *consummation*, que significa somar e adicionar.

Nesse sentido, esclarece o professor de *marketing* Benoit Heilbrunn (2020, p. 9, tradução nossa), que o consumo não está ligado estritamente às necessidades básicas como alimentação, vestuário, moradia etc., mas se constitui um sistema em que os sujeitos manipulam de forma individual e coletiva significados e valores mobilizando recursos que utilizam tempo, esforço, energia mental, entre outros:

[...] assim, é razoável supor que um indivíduo dedique entre um terço e metade de seu tempo disponível às chamadas atividades de consumo [...] uma espécie de lote comum que irriga o laço social em todas as circunstâncias e **devora nossos afetos, nossas energias e nossa atenção**. É nesse sentido que não há como fugir do mundo do consumo constitutivo de uma organização social onde o sujeito depende de uma constelação de **bens e experiências** que contribuem para **dar sentido, coerência e**

¹²⁶ Landowski (2001) propõe “o *devir do sentido*” na tentativa de integrar na disciplina de semiótica “uma dimensão de caráter prospectivo, a exemplo das ciências políticas e econômicas, também vocacionadas a projetar, a partir da análise do *aqui agora*, as formas possíveis do *amanhã*” (LANDOWSKI, 2001, p. 21).

¹²⁷ Disponível em : <<https://michaelis.uol.com.br/palavra/4GO9/consumo/>> Acesso em: 27 jun. 2022.

emoção à existência pessoal e social (HEILBRUNN, 2020, p. 10, tradução e grifo nossos)¹²⁸.

Barbosa e Campbell (2006, p. 23, grifo do autor) ainda citam que a sociedade em geral se utiliza de objetos, bens e serviços para mediar as relações sociais estabelecendo uma construção de identidades, grupos e experiências, “assim, ao ‘customizarmos’ uma roupa, ao adotarmos determinado tipo de dieta alimentar, ao ouvirmos determinado tipo de música, podemos estar tanto “consumindo”, no sentido de uma experiência”.

Segundo Oliveira (2017, *e-book*) na obra *Sentidos do consumo: os desafios do cenário contemporâneo à luz da semiótica*, “um mesmo objeto pode assumir valor diferente para distintos sujeitos”, no caso, da Feira Livre do Guanandi vemos que há interações entre diferentes sujeitos que buscam no arquétipo da feira livre um valor em específico, e para que isso seja analisado é necessário entender a situação ou o contexto em que estão posicionados: “a posição do sujeito do fazer em cada situação, o actante, define o seu papel nas etapas do percurso narrativo, assim como os investimentos modais que recebe do destinador”.

Os papéis actanciais na narrativa da feira livre são muitos. No sincretismo de narrativas podemos encontrar ora os feirantes como sujeitos-destinatários que no evento da feira buscam dentro de uma programação estabelecida, como local e período, vinculada à outras programações dentro das formalidades exigidas pelos destinadores (setores do poder público) para sua realização, alcançar os valores para circular com os seus produtos e garantir o seu trabalho; ora os fregueses no percurso narrativo da Feira Livre do Guanandi, também como sujeitos-destinatários, que a partir de um fazer-fazer (manipulação) dos destinadores que sinalizam os valores pertinentes estabelecem a competência para se estabelecer uma relação de confiança com o evento da feira:

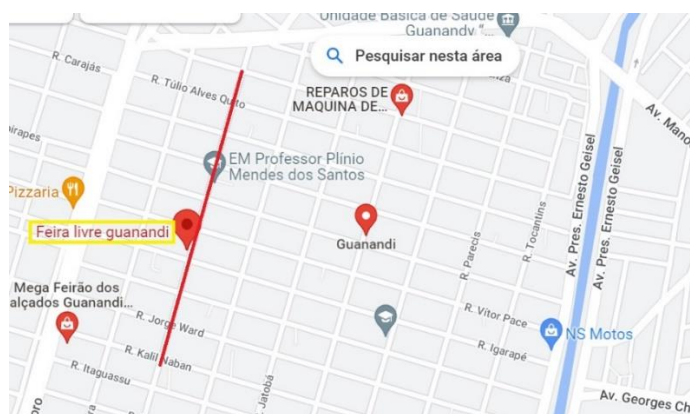
Estudar as estruturas narrativas é portanto compreender como se dão as ações na busca do objeto de valor que se desenrola simultaneamente em ações na busca do sentido, estabelecendo os contratos vários e os conflitos que exigem negociações a fim de estabelecer contratos, que são firmados nas interações sociais (OLIVEIRA, 2017, *e-book*).

¹²⁸ Original: *On peut ainsi raisonnablement penser qu'un individu consacre entre un tiers et la moitié de son temps disponible à des activités dites de consommation [...] une sorte de lot commun qui irrigue en toutes circonstances le lien social et dévore nos affects, nos énergies et notre attention. C'est en ce sens qu'il n'y a pas d'échappatoire au monde de la consommation qui est constitutive d'une organisation sociale où le sujet dépend d'une constellation de marchandises et d'expériences qui contribuent à donner sens, cohérence et émotion à son existence personnelle et sociale.*

Tendo como base os registros históricos que demonstram os processos axiológicos das feiras desde os primórdios e a sua permanência nos moldes da contemporaneidade, entendemos que os sentidos do consumo neste evento se resguardam em narrativas em conjunção com experiências positivas e que denotam um lado afetivo, uma satisfação pelo fato de estar presente ou envolvido nesta programação, mesmo sendo uma prática pouco valorizada em meio ao dinamismo da economia.

Estivemos na Feira Livre do Guanandi no período entre 2020 e 2022, perambulando pelos nove quarteirões de feira (Figura 20) na tentativa de investigar as manifestações, as práticas programadas, as articulações que visam atrair os frequentadores, as relações entre os sujeitos. Captamos algumas imagens utilizando a câmera de um celular Iphone®, as quais elencamos nesta análise para adentrarmos os sentidos dessa prática.

Figura 20 – Mapa - Os quarteirões da Rua Barra Mansa onde se realiza a Feira Livre do Guanandi



Fonte: Google Maps

Como já registrado anteriormente, a Feira do Guanandi acontece todo domingo na Rua Barra Mansa no Bairro Guanandi, uma rua com muitas lojas comerciais onde a maioria funciona durante o período da feira. Em tempos de pesquisa (entre março/2020 e julho/2022), os domingos que estivemos em presença nesta espacialidade (obedecendo as particularidades do contexto de pandemia e pós-pandemia¹²⁹) nos proporcionavam diferentes visões sobre a feira, cada vez trazendo mais complexidade e importantes leituras plurisotópicas para descrição e análise. Esperamos que nossas análises possam efetivamente demonstrar e fazer jus a grandeza

¹²⁹ A OMS – Organização Mundial de Saúde diz que a visão de que a pandemia de COVID-19 acabou é equivocada, pois em uma única semana do mês de junho de 2022 mais de sete mil pessoas perderam suas vidas para a doença. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/percepcao-de-que-a-pandemia-acabou-e-compreensivel-mas-equivocada-diz-diretor-da-oms/>> Acesso em: 02 ago. 2022.

desse evento, sua peculiaridade e expressividade como evento socioeconômico e cultural para a sociedade campo-grandense.

Essa perspectiva sobre o espaço urbano, sujeitos e suas relações, segue em conformidade com os conceitos de Greimas, conforme pontua Bueno (2016, p. 318), quando cita que o mestre genebrino colocou ordem nas relações que constituem a formação da significação espacial, “como a sociedade está presentificada no espaço e como o espaço permite compreender um aspecto dessa mesma sociedade, a partir da correlação entre significante e significado, ou seja, entre plano da expressão e plano do conteúdo”. Nesse sentido, verificaremos como o espaço Feira Livre do Guanandi, nesse contexto, representando o arquétipo das feiras, interage com a população e vice-versa, observando os regimes de sentido articulados e as interações entre os sujeitos.

3.2.2 As práticas de vida: vender, consumir, politizar, passear, gostar, observar e pesquisar

Um domingo qualquer, tempo estável, sol forte, porém temperatura fria, quando chegamos na feira por volta das oito e trinta da manhã, iniciando o trajeto pela Rua Caramuru que faz cruzamento com a Rua Barra Mansa, onde avistamos um pequeno movimento de alguns moradores que praticavam alguma atividade doméstica, tanto nas calçadas como portão adentro. Já estando na Rua Barra Mansa nos deparamos com barracas de pastéis, outros salgados e caldo de cana, dando indícios do que a feira poderia proporcionar aos seus frequentadores.

Em seguida, percebemos a chegada de um automóvel veículo utilitário esportivo com alguns adesivos na traseira e de onde desciam quatro pessoas que se movimentavam com certa leveza para ir de encontro com o evento da feira livre. Observando o grupo, reconhecemos que uma das pessoas se tratava de uma autoridade política do atual governo. Nossa atenção pairou então por alguns momentos na busca por entender qual o intuito da presença de tão notória figura entre feirantes, fregueses e transeuntes.

Figura 21 – Transeuntes observando a movimentação do grupo em torno da figura política que estava presente no evento da Feira Livre do Bairro Guanandi¹³⁰ (junho/2022)



Fonte: autoria nossa

Qual o sentido de se estar na feira livre em bairro periférico em pleno domingo de manhã? Nesse contexto, poderia estar pressuposto a intenção de uma visita de agenda política para conhecer a espacialidade e estar próximo ao povo e aos possíveis eleitores. Lembramos que 2022 é ano de eleições federais.

Em seguida, vimos que pessoas de sorrisos largos e cumprimentos exaltados se uniram ao grupo da personalidade destacada, e estes seguiram de banca em banca distribuindo folhetos e informando a todos sobre a presença de tão eminente figura. Rapidamente reparamos que se aproximava do grupo um fotógrafo profissional e um drone guiado seguia captando imagens sobre a feira, o que angariou a atenção de diversos curiosos (Figura 21) que buscavam entender o sentido de toda aquela movimentação.

¹³⁰ Optou-se pelo borrar das imagens, garantindo a sigilidade dos participantes.

Figura 22 - Gibiteca e carretinha reboque com livros expostos para doação (junho/2022)



Fonte: Autoria nossa

Na próxima esquina vimos instaladas uma gibiteca projetada em uma minivan e uma estante adaptada em uma carretinha reboque com livros para doação (Figura 22), sendo uma ação itinerante de iniciativa de um político do município. Isso nos permitiu apreender que a Feira Livre do Guanandi consta como estratégia em regime de *programação* na narrativa dos sujeitos-partidários, que como destinadores-manipuladores criam um simulacro repleto de efeitos de sentido que sancionam uma relação de aproximação em conjunção com a população do universo da feira.

Dessa forma, vemos uma recorrência de elementos figurativos como linguagem corporal, que incluem acenos, apertos de mão, abraços acolhedores, conversa olho no olho, ou recursos materiais, como panfletagem, assessoria de imprensa presente e as iniciativas itinerantes registradas anteriormente, estabelecem efeitos de sentido de isotopia *política* que busca atrair a atenção dos cidadãos, os destinatários-sujeitos, cuja intencionalidade visa alcançar a confiança dos populares, um objeto de valor na espacialidade da democrática feira.

Conforme diz Landowski (2014, p. 98), “tudo é feito para reduzir o mais possível os riscos de fracasso: por definição, aí apenas se age sobre a base de regularidades que por si mesmas constituem a mais eficaz garantia de segurança que se possa desejar”, sendo assim, parece fazer sentido que as campanhas na espacialidade da feira livre seguem um percurso já

reconhecido dentro da programação de persuasão eleitoral, evitando “acidentes” no processo de programação.

Resolvemos seguir nossa caminhada pela Rua Barra Mansa e nos desprendemos da manifestação. Prosseguimos e vimos que entre as primeiras barracas havia um considerável distanciamento, talvez pela evasão de feirantes após a pandemia sem precedentes, ou quem sabe, por ser um ponto da feira livre que não sofre grande concorrência entre feirantes.

Figura 23 - Banca de pomadas herbais – ao fundo a movimentação de uma loja comercial aberta no período da feira (junho/2022)



Fonte: autoria nossa

Ao continuar nossa caminhada percebemos que aumentava o número de barracas, transeuntes e o barulho característico da feira livre que ia se revelando. Ouvimos “*cravo, espinha, dor na coluna, artrite*”, era o chamado do feirante de pomadas de plantas medicinais (Figura 23) que numa singela banca demonstrava seus produtos bem embalados em latinhas com rótulos criativos. Ao fundo, avistamos a movimentação de uma loja de vestuário em pleno funcionamento, lembrando que a feira acontece aos domingos pela manhã. Do outro lado da rua encontramos uma imensa banca de roupas no estilo masculino: shorts, camisetas de time de futebol, camisetas estampadas, calças moletons, uma verdadeira variedade para o público do tipo esportivo/*streetwear*. A feira está na moda!

Figura 24 - Feirante da banca de meias e toucas trajando um macacão pijama de unicórnio (junho/2022)



Fonte: Autoria nossa

A feira dita a moda. Vejamos o exemplo da curiosa figura que nos deparamos no percurso. Continuando nossa caminhada em meio ao clima frio, contemplamos a presença de uma feirante de uma banca de meias, pijamas e toucas que trajava um curioso macacão pijama de tecido *plush* rosa com formato de unicórnio (Figura 24). Os fregueses passavam os olhos com interesse e curiosidade, encantando inclusive uma criança que rapidamente percebeu que a vestimenta estava disponível para venda, tornando-se naquele instante um objeto de valor, o que confirmou o *simulacro* criado como estratégia de manipulação para sensibilizar e atrair a atenção dos sujeitos-destinatários, uma *competência estética* por parte da actante feirante.

A feira possibilita um caminhar confortável, um corredor de muitas possibilidades de compra, um verdadeiro *shopping* do povo. Entrevimos bancas de CD e DVD (o que ainda deve ser muito consumido pelos frequentadores da feira pelo tamanho das bancas em exposição), vestuário feminino e infantil, capinhas de celular, conserto de panelas, calçados, toalhas de estampas diversas, produtos eletrônicos e brinquedos, utensílios domésticos, cobertores, umas cinco bancas de plantas com orquídeas e mudas diversas, pães caseiros, queijos e doces, frango assado, frango caipira fresco, entre muitos outros itens que constroem um corredor de consumo

(Figura 25) na Feira Livre do Guanandi que não recebe somente os produtos advindos do agro ou de pequenos produtores rurais, pois os produtos *Made in China* também estão dispostos nas barracas de lona ou nas bancas improvisadas ou adaptadas em veículos.

Figura 25 – Feira Livre do Guanandi - O corredor do consumo



Fonte: autoria nossa

A Feira Livre do Guanandi é um “enunciado em situação” (OLIVEIRA, 2021, p. 10-11) que significa mediante as interações entre os actantes e suas formas de vida genuinamente geradas e articuladas na espacialidade do evento em ato. Os gostos que despertam desejos e novas práticas no extenso corredor da feira, falam das experiências e dos valores que coadunam com esse universo sensorial e espetacular, como veremos na próxima seção.

3.3 Os regimes do gosto: considerações sobre as práticas sensíveis da feira livre

Toda feira que se preze tem o pastel frito. Dentre os objetos que se destacam semioticamente no espaço das feiras livres, sem dúvida alguma é o *pastel*, uma das grandes estrelas no quesito elemento significante nas narrativas de consumo na espacialidade da Feira Livre do Guanandi, como já atestamos na reportagem citada anteriormente (CAMPO GRANDE

NEWS, 2014, *on-line*)¹³¹ registrada na seção sobre a historicidade desta feira (pág. 56), quando o enunciado traz a figura do freguês que definiu o “pastel” como “viciante”, um contrato de fidedignidade construído através da apreensão estética, um gostar, um modo de consumir dentro da prática da feira.

Sob a ótica dos regimes do gosto os mecanismos de produção de sentido do alimento iniciam-se pelo julgamento, o que nos possibilita analisar o objeto pastel de feira. Sobre a receita, diz Marrone (1997, p. 193): “a receita é uma grande expansão da modalidade do /saber-fazer/ tratada como tal segundo o critério de uma narrativa”. Cada banca de pastel tem sua receita, cada freguês tem suas preferências, sendo assim, entendemos o pastel de feira como um objeto sincrético que possibilita a expansão dos sentidos para além do gosto que provém das memórias gustativas, como os gostos advindos das experiências estéticas com pastéis de diferentes sabores, tamanhos, formatos, ou pela banca mais tradicional ou pela banca mais *gourmetizada*. Diferentes modos de demonstrar as tendências implícitas em escolhas explícitas, pois, o gosto é uma manifestação da subjetividade, como cita Landowski (2019, p. 1):

Na verdade, expressar nossas opiniões ou nossos gostos não é apenas para dizer aos outros, para fins práticos, como classificamos e valorizamos os objetos ao nosso redor. É também, talvez até antes de tudo, nos identificarmos diante dos outros e, se necessário, diante de nós mesmos: esta é a maneira mais simples e comum de nos dizer quem somos e saber o que somos.

Durante os domingos em que visitamos a feira buscando registrar, sob nosso ponto de vista, os elementos semióticos que ilustram as particularidades desse evento e que compõem a discursivização das experiências no espaço da feira livre, optamos por presenciar a organização, a estrutura e a movimentação de uma das barracas de pastel presentes no evento.

¹³¹ Disponível em: < <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/diversao/maior-feira-da-cidade-e-programa-certo-de-domingo-com-pasteleira-famosa>> Acesso em: 17 jun. 2022.

O pastel é um objeto metonímico que sintetiza a experiência da feira livre. Podemos atestar esta competência estésica ao observar a movimentação promovida pela rotatividade de destinatários que se ajustam ao percurso de consumo. Os efeitos de sentido na narrativa estabelecem a prática no horário entre 7 e 12 horas, com a degustação de um ou dois pastéis com refrigerante gelado em garrafa de vidro tamanho *litrão* para a família toda, ou embalagem *KS*¹³³ (Figura 27) para consumo individual. A manipulação iniciada pelos recursos de memória que evocam as práticas do consumo e do gosto, como o cheiro característico da fritura, constroem a apreensão sensível do percurso *comer pastel*.

Esses modos de vida se expressam no consumo instituído na feira livre. A organização coletiva desse evento demonstra um percurso de diversas práticas que dentro de outras práticas estabelecem uma programação de interações fundada sobre um princípio de regularidade. São modos de viver que expressam os regimes do gosto no ambiente da feira livre.

Conforme define Marrone (2007, p. 186) “um sujeito operador adquire competências e realiza performances para fazer que um sujeito de estado possa estar conjunto a um objeto de valor: o Objeto de gosto”, portanto, ao analisarmos a figura *pastel com ks* (figura 26) pressupostamente apreende-se uma estrutura narrativa iniciada por meio de um contrato social, promovendo entre as partes um ajustamento sancionado pela sensação olfativa e gustativa do objeto de valor *pastel frito na hora* ou simplesmente *pastel de feira*.

Marrone (2007, p. 187) evidencia ainda, que as sensações olfativa e gustativa se articulam e se completam, refletindo um “julgamento cognitivo, portanto verbalizável” que sanciona um esquema narrativo cujo papel actancial do destinador manipula um sujeito-gosto, que interpretamos no caso da feira livre, ser fundado sob o regime de regularidade.

Analisando a figura *pastel com ks* podemos apreender dois percursos temáticos: o do *comércio*, figurativizado pela comanda de consumo e pela movimentação das pessoas ao fundo da imagem; e apreende-se como segundo percurso temático, a *alimentação*, havendo uma recorrência de elementos que criam um efeito de verdade para a narrativa, inclusive pelo consumo *em ato* figurativizado pela garrafa de refrigerante com metade do conteúdo.

O pastel frito na hora é uma questão de valor para os destinatários de plantão na Feira Livre do Guanandi. Conforme cita Marrone (2007, p. 197, grifo do autor) a imperfeição da fritura, um encontro estésico: “A única transformação real que ocorre na operação de fritura - a única, obviamente, visível externamente – é, portanto, aquela que acontece de repente e

¹³³ *KS* vem de *king size*, uma garrafa de vidro tamanho 290ml criada por uma marca de refrigerante.

inesperadamente, de fato, como uma ‘surpresa’ sabiamente preparada mediante um rígido ritual”.

O ritual do fritar pastel é um enunciado conhecido por todo freguês de feira, oportunizando um sincretismo semiótico: pode ser visto “ao vivo e em cores” pelo sujeito à espera de seu objeto valor supreendentemente frito, quente e cujo aroma está presente na memória olfativa e afetiva, disperso em todo ambiente. Na narrativa a presença dos sujeitos pasteleiro e tacho de fritar repleto de óleo de soja (avistamos na barraca várias embalagens usadas que foram sendo armazenadas para descarte) e pelo menos oito sujeitos-fregueses com seus contratos de fideduciação sentados à espera de alcançar seu objeto-valor.

Das imagens que fizemos percorrendo a feira, ressaltamos também duas bancas de hortifruti. Fizemos uma montagem das imagens das bancas (Figura 28). Em distribuição linear, temos nas categorias cromáticas do plano da expressão *monocromático vs. policromático*, pois há uma oposição entre a cor do asfalto (e a projeção da sombra) e o colorido das barracas. Bem extensas em suas estruturas denotavam um colorido, uma figuratividade destacada pelo espectro de cores das lonas que cobriam as barracas. A primeira, um amarelo intenso que iluminava os produtos colocados à venda; e a segunda banca, coberta por lonas de cores amarelo, verde e azul, davam a impressão de seguir a cartela de cores dos produtos em exposição dando maior visibilidade e frescor aos produtos.

Figura 28 - Bancas de hortifruti com lonas coloridas



Fonte: Montagem e autoria nossa

O trabalho na feira também requereu nossa análise em sintonia com as práticas. Sato (2012, p. 112) traz em seu livro “Feira livre: organização, trabalho e sociabilidade”, com temática em psicologia social com ênfase no trabalho e nos processos organizativos, um estudo sobre a feira livre da Caixa d’Água na Vila Mariana em São Paulo, e define:

Diversas pessoas fazem a feira. fazer implica em participar e interferir nos processos que a organizam. Para os feirantes ela é, sobretudo, contexto de trabalho. Uma disciplina deve ser seguida, mesmo considerando-se que é a disciplina fabril, tão rigidamente prescritora aqui encontra maior permeabilidade ao divertimento, à brincadeira, ao chiste. Aventuras são relatadas, mas a distração tem hora. Ao contrário, a dureza do trabalho e as exigências de eficiência, eficácia e produtividade norteiam suas intenções em todos os momentos da feira livre. O trabalho dos feirantes, em seu conjunto é, em si mesmo, a síntese do mundo ritual que convida a todos os que fazem a feira livre a integrar-se nele.

Da mesma forma, vemos a organização do evento Feira Livre do Guanandi em suas características pelo tempo de existência da feira, sua regularidade no calendário e na programação das feiras instituídas na cidade, a quantidade de bancas instaladas nos cerca de dois quilômetros da Rua Barra Mansa e o público que prestigia e consome.

Uma prática de sustentabilidade que une família de feirantes que passam a banca de geração em geração, ex-funcionários de outras formas de trabalho, artistas de rua e aposentados, como trazido na reportagem do site *Campo Grande News*¹³⁴, sobre a personalidade do senhor conhecido como patrono da feira do Bairro, Seu Hermes: “*Eu não gosto daqui, eu adoro [...] Fui eu quem criei a feira quando eu cheguei aqui por volta de 1971, por aí, quando aqui nem tinha nada ainda*”. Ele, que depois de aposentado começou a vender o caldo de cana, e a esposa, D. Maria, o pastel muito conhecido no bairro e nos dias de feira, todos produzidos na varanda de sua casa na Rua Barra Mansa, local em que na reportagem diziam morar há cinquenta anos.

Os sujeitos-actantes da feira interagem com o objeto feira livre e se ajustam dentro das necessidades de cada estilo de vida, formas de relacionamento cujos sentidos a sociossemiótica esclarece que como de “alcance existencial”, como diz Landowski (2014, p. 66, grifo do autor): “tudo isso equivale a dizer que os regimes de que nos ocupamos remetem a outras tantas maneiras gerais, e diferenciadas, de estar no mundo, ou, dito de modo mais prosaico, a outros tantos estilos (ou “formas”) de vida distintos”.

¹³⁴ Há 50 anos, feira “invadiu” varanda e deixou casal mais feliz. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/ha-50-anos-feira-invadiu-varanda-e-deixou-casal-mais-feliz>> Acesso em: 04 jul. 2022.

A dimensão sensível da Feira Livre do Guanandi é muito convidativa. Interagimos por meio dos cinco sentidos, uma semiose que vai além de identificar uma figuratividade em seu percurso. Apreendemos uma riqueza na ornamentação e colorido das barracas e produtos; na música que enuncia um gosto e que advém das bancas de produtos eletrônicos; a propaganda que cada feirante articula com os fregueses, que pode ser visual ou verbal; os aromas dos alimentos, dos perfumes e cosméticos e a comilança presente.

Uma grande maioria dos transeuntes segue acompanhada por outras pessoas e o movimento dos corpos prossegue de forma tranquila pelo corredor entre as barracas, uma presença de actantes que resulta em um potencial estético: crianças nos colos e carrinhos, pequenos grupos em bate-papo, o olhar dos fregueses na escolha dos produtos, a presença das pessoas sentadas nas mesas degustando o cardápio de domingo na feira, modos de articulação das presenças que interagem com a espacialidade da Feira Livre do Guanandi.

Em nossa caminhada pela feira percebemos uma pequena banca com cerca de seis pessoas aguardando atendimento, era a banca de cocadas (Figura 29) na qual trabalha, também, a mãe do vendedor da mesma banca citada na reportagem registrada anteriormente. Aproveitamos para comprar as guloseimas, pois fomos atraídos, tendo em vista o conhecimento que já possuíamos de outras visitas à feira, pelo *fazer-querer* dos sujeitos-feirantes que manipulam no percurso da feira fazendo interagir com a estesia advinda da distribuição dos produtos no balcão e pelo cheiro que exala do tacho de ferro em um fogareiro, ao lado da banca, que cozinha a produção das cocadas.

Figura 29 - Banca da feirante de cocadas



Fonte: Autoria nossa

Do pastel ao carro novo. Outra prática significativa encontramos na Feira Livre do Guanandi, e que podemos enunciar: a venda de automóveis na Rua Barra Mansa quase chegando no fim da feira, sentido Rua Kalil Naban. Na narrativa construída para a venda de carros seminovos percebemos a presença dos actantes *vendedores* elegantemente uniformizados com camisa estilo polo da cor preta bordada com a logomarca do enunciador, demonstrando a *performance* por parte destes que ficavam dispostos entre os automóveis para sensibilizar a busca de valores sob o regime dos gostos de cada sujeito-freguês que se deparava com a possibilidade de consumo. A configuração da disposição dos automóveis entre as barracas chamava muito a atenção dos actantes que interagiam com os olhos, pois um dos carros a venda, era um modelo ano 77 de cor amarelo ouro que brilhava com o dia ensolarado (Figura 30), com algumas alterações na composição original, a exemplo das rodas. No para-brisa do carro, o enunciado: *Realize seu sonho!!*.

Figura 30 – Carro antigo à venda na Feira Livre do Guanandi



Fonte: autoria nossa

Do nosso ponto de vista impresso na imagem do carro, o cromatismo articulado em *cor fria vs. cor quente*, divide a foto na categoria topológica *superior vs. inferior*, pois há os tons em azul e branco do céu disposto na parte superior da imagem e o amarelo-ouro do carro e do asfalto predominando na parte inferior; e na categoria eidética *difuso vs. concentrado*. Todas as categorias são articuladas no plano de conteúdo por meio da correlação semântica *identidade vs. alteridade*, seguindo os conceitos de Floch (1987, p. 36), quando há muitas

manifestações de identidade e singularidade no produto, que pode reunir dois estados contrários: o efeito de satisfação advindo de valores referentes a um produto de colecionador, ou insatisfação advindo das preferências geradas por modelos de ano e design mais atualizados. As isotopias do *consumo* e do *desejo* podem ser interpretadas nas operações semissimbólicas quando ancoradas ao enunciado inscrito no para-brisa, que estão figurativizadas pelo lexema *sonho*.

Como iniciamos as análises das imagens elencadas por meio da observação e da experiência, descrevendo a situação em torno da isotopia *política* instaurada na Feira Livre do Guanandi, vamos retomá-la, mas por outro contexto, finalizando esta seção.

Em uma de nossas caminhadas na feira chamou-nos a atenção a movimentação presente na banca de sorvete tipo italiano onde estavam presentes cerca de oito pessoas enfileiradas pacientemente aguardando para comprar e consumir o *gelato* de imediato. O enunciador traz uma série de opções de sabores e percebemos em meio à sensibilização das pessoas, o favoritismo pela banca.

Continuando com nossa observação, surpreendentemente nos deparamos com uma placa retangular que estava suspensa na estrutura superior da banca, e que trazia em sua diagramação, três elementos que organizados formavam o seguinte texto: *Políticos - favor não parar – aqui* (Figura 31), articulando no plano de conteúdo a categoria formal *identidade vs. alteridade*.

Figura 31 – Banca de sorvete italiano e a placa “Políticos - favor não parar - aqui”



Fonte: autoria nossa

A afirmação da identidade busca enunciar uma oposição com relação à uma situação costumeira no ambiente de feira, no qual já registramos, a presença do outro, das figuras políticas que causam diferentes apreensões de sentido:

O discurso define-se, ao mesmo tempo, como objeto produzido pelo sujeito da enunciação e como objeto de comunicação entre um destinador e um destinatário. Os dois tipos de mecanismos sintáticos confundem-se, em geral, pois os dispositivos empregados na produção do discurso servem também de meios de persuasão, utilizados pelo enunciador para convencer o enunciatário da “verdade” do seu texto (BARROS, 2005, 54).

Por conseguinte, podemos depreender que são muitas as narrativas, as práticas da Feira Livre do Guanandi e onde há uma relação de confiança entre diferentes sujeitos inscritos no sincretismo, na complexidade desta prática social. A movimentação da feira sensibiliza uma prática milenar inserida na memória coletiva, e dessa forma, o caminhar pela feira nos tornou mais sensibilizados com as formas de vida que encontramos nas experiências que tivemos, como partícipes do enunciado (OLIVEIRA, 2021, p. 11).

Landowski (2001, p. 35) fala sobre esse sensível, que em nossa pesquisa sociosemiótica nos detemos para apreender nas leituras isotópicas que dão sentido as práticas da feira, observando o objeto em torno do fazer semiótico: a presença, a situação, a estética e a interação.

Nossa presença como pesquisadores na espacialidade da feira foi manipulada pela crença no objeto, um contrato de fidúcia já estabelecido desde a escolha da *Feira Livre do Guanandi* como objeto de pesquisa do estudo de Mestrado em Estudos de Linguagens. Tendo o olhar comprometido com as questões do sentido, o sujeito-pesquisador que caminha pelo corredor entre as bancas percebe a competência por parte dos sujeitos-feirantes para atrair a atenção para suas práticas, atingindo até os mais desinteressados.

É impossível ir à feira e não se sensibilizar com a integração existente: não tem classe social, gênero, crença religiosa, ideologia política que desconstrua o macrocosmo desse espaço sancionado por parte dos sujeitos destinatários que visam estar em conjunção com esse evento, sancionado por todos os envolvidos nessa prática social, um espetáculo democrático e criativo.

A produção de sentido da Feira Livre do Guanandi advém de um cabedal de processos culturais e de consumo, onde há uma articulação complexa entre os sujeitos interagentes e suas experiências vividas de acordo com os regimes do gosto, podemos apreender que os sentidos produzidos na Feira Livre do Guanandi estão além da isotopia de *comércio* e trazem em seus

processos narrativos outras formas de vida, e isso se confirma, quando um evento como a pandemia traz alterações em sua programação.

ALTERAÇÕES NAS PRÁTICAS DA FEIRA LIVRE: Os sentidos em tempos de pandemia

Propomos analisar nos investimentos narrativos encontrados nas estruturas significantes do cotidiano das feiras de ontem e de hoje, as relações entre os sujeitos e a espacialidade deste evento onde os sentidos procedem das experiências articuladas e vivenciadas com as práticas do social.

A significação, conforme elucida Oliveira (2014, p. 27), é “construída pelos tipos de relações estabelecidas entre os sujeitos da cadeia produtiva, instalados em todo e qualquer texto”, e podem ser explorados fenomenologicamente na intenção de apreender “como as relações entre eles são estabelecidas, abordando os mecanismos de sua constituição”. Sendo assim, ao trazermos a narrativa das feiras para nossas análises entendemos a necessidade da correlação entre as *narrativas do passado* e as *narrativas do presente*, como nos elucida Varlik (2020, p. 285, tradução e grifo nossos): “com a convicção de que o passado nos ajuda a compreender o presente e que o presente deve nos ajudar a repensar o passado”¹³⁵, podemos então encontrar organizações discursivas que nos facultem compreender as narrativas interdependentes.

Passado e presente se encontram sob os sentidos dos tempos de pandemia, e nessa narrativa o enunciador pressuposto (*coronavírus*) atualiza e manipula o enunciatário (*feira livre*) frente a uma nova programação em disjunção com seu objeto de valor: *a normalidade das atividades*. Elencamos quatro seções: “Os sentidos dos tempos de pandemia”, “O percurso da máscara”, “Imagem semissimbólica da pandemia na feira livre” e “Considerações sobre as práticas da pandemia e seu impacto na feira livre”, para depreendermos sobre os sentidos advindos dessas alterações.

4.1 Os sentidos dos tempos de pandemia

Os efeitos da pandemia trouxeram profundas alterações no que diz respeito à percepção de sentidos e às práticas sociais, tanto que estudos acerca dessa temática foram

¹³⁵ Original: *with a conviction that the past helps us to understand the present and that the present should help us to rethink the past*. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/1600-0498.12302>> Acesso em: 09 jun. 2022.

objetos de uma gama considerável de pesquisadores, como como podemos revisitar nas publicações de fluxo contínuo do dossiê da Revista *Linguasagem* do Departamento de Letras e Pós-Graduação em Linguística da UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos, intitulado *Covid-19: Uma Pandemia Sob O Olhar Das Ciências Da Linguagem*, ou de eventos organizados de forma *on-line*, como *Diálogos - Abordagem Sociossemiótica da Pandemia*, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, e *Semiótica da quarentena* promovido pela ABRALIN - Associação Brasileira de Linguística, abordando temas sobre a construção do discurso nas narrativas em tempos de isolamento social..

Em nossas análises constam inseridos artigos de autoria nossa¹³⁶, produzidos em conjunto durante o curso de Mestrado e publicados em revistas científicas. Os artigos são intitulados: *Pandemia e feira livre: uma abordagem semissimbólica*, publicado na Revista *Linguasagem - UFSCAR*¹³⁷; *Pandemia e feira livre: uma análise do percurso gerativo de sentido na reportagem jornalística*, publicado na Revista *Rascunhos Culturais – UFMS*¹³⁸; *Uma reflexão sobre linguística e semiótica em tempos de pandemia*, publicado pela Revista *Papéis - UFMS*¹³⁹.

As análises que trazem uma percepção sobre as alterações dos sentidos no espaço da feira em tempos de pandemia têm foco nas narrativas em terras brasileiras, mas em específico, no evento inscrito na capital de Campo Grande/MS, a Feira Livre do Guanandi, como já registramos neste trabalho entre dados históricos e práticas do cotidiano.

¹³⁶ Doutora em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGEL/UFMS).

¹³⁷ Disponível em: <<https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/1465>> Acesso em: 09 jun. 2022.

¹³⁸ Disponível em: <<https://revistarascunhos.ufms.br/files/2021/09/Rascunhos-Culturais-V12-N23.pdf>> Acesso em: 09 jun. 2022.

¹³⁹ Disponível em: <<https://seer.ufms.br/index.php/papeis/article/view/12961>> Acesso em: 09 jun. 2022.

Figura 32 – Print screen do Jornal Correio do Estado (*on-line*) sobre a matéria que informa a suspensão das feiras livres em Campo Grande



Imagem: autoria nossa

A Feira do Bairro Guanandi, como grande parte do comércio brasileiro, teve suas atividades suspensas durante quinze dias como medida “emergencial no enfrentamento e combate à disseminação do Novo Coronavírus”, conforme fora noticiado no site do Jornal *Correio do Estado* na matéria intitulada *Feiras livres estão suspensas a partir deste sábado* (ORUÊ, 2020, *on-line*)¹⁴⁰ (Figura 32), seguindo Decreto Municipal publicado no Diário Oficial de Campo Grande, ANO XXIII n. 5.866, Sexta-feira, 20 de março de 2020¹⁴¹. A medida sob orientação do Ministério da Saúde foi instituída para todo comércio considerado de atividade “não essencial” e visava o isolamento da população para que essa se mantivesse em casa e evitasse aglomerações.

O impacto do fechamento trouxe uma preocupação para os feirantes que poderiam ficar em situação de vulnerabilidade por não poderem exercer suas atividades, além de haver uma descontinuidade na distribuição de produtos alimentícios. Dessa forma, medidas foram estudadas visando reduzir os impactos em todos os setores, mas principalmente com relação à saúde pública, primando pela *não* disseminação do coronavírus.

¹⁴⁰ Disponível em: <<https://correiodoestado.com.br/cidades/feira-livre-feira-suspensao-coronavirus-covid19-pandemia-campo-grande/369324>> Acesso em: 21 jun. 2022.

¹⁴¹ Disponível em: <https://diogrande.campogrande.ms.gov.br/download_edicao/eyJjb2RpZ29kaWEiOiI1MDU0In0%3D.pdf> Acesso em 21 jun. 2022.

Figura 33 – Print screen DIOGRANDE 06/04/2020



Imagem: Autoria nossa

Sendo assim, em Campo Grande/MS, a SEMADUR (Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano) emitiu uma autorização para o retorno das feiras livres na capital, conforme Resolução N. 40, de 06 de abril de 2020 oficializada no DIOGRANDE¹⁴² (Diário Oficial de Campo Grande) (Figura 33), porém seguindo algumas medidas de biossegurança para o seu funcionamento, conforme informado no *site* de notícias Midiamax, em um artigo intitulado *Feiras livres retornam em Campo Grande com medidas de combate ao coronavírus*¹⁴³, datado de 07/04/2020 (ALVES, 2020, *on-line*):

Devido a pandemia do novo coronavírus, os feirantes deverão seguir regras, principalmente em relação a higienização e controle para evitar aglomerações. Está proibida a participação de feirantes gestante, lactante, maiores de 60 anos ou de trabalhadores com sintomas de resfriado. Também não poderá haver “espaço kids” e consumo no local, para evitar a aglomeração de pessoas. Deverão ser disponibilizados pontos higiênicos na entrada e saída da feira para que os feirantes e frequentes efetuem a limpeza das mãos. Além disso, os feirantes terão de permanecer por trás das barracas ou em posição de distância do freguês para evitar o contato respiratório muito próximo.

Somente em 08 de junho do ano de 2022, as autoridades reconheceram as feiras livres como sendo uma atividade “essencial”, mas sob nova programação para seu funcionamento em tempos de crises epidêmicas, conforme reforça a lei publicada no Diário Oficial Eletrônico do

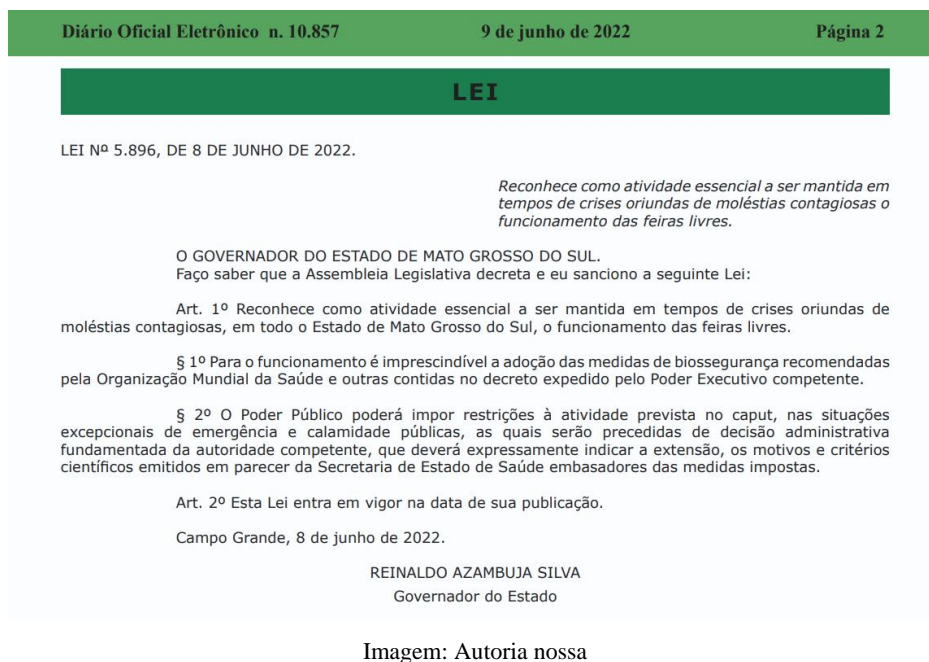
¹⁴² Disponível em:

<https://diogrande.campogrande.ms.gov.br/download_edicao/eyJjb2RpZ29kaWEiOiI1MDg3In0%3D.pdf> Acesso em 26 jul. 2022.

¹⁴³ Disponível em: <<https://midiamax.uol.com.br/cotidiano/2020/feiras-livres-retornam-em-campo-grande-com-medidas-de-combate-ao-coronavirus/>> Acesso em 26 jul. 2022.

Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, n. 10.857 de 9 de junho de 2022, Lei Nº 5.896¹⁴⁴ (Figura 34): “imprescindível a adoção das medidas de biossegurança recomendadas pela Organização Mundial da Saúde e outras contidas em decreto expedido pelo Poder Executivo competente”.

Figura 34 – *Print screen* site Diário Oficial Eletrônico do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul (Superintendência de Editoração do Diário Oficial do Estado / SAD)



Conforme diz Landowski (2021, p. 88) “em semiótica, chama-se ‘acidente’ o que acontece quando dois percursos inteiramente independentes se cruzam”, no caso do percurso da pandemia com o percurso da feira livre, notadamente tem-se o “*assentimento* a alguma instância transcendente cujos ‘decretos’ insondáveis ultrapassam nosso entendimento e nossos poderes”. Sujeitos que antes afeitos às formas de vida compartilhadas na espacialidade da feira livre, seguem a partir de uma narrativa emergencial, uma convivência com o vírus, uma forma de reprogramação:

Ao invés de pôr em relação forças cegas cujos trajetos se cruzam por acaso ou por razões que elas ignoram, seu encontro se desenrola à maneira de um diálogo estendido no tempo, feito de golpes e de contragolpes que se respondem, de truques, ameaças e respostas refletidas que supõem uma grande atenção recíproca, formas de reconhecimento, de compreensão e mesmo de sensibilidade entre os protagonistas. Por convenção terminológica, nós diremos que da *co-incidência* aparentemente sem

¹⁴⁴ Disponível em: < https://www.spdo.ms.gov.br/diariodoe/Index/Download/DO10857_09_06_2022> Acesso em: 21 jun. 2022.

sentido, passa-se então a *inter-ações* complexas e carregadas de sentido (LANDOWSKI, 2021, p. 88-89, grifo do autor).

Com base nesses dados sobre as feiras livres na região Sul-mato-grossense, realizamos duas análises utilizando como *corpus* de pesquisa a reportagem televisiva intitulada *Dezenas de pessoas são flagradas sem máscara em feira livre do Guanandi*, publicada na plataforma YouTube no canal SBTMS na data de 25 de maio de 2020, com cerca de dois minutos¹⁴⁵. Extraímos para primeira análise dessa categoria de pesquisa, a matéria jornalística que desenvolve um questionamento sobre a postura da população com relação a uma medida sanitária imposta como prevenção da doença de alta transmissibilidade, no caso, a máscara individual. E em segunda análise, depreender da imagem congelada ou enquadramento noticioso ancorado ao título da matéria, as relações semissimbólicas entre expressão e conteúdo neste sistema sincrético que aciona “várias linguagens de manifestação” (GREIMAS; COURTÉS, 2020, p. 467) e ao final, algumas considerações sobre os sentidos que foram impactados pelas alterações nas práticas da feira livre.

4.2 O percurso da máscara na feira ¹⁴⁶

Como é de conhecimento de todo o mundo, a pandemia de COVID-19¹⁴⁷ ficará nos anais da história do século XXI como sendo um dos maiores desafios para os cientistas em todos os campos do conhecimento. Impactos sociais, econômicos, culturais e políticos tornaram-se expressivos, tendo em vista as situações de enfrentamento contra uma doença desprovida de dados técnicos capazes de evitar sua velocidade de transmissão, reduzir sua letalidade e garantir a minimização dos riscos em locais em situação de vulnerabilidade.

Conforme os índices de contaminação foram avançando, estratégias baseadas em evidências científicas¹⁴⁸ foram suplementadas visando convocar todos os setores governamentais e sociedade em geral para uma mobilização de contenção ao vírus, conforme sistemática de informações para controle, rastreamento dos casos testados positivos e

¹⁴⁵ *Dezenas de pessoas são flagradas sem máscara em feira livre do Guanandi*. YouTube, 25 mai 2020. <<https://www.youtube.com/watch?v=m7UxRVDqxLA>> Acesso em 20 abr. 2021.

¹⁴⁶ Conforme já registramos, em nossas análises constam inseridos fragmentos de artigos de nossa autoria produzidos durante o curso de Mestrado, ora publicados em revistas.

¹⁴⁷ *Folha informativa sobre COVID-19*. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>> Acesso em: 22abr, 2021.

¹⁴⁸ *Resposta à transmissão comunitária de COVID - Orientação provisória 7 de março de 2020*. Disponível em: <https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/51983/OPASBRACOV1920038_por.pdf?sequence=1&isAllo wed=y> Acesso em: 22 abr. 2021.

impedimento da transmissão comunitária: medidas essas que possibilitariam uma estabilização ou diminuição da onda pandêmica e que dariam suporte para a corrida contra o tempo na criação de um tratamento medicamentoso ou de um imunizante eficaz.

Com a situação se agravando com a perda de centenas de vidas o uso de equipamentos de proteção individual como a máscara tornou-se obrigatório em locais públicos, e diretrizes de isolamento social ou a chamada “quarentena” desencadearam o fechamento do comércio, de espaços públicos e privados, órgãos governamentais, aeroportos, escolas, cancelamento de eventos, além de adaptação ao trabalho remoto ou *home office*, estabelecimento de uma setorização de serviços “não essenciais” e “essenciais”, esses últimos sendo hospitais, farmácias, clínicas e mercados, visando evitar aglomerações para restringir o avanço da doença.

Com a imposição desse novo fato social foi facultada à população a responsabilidade por colaborar com a inserção urgente dessas medidas no contexto diário, visando diminuir o contágio àqueles com mais risco de agravamento e mortalidade, os quais, de acordo com os dados iniciais da época, apresentavam-se na faixa etária acima dos 59 anos¹⁴⁹.

Essas narrativas instituídas de valor empírico nos possibilitam comparações com as narrativas das epidemias que sucederam avassaladoras no passado, podendo apreender que as profundas alterações oportunizaram novas produções de sentido, como por exemplo, uma evolução na qualidade de vida das pessoas, como esclarece Varlik (2020, p. 290, tradução nossa)¹⁵⁰:

Ao longo do século 19 e parte do século 20, historiadores, autoridades de saúde pública e autores médicos na Europa Ocidental consideraram a peste como a “grande professora”, provocando o desenvolvimento de legislação anti-doença, instituições e tecnologias de vigilância, contenção, e controle - os grampos de histórias positivistas de saúde pública. Nesse cenário, o desaparecimento da peste foi concebido como resultado exclusivamente das regulamentações de saúde pública, mudanças no planejamento urbano, estruturas habitacionais e práticas de higiene que foram implementadas exclusivamente nas sociedades da Europa Ocidental.

No contexto da pandemia no Brasil, os discursos nas redes sociais inflamavam uma polarização de informações que criavam uma falsa desmistificação do vírus, disseminando o chamado discurso do *negacionismo científico*. Anunciando risco mínimo ou a concordância com a flexibilização das medidas, era perceptível que não havia uma concordância narrativa

¹⁴⁹ *Estimativa da gravidade clínica de COVID-19 a partir da dinâmica de transmissão em Wuhan, China*. Nature Medicine. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/s41591-020-0822-7>> Acesso em: 22 abr. 2021.

¹⁵⁰ Original: *Throughout the 19th century and part of the 20th century, historians, public health officials, and medical authors in western Europe regarded the plague as the “great teacher,” eliciting the development of anti-disease legislation, institutions, and technologies of surveillance, containment, and control—the staples of positivistic public health histories.*

entre os dados técnicos repassados pelos pesquisadores em saúde no mundo e as informações advindas de políticas públicas em saúde no país, comprometendo a eficácia no combate à doença e favorecendo um processo de disjunção com a informação de responsabilidade.

Sendo uma pandemia sem precedentes, pesquisadores de todas as ciências se debruçaram na busca por acertar suas proposições em prol da ‘construção de uma verdade’ acerca das implicações do vírus no cotidiano da população mundial. As narrativas das grandes mídias têm por objetivo atingir o senso comum através de versões da realidade a partir de sistemas semióticos euforizantes, coexistindo nesse processo estratégias motivadas por questões sociais ou de cunho ideológico.

Bertrand e Darraut-Harris (2021, p. 334) explicam sobre os actantes que podem ser vítimas em potencial ou carrascos, com referência ao uso da máscara para se proteger na inspiração e proteger os outros da expiração possivelmente mortífera: “É o que dizer do vírus, alavancado ao status de anti-Destinador todo-poderoso, desde que um Destinador universalmente eficiente não venha contrariar seus programas de ação devastadores?” (BERTRAND; DARRAUT-HARRIS, 2021, p. 335).

Dentro de um cenário de medo e de incertezas relacionadas à doença desconhecida, constituiu-se além de uma grave crise sanitária, um intenso combate à produção de narrativas com falsas informações, as *fake news*, colocando a população em regime de insegurança e risco. Barros (2020) instrui que a semiótica discursiva pode tratar dessa questão trazendo a lume as estratégias discursivas presentes nessas falsas narrativas que se pautam nas relações modais entre o ser e o parecer, e no crer e no sentir, com base nas emoções e crenças do destinatário (MOREIRA, 2020, p. 28).

As modalidades veridictórias permitem estabelecer o estatuto veridictório dos estados: verdade, falsidade, mentira, segredo. Os enunciados modalizados veridictoriamente podem ser sobredeterminados pelas modalidades epistêmicas do *crer*: um sujeito crê que um estado parece verdadeiro ou é verdadeiro etc. A modalização epistêmica resulta de uma interpretação, em que um sujeito atribui um estatuto veridictório a um dado enunciado. Nela, o sujeito compara o que lhe foi apresentado pelo manipulador com aquilo que sabe ou aquilo em que crê. O estatuto veridictório de um enunciado é dado por um julgamento epistêmico, em que o crer precede o saber, o que implica reconhecer o caráter ideológico da operação de interpretação (FIORIN, 2000, p. 176).

Tendo em vista as questões supracitadas que efetivaram mudanças substanciais em todos os setores de atividades socioeconômicas e culturais, o ambiente da feira livre sendo uma dessas práticas essencialmente urbanas e de grande expressão para os brasileiros, sofreu

importantes modificações em sua produção de sentido, tornando-se um objeto de estudo para os campos da linguagem.

A atividade da feira livre necessitando seguir as orientações estabelecidas pelos órgãos de excelência em saúde requereu uma readaptação em seu funcionamento devido ao envolvimento de grande número de pessoas e ao alto índice transmissivo do vírus, mesmo sendo promovida em ambientes abertos.

Com base nos dados que foram pontuados nesse trabalho trazendo uma dimensão das temáticas relacionadas à pandemia e ao comércio, nosso *corpus* se detém nesta seção na análise quanto a produção de sentido no plano de conteúdo da matéria jornalística do texto audiovisual produzido na espacialidade de uma feira livre, a Feira Livre do Bairro Guanandi, uma das feiras mais tradicionais de Campo Grande que recebia antes da pandemia do novo coronavírus milhares de pessoas aos domingos¹⁵¹.

A reportagem elencada como *corpus* foi exibida pela rede de televisão afiliada SBT-MS, publicada no YouTube e no site da emissora, sendo pauta do programa regional *O Povo na TV*.

O Povo na TV é um dos mais tradicionais programas televisivos da emissora SBT-MS, possuindo em seu roteiro conteúdos variados envolvendo informação e entretenimento. Através de sua proximidade com a população atinge todas as classes sociais, mas principalmente a Classe C conforme informações no site da programação da afiliada SBT¹⁵² em Mato Grosso do Sul. As matérias produzidas pelo programa fazem parte da estratégia para captar a audiência dos enunciatários, um programa com visada popular e conteúdo de narrativa eufórica em conjugação com a realidade das comunidades. Em um estilo peculiar, “pode ora reproduzir a polêmica, ora brincar com ela, ora abafá-la, ora silenciá-la, na contínua ilusão de, pela palavra, sentir-se o sujeito como sujeito”, conforme os conceitos de Discini (2004, p. 337).

Um bom programa deve ser bem planejado remetendo a ideia de ter sido produzido sem esforço. É necessário ter um ponto de vista a partir do qual se contará a história para que o roteiro tenha algum significado visando atrair o espectador, um ângulo perfeito onde tudo flutua naturalmente, levando ao enunciatário algum tipo de “experiência” como entretenimento,

¹⁵¹ *Dia de Feira: conheça feira quilométrica do bairro Guanandi em Campo Grande*. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5211493/>> Acesso em: 08 jun. 2022.

¹⁵² *O Povo na TV*. Disponível em: <<https://sbtms.com.br/o-povo-na-tv/?playlist=7f7d02f3&video=80c0e36>> Acesso em: 22 abr. 2021.

informação ou distração, conforme propõe H. Watts (1999, p. 14-15), renomado produtor e diretor de cinema e de programas jornalísticos e científicos do Reino Unido.

Isso nos remete ao que diz Greimas e Courtés (2020, p. 531): “desse ponto de vista, a produção da verdade corresponde ao exercício de um fazer cognitivo particular, de um *fazer parecer verdadeiro* que se pode chamar, sem nenhuma nuance pejorativa, de fazer persuasivo”, o que cabe perfeitamente no discurso midiático com relação aos termos do contrato de veridicção entre enunciador e enunciatário. No mundo televisivo ao se criar um ponto de vista tende-se a manifestar efeitos de verdade na busca de atrair a atenção dos espectadores conforme seus contextos sociais, valores e ideologias. E a respeito do contrato de veridicção, que baliza como o enunciatário deve interpretar o enunciado, Greimas (2014, p. 117) pontua:

[...] o discurso é esse lugar frágil em que se inscrevem e se leem a verdade e a falsidade, a mentira e o segredo; modos de veridicção resultantes da dupla contribuição do enunciador e do enunciatário; suas diferentes posições não se estabelecem senão na forma de um equilíbrio mais ou menos estável que provêm de um acordo implícito entre os dois actantes da estrutura da comunicação. É esse acordo tácito que é designado pelo nome de contrato de veridicção.

Nesse contexto, Fiorin (2018, p. 75) diz que todo ato de comunicação não se detém somente em informar, mas persuadir, finalidade última que visa fazer o outro a aceitar o que está sendo comunicado. Bertrand (2003, p. 112) conceitua que as questões de organização e disposição do espaço enunciativo controlam e orientam os elementos discursivos para apreensão dos sentidos, além disso esclarece como essencial o estudo da obra *Morfologia do Conto Maravilhoso* de V. PROPP (1928) (BERTRAND, 2003, p. 269-273). A obra depreende quatro teses para desenvolver as reflexões e análises sobre a narratividade: 1.) as funções são as unidades constitutivas dos contos, podendo ser de afastamento, fuga, informação, interdição, engano, transgressão, etc.; 2.) as funções são limitadas, a carência ou o dano são funções preparatórias que dão movimento ao conto; 3.) a ordem de sucessão das funções é constante, implicando umas às outras em pares, como por exemplo - proibição/violação; 4.) todas as funções do conto se organizam do ponto de vista da narrativa, em uma combinatória particular entre personagens, função e esfera de ação.

[...] trata-se de estabelecer a constância dos elementos (personagens e ações) e das relações (encadeamento das ações) que constitui a forma do conto popular, ou segundo seus próprios termos, de fazer a “descrição dos contos segundo suas partes constitutivas e as relações dessas partes entre si e com o conjunto” (BERTRAND, 2003, p. 270).

Utilizando o método do percurso gerativo de sentido da semiótica discursiva, esta que trata do processo de produção do texto no intuito de apreender os sentidos manifestados desde o mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto (FIORIN, 1995, p. 167) e onde pode-se depreender “o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz” (BARROS, 2005, p. 11), os sentidos construídos na matéria jornalística acerca do plano de conteúdo.

A narrativa da reportagem jornalística, já em seu título *Dezenas de pessoas são flagradas sem máscara em feira livre do Guanandi*, traz um referencial temático e figurativo. Os textos temáticos explicam o mundo e os figurativos criam simulacros do mundo como contextualiza Fiorin (1995, p. 171). Dessa forma, o título da reportagem manifesta os efeitos de realidade criados pelo sujeito da enunciação, caracterizando uma relação entre um mundo em tempos de pandemia e o discurso da cotidianidade da feira livre, uma atividade comercial e cultural de uma cidade.

Por exemplo, uma tese que discutisse a situação de penúria e as péssimas condições de trabalho dos operários franceses nas minas de carvão no século XIX, a questão da produção da mais valia e as lutas para melhorar essas condições de vida seria um texto temático; já o *Germinal*, de Zola, que trata desses mesmos assuntos, é um texto figurativo, pois faz uma representação de tudo isso. A dissertação é temática, enquanto a descrição e a narração são figurativas (FIORIN, 1995, p. 171).

O conteúdo da reportagem insere em sua narrativa o problema global da pandemia de COVID-19 relatando aspectos sobre a postura da população em relação às medidas sanitárias impostas para prevenção da doença. A análise semiótica que perpassará por alguns fragmentos da matéria jornalística pretende demonstrar os efeitos de sentido construídos na matéria de cunho jornalístico tendo como base os três níveis do percurso gerativo de sentido, sendo estes, fundamental, narrativo e discursivo.

Esta investigação se propõe a analisar o percurso por meio do olhar do semioticista, para isso, pontuamos os elementos do nível discursivo buscando fundamentar a tematização, a figurativização e as isotopias presentes no texto supracitado, elencando os elementos do nível narrativo que possibilitam depreender os sentidos construídos nas estratégias de manipulação do destinador que percorre enunciando a problemática na espacialidade da feira livre.

Seguindo, a análise demonstra a competência do destinador-manipulador em sua performance por saber fazer e dever fazer na narrativa de teor jornalístico, e finaliza no nível fundamental apresentando as categorias semânticas que estão presentes na base de construção do texto fundamentada em uma diferença, uma oposição.

Servindo de apoio, alguns fatos dentro da linha do tempo do coronavírus no Brasil devem situar a presente análise. Na data de 26 de fevereiro de 2020 surge o primeiro caso confirmado de COVID-19 no país¹⁵³, e, em 18 de junho de 2020 é publicado Decreto (n.º 14.354)¹⁵⁴ pela Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura Municipal de Campo Grande/MS que determina sobre “a obrigatoriedade do uso de máscaras de proteção facial” em espaços fechados públicos ou privados no âmbito do município de Campo Grande, em razão da pandemia da COVID-19.

Figura 35 – Print screen Site SBTMS com descrição do vídeo¹⁵⁵



Fonte: Autoria nossa

Abaixo, segue o texto na íntegra da matéria intitulada *Dezenas de pessoas são flagradas sem máscara em feira livre do Guanandi*, publicada em 25 de maio de 2020 na plataforma Youtube no Canal da afiliada SBTMS e no site da emissora, que possuía como descrição do vídeo a seguinte informação (Figura 35): “Uma das maiores feiras livres do

¹⁵³ *Brasil confirma primeiro caso do novo coronavírus, porém não há motivo para pânico*. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1042-brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus-porem-nao-ha-motivo-para-panico>> Acesso em: 07jun 2021.

¹⁵⁴ *Decreto N. 14.354, de 18 de junho de 2020*. Disponível em: <<http://www.campogrande.ms.gov.br/sesau/downloads/decreto-n-14-354-de-18-de-junho-de-2020-dispoe-sobre-a-obrigatoriedade-do-uso-de-mascaras-de-protecao-facial-em-espacos-fechados-publicos-ou-privados-de-acesso-ao-publico-em-geral-no-ambito-do-mu/>> Acesso em 07jun 2021.

¹⁵⁵ Disponível em: <<https://sbtms.com.br/dezenas-de-pessoas-sao-flagradas-sem-mascara-em-feira-livre-do-guanandi/>> Acesso em: 20 abr. 2021.

Estado, no bairro Guanandi em Campo Grande tomou todas as medidas de segurança para evitar o contágio do coronavírus. Mas será que os frequentadores estão se protegendo?”¹⁵⁶

Quadro 2 - Matéria jornalística extraída do texto audiovisual

Dezenas de pessoas são flagradas sem máscara em feira livre do Guanandi

Nós estamos na feira do Guanandi que começa às seis da manhã e vai até meio-dia. Durante seis horas, milhares de pessoas passam por aqui. A gente sabe, que se as pessoas não se prevenirem, o vírus da COVID-19, se espalha de baciada.

Muitos de máscara. Muitos sem máscara...

“Só esqueci hoje, porque a gente ‘tava’ [sic] comendo ali também.

Mas chegando em casa a gente já [sic]ou se sair pra outro lugar a gente já usa”.

Muita gente sem máscara é do grupo de risco, por causa da idade.

“Eu tenho a máscara. ‘Tá’ [sic] aqui a máscara. Eu tenho aqui”.

Este feirante, faz uma triste constatação sobre o uso de máscara na feira.

“Tem muita gente que não ‘tá’ [sic] ainda muito preocupada com a doença. Metade não usa”.

As feiras livres na capital estão liberadas desde o começo de abril. Mas é claro, com uma série de medidas sanitárias, para evitar a proliferação do coronavírus.

“Eu passo álcool, todo mundo que chega aqui passa álcool. Não tem provador. Não pode provar. Aí eu falo ‘pro’ [sic] pessoal provar na casa dele [sic], e se não servir pode vir trocar”.

Dona Josefa, o que a senhora está achando aqui de toda essa prevenção? A senhora se previne também?

“Sim, a gente tem que se cuidar. Quem gosta da gente, é a gente mesmo”.

Selenir e Erival, são do município de Bela Vista. Aproveitaram o passeio em Campo Grande para ir à feira. São exemplos de pessoas que se preocupam com a proliferação do coronavírus.

Eu tomo todas as providências. Uso a famosa *Qboa*, coloco na água, lavo, deixo de molho um pouquinho, tomo todos os cuidados. Eu já ando com meu ‘alquinho’ [sic] porque onde todos pegam, eu também já higienizo tudo, já ‘pego’ [sic] no parceiro e em mim, já passo também na sola do pé quando chego em casa”.

“Tomar as providências e os cuidados pra que a gente tenha uma saúde [sic], não pegando, e a gente não venha a transmitir para as pessoas também”.

Fonte: Autoria nossa

O título da reportagem proposta pelo enunciador remete à situação pandêmica de COVID-19, tendo em vista que o uso da máscara, que não faz parte dos costumes dos brasileiros, tornou-se essencial para a prevenção contra a doença, sendo seu uso obrigatório instituído em decreto publicado pelas autoridades.

¹⁵⁶ *Dezenas de pessoas são flagradas sem máscara em feira livre do Guanandi*. YouTube, 25mai 2020. <<https://www.youtube.com/watch?v=m7UxRVDqxLA>> Acesso em 20 abr. 2021

Com relação ao trecho inicial da matéria ou lide noticioso, alguns elementos da narrativa sintetizam os dados principais - *quem, onde, o quê* - ou seja, tem-se uma enunciação enunciada criando efeitos de verdade através dos atos de dizer projetados no enunciado, que intencionalmente servem para prender a atenção do enunciatário, como vemos abaixo:

*Nós estamos na feira do Guanandi que começa às seis da manhã e vai até meio dia.
Durante seis horas, milhares de pessoas passam por aqui. A gente sabe que se as
pessoas não se prevenirem, o vírus da COVID-19 se espalha de baciada.*

Nesse fragmento se reconhece dois percursos temáticos: o do *comércio* relacionado às atividades da feira livre e o da *conscientização* tendo em conta a problemática de saúde global, que pressupostamente é de conhecimento de todo destinatário ou telespectador que acompanha a programação televisiva. A introdução da matéria traz as marcas da enunciação enunciada (*nós/a gente*) configurando um *ethos*, uma projeção do narrador, criando um efeito de subjetividade ao narrar em primeira pessoa do plural. Está instaurada a espacialidade figurativizada (*feira do Guanandi*) concomitante ao momento da enunciação (*estamos* – presente do indicativo), sendo assim, possibilita um efeito de verdade, uma ilusão do *aqui/agora* para atrair a atenção do narratário, reforçando os valores tematizados à realidade da pandemia e figurativizados (*vírus da COVID-19*) para construção do sentido. Seguindo nossa análise, a narrativa é investida por um ato de impessoalização do discurso:

Muitos de máscara. Muitos sem máscara.

Nesse trecho, percebe-se uma debreagem enunciativa, por meio da utilização da expressão “muitos”, representado pela não-pessoa ‘eles’. ‘Eles’ é actante do enunciado, explicitado no contexto, ou, conforme diz Fiorin (1996, p. 60), ‘eles’ é pluralização de ‘ele’: “um substituto pronominal de um grupo nominal, de que tira a referência, actante do enunciado, aquele de que eu e tu falam”. Desse modo, há uma dessubjetivação do discurso acometendo efeitos de distanciamento para torná-lo objetivo e neutro.

Muitos é um pronome indefinido variável no qual se aplica “a 3ª pessoa gramatical, quando considerada de um modo vago e indeterminado” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 370). Nesse sentido, no que concerne a uma categoria de pessoa, *muitos* pode retratar um papel social, ou *persona*, pois “se considerarmos *pessoa* como o termo designador da individualidade e *persona* como a palavra que indica o papel social de um indivíduo, diríamos que a debreagem

enunciativa instala uma pessoa no enunciado e a enuncia projetada nele uma persona” (FIORIN, 1996, p. 99, grifo do autor).

No contexto da narrativa, o destinador-manipulador cria um simulacro da realidade do mundo natural através de elementos figurativos (*máscara, gente, grupo de risco, idade*) para convencer o destinatário-sujeito sobre a postura da população com relação ao uso do equipamento de proteção individual no ambiente da feira livre. Os microuniversos do discurso permitem estabelecer uma correspondência, uma recorrência de leitura, as isotopias no texto (GREIMAS; COURTÉS, 2020, p. 312). Durante o discurso surgem interlocuções com valor disfórico na narrativa:

Este feirante, faz uma triste constatação sobre o uso de máscara na feira.

“Tem muita gente que não ‘tá’ [sic] ainda muito preocupada com a doença. Metade não usa”.

Nesse trecho, o destinador-manipulador traz a informação do interlocutor que reforça a ideia de que o sujeito de estado, no caso, *a população da feira livre*, não está seguindo as medidas de segurança mínima, ou seja, não está fazendo o uso da máscara como medida de prevenção, conforme orientações do Decreto Municipal para a não disseminação do vírus imprimindo nesse sentido uma direção fórica negativa no discurso.

Não se pode olvidar que a reportagem jornalística televisiva possui a linguagem sincrética, utilizando-se do suporte de imagens que faculta maior concretude à narrativa. O texto figurativizado é predominante no discurso jornalístico para reportar maior sentido de realidade, um simulacro mais ampliado do mundo natural como meio de persuasão, conforme o pensamento de Bertrand (2003, p. 155): “fazer ver também é fazer crer”. No próximo trecho analisado, observa-se que o destinador-manipulador é dotado de um saber:

As feiras livres na capital estão liberadas desde o começo de abril. Mas é claro, com uma série de medidas sanitárias para evitar a proliferação do coronavírus.

Observa-se que no nível narrativo o destinador-manipulador possui um *valor modal*: o dever como jornalista de divulgar informação precisa e verídica. Nesse sentido, ele é responsável por levar o destinatário-sujeito a crer ou a fazer algo. Nesse trecho da reportagem admite-se uma *competência pressuposta*, pois a reportagem com as informações advém de uma

emissora de tradição que construiu sua imagem perante a audiência e perante o mundo publicitário¹⁵⁷.

O destinador-manipulador possui uma *performance* que é bem própria da narrativa jornalística: a *competência* com base científica que, nesse caso, pauta-se nas orientações dos órgãos de excelência em saúde e da materialidade do Decreto Municipal instituído no período de pandemia da COVID-19. Essas orientações *sancionam* positivamente o discurso para que sua *performance* seja bem-sucedida e reconhecida. A narrativa recria um simulacro do mundo natural pela recorrência de figuras (*feiras livres, capital, abril, medidas sanitárias, coronavírus*).

O destinatário-sujeito possui o fazer-interpretativo pautado num contrato de veridicção influenciado por aspectos diversos, como valores, costumes etc. Para dar maior efeito de verdade à narrativa, o destinador-manipulador se utiliza, também, das falas dos interlocutores, havendo *debreagens* internas na narrativa; e como é da práxis jornalística, também utiliza de mecanismos que produzem um “simulacro de realidade da feira livre em tempos de pandemia”, com a visada de convencer o destinatário-sujeito sobre a *prevenção*.

Com referência aos interlocutores, os sujeitos de estado que expressam de maneira didática como se prevenir contra o coronavírus, *competência* que foi cedida ao destinador-manipulador encerrando a matéria, instaura-se na narrativa uma direção positiva de valor eufórico, um estado de conjunção com o objeto de valor, no caso a *saúde*, como se observa nesses enunciados com percurso discursivo tematizado pela *prevenção* no combate ao vírus:

Eu tomo todas as providências. Uso a famosa Qboa, coloco na água, lavo, deixo de molho um pouquinho, tomo todos os cuidados. Eu já ando com meu ‘alquinho’ [sic] porque onde todos pegam, eu também já higienizo tudo, já ‘pego’ [sic] no parceiro e em mim, já passo também na sola do pé quando chego em casa”.

“Tomar as providências e os cuidados pra que a gente tenha uma saúde [sic], não pegando, e a gente não venha a transmitir para as pessoas também”.

O discurso articula duas isotopias que se superpõem: a isotopia *econômica*, tematizada como *comércio* e figurativizada pela *Feira Livre do Guanandi* (a que se associam outras figuras como *feiras livres, feirante, baciada*) e a isotopia maior de *conscientização*, cujas figuras

¹⁵⁷ *Tradição e atuação digital: a imagem do SBT aos 40 anos.* Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2021/08/19/tradicao-e-atuacao-digital-a-imagem-do-sbt-aos-40-anos.html>> Acesso em: 09 jun. 2022.

(máscaras, *Qboa*, *água*, “*alquinho*”, *medidas sanitárias*) remetem a dois temas que se articulam, o tema da *saúde* e o da *prevenção*. O uso recorrente de figuras relacionadas a prevenção e a sanitização implicam estabelecer novo sentido ao destinatário-sujeito: que a população que frequenta a Feira Livre do Guanandi não compreendia, naquele momento, a gravidade da COVID-19 e suas implicações.

A princípio, a superfície da reportagem, parece apontar como categoria semântica de base a oposição dos termos *saúde vs doença* (termos contrários) e seus contraditórios (*não saúde vs não doença*). Porém, o discurso traz alguns lexemas importantes (*COVID-19*, *Coronavírus*, *proliferação*), que nos possibilitam alcançar uma oposição semântica de maior abstração *vida vs morte* (contrários) e seus respectivos contraditórios (*não vida vs não morte*), tendo em vista que a doença foi descoberta e considerada uma emergência pandêmica.

Há um percurso eufórico quando há a orientação por parte dos sujeitos quanto à prevenção da doença, implicando uma certa positividade, porém não se trata de uma narrativa euforizante, e sugere uma direção fórica negativa (*saúde/ não saúde/ doença*), estando os sujeitos da narrativa disjuntos do seu objeto de valor – *saúde*.

Por intermédio da lente da semiótica pode-se compreender que a pandemia da COVID-19 trouxe profundas alterações nos sentidos das práticas, tanto em locais fechados quanto em ambientes abertos onde circulam grande número de pessoas, preocupando as autoridades em saúde pelo total desconhecimento de como o vírus se comporta em sua transmissão.

Os conceitos do percurso gerativo de sentido foram trabalhados para depreender do texto, como já citamos, o que ele diz e como faz para dizer o que diz (BARROS, 2005, p. 11), trazendo a lume os simulacros da realidade e os efeitos de verdade construídos pela recorrência de traços semânticos que garantiram a coerência do discurso noticioso, facultando ao destinador-manipulador mecanismos de persuasão com a visada de convencer o destinatário-sujeito, ou o telespectador, a compreender a realidade da feira livre em tempos de pandemia.

Percebe-se uma homologação entre os termos, conforme explica Greimas e Courtés (2020, p. 248), “considerada como uma formulação do raciocínio por analogia”, ou seja, os eixos dos sistemas semióticos na matéria jornalística são advindos de uma organização discursiva nas relações entre a enunciação, os contextos sócio-históricos e as formações ideológicas que determinam os hábitos e costumes de um evento dessa proporção.

Ao dissecar do texto os níveis do percurso gerativo da significação se pode constatar a *relação disjuntiva* que se predomina desde o título da matéria quando enuncia que “dezenas de pessoas *são flagradas sem máscara*”, indicando um caminho contrário às normas impostas

para a segurança coletiva nesses ambientes de grande circulação de pessoas. O sujeito *população da feira livre* se depara com uma nova narrativa imposta pelos discursos normativos tematizados pela *doença* e figurativizados pela *máscara*, o novo objeto de valor que caracteriza uma alteração nas práticas por questões determinantes. Observamos em relação aos actantes que possuem o “hábito” de ir à Feira do Guanandi, que a obrigatoriedade de uma nova prática que nesse momento ainda não produziu os efeitos de sentido nas narrativas do cotidiano e na espacialidade originária da feira.

Na próxima seção, veremos as relações semissimbólicas estabelecidas e apreendidas no contexto da feira livre em tempos de COVID-19, utilizando-se ainda do corpus audiovisual citado anteriormente, porém o recorte se refere em uma imagem congelada (*freeze frame*) ou enquadramento noticioso.

4.3 Imagem semissimbólica da pandemia na feira livre¹⁵⁸

A chegada da problemática de saúde global trouxe para o contexto das feiras em muitas cidades no Brasil, alterações nas práticas e no cotidiano dos envolvidos nessa atividade, necessitando de uma reconfiguração diante de uma doença ainda desconhecida pela comunidade científica e que se apresentava de alta letalidade.

Conforme já registramos anteriormente, devido ao alto índice de transmissão do novo vírus as atividades da feira livre estiveram suspensas temporariamente em muitas cidades do país por ser um evento de grande aglomeração de pessoas como constatamos nas notícias advindas de sites de algumas *prefeituras*:

¹⁵⁸ Conforme já registramos, em nossas análises constam inseridos fragmentos de artigos de nossa autoria produzidos durante o Curso de Mestrado, ora publicados em revistas.

Quadro 3 – Notícias de suspensão das atividades das feiras livres

Data de publicação	Título de Matéria/Fonte <i>on-line</i>
18/03/2020	<p><i>Prefeitura suspende temporariamente todas as feiras para conter avanço do Coronavírus</i></p> <p>Prefeitura de Contagem/MG. Disponível em: <https://www.contagem.mg.gov.br/debemcomavida/prefeitura-suspende-temporariamente-todas-as-feiras-para-conter-avanco-do-coronavirus/></p>
20/03/2020	<p><i>Prefeitura de Upanema suspende "feira livre" por 15 dias em razão da pandemia do novo coronavírus</i></p> <p>Prefeitura de Upanema/RN. Disponível em: <http://upanema.rn.gov.br/noticiasView/437_Prefeitura-de-Upanema-suspende-Feira-Livre-por-15-dias-em-razao-da-pandemia-do-novo-coronavirus.html></p>
20/03/2020	<p><i>Para prevenção ao Coronavírus, Prefeitura suspende a realização de feiras livres</i></p> <p>Prefeitura de Cuiabá/MT. Disponível em: <https://www.cuiaba.mt.gov.br/secretarias/agricultura-trabalho-e-desenvolvimento-economico/para-prevencao-ao-coronavirus-prefeitura-suspende-a-realizacao-de-feiras-livres/21553></p>
23/04/2020	<p><i>Contra aglomerações e para proteção das pessoas, Prefeitura do Rio impede funcionamento de 27 feiras livres na cidade</i></p> <p>Prefeitura do Rio de Janeiro/RJ. Disponível em: <https://coronavirus.rio/noticias/contra-aglomeracoes-e-para-protecao-das-pessoas-prefeitura-do-rio-impede-funcionamento-de-27-feiras-livres-na-cidade/></p>
27/03/2020	<p><i>Comunicado importante: Feira livre é suspensa</i></p> <p>Prefeitura de Picuí/PB. Disponível em: <https://www.picui.pb.gov.br/portal/noticias/geral/comunicado-importante-feira-livre-e-suspensa></p>

A regularidade da feira livre sofreu alterações construídas por uma ação imprevisível que mudou os regimes de sentido, ou como Landowski (2014, p. 16) define, “as regularidades estatísticas que permitem cálculos de probabilidade” não ocorreram, constituindo-se um acidente de percurso no universo da feira livre.

A retomada das atividades culminou na publicação de decretos e resoluções em cada região no que rege ao funcionamento do comércio, com base nas orientações advindas das instituições de excelência em saúde visando medidas protetivas para a segurança dos feirantes e da comunidade em geral. Nesse contexto de paralização, alguns feirantes tentaram se reinventar rapidamente inserindo a opção de venda virtual¹⁵⁹, já outros, pelo pouco conhecimento ou nenhum acesso as redes sociais e aplicativos para promoção e distribuição de seus produtos, não desenvolveram alternativas que pudessem diminuir os impactos em suas vendas.

Formada em ruas adaptadas na espacialidade de bairros afastados dos grandes centros comerciais, se consolida figurativizada pelas barracas ou tendas improvisadas com caixotes, cavaletes, tábuas de madeira e lona, transformadas em vitrina, oferecem uma gama de mercadorias e demonstram a organização criativa da cultura feirante e suas manifestações. Neste evento cultural e mercadológico, feirantes, fregueses, transeuntes, vendedores ambulantes, flanelinhas, artistas, entre outros actantes se conectam através do senso comum.

Na espacialidade da feira denota-se o frescor dos produtos, as cores das frutas e verduras, o cheiro característico que provêm da barraca do pastel e dos doces caseiros, a arte de rua, a exposição dos aparelhos eletrônicos e brinquedos, a prosa marcante do feirante entre outras figuras que chegam pela primeira vez ou que já frequentam este espaço conduzidos pela semiose cultural.

Por vezes, as feiras livres vivenciam o desinteresse por suas práticas por serem consideradas antiquadas, obsoletas e estarem em descompasso com as novas formas de economia e comercialização no mundo, se esquecendo da sua contribuição como setor essencial para a sociedade. A representatividade dessa prática garante a continuidade da tradição popular em meio à uma enxurrada de tendências tecnológicas de consumo, pois, conforme já sabemos através de nossos registros históricos, a feira está no cerne da humanidade, na memória coletiva¹⁶⁰.

Localização acessível, convivência social, mercadorias diversificadas, qualidade nos produtos hortifrutigranjeiros, atendimento diferenciado, lazer, alimentação típica, entre outros

¹⁵⁹ *Feirantes vendem produtos por aplicativo após suspensão do comércio por causa do coronavírus em MT.* Disponível em: <<https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2020/03/30/feirantes-vendem-produtos-por-aplicativo-apos-suspensao-do-comercio-por-causa-do-coronavirus-em-mt.ghtml>> Acesso em: 13 jun. 2022.

¹⁶⁰ “[...] porque há pelo menos duas histórias [...] a da memória coletiva e a dos historiadores. A primeira é essencialmente mítica, deformada, anacrônica, mas constitui o vivido desta relação nunca acabada entre o presente e o passado” (LE GOFF, 1990, p. 29).

atributos manifestados nos percursos dos programas narrativos entre os sujeitos, são os objetos de valor no cotidiano deste evento peculiar e sensível.

O universo de cada feira compõe-se pelo adensamento figurativo, as práticas do cotidiano e as interações entre os actantes que formam um percurso de relações ou “práticas semióticas que são os comportamentos mais ou menos programados, orientados para um fim determinado (*a priori* ou *a posteriori*), e estereotipados dos homens, analisáveis como “discursos” do mundo natural” (GREIMAS; COURTÉS, 2020, p. 325).

Com a pandemia novos componentes sintáticos e semânticos podem ser depreendidos da narrativa de urgência pública. Distanciamento entre as barracas, uso de máscara obrigatório, disponibilização de álcool em gel, produtos embalados e higienizados congelados ou individualmente separados, cuidados na manipulação de cédulas de dinheiro, entre outras modalizações do fazer, foram alguns dos elementos instituídos que possibilitaram um retorno ao chamado novo normal¹⁶¹ ou uma nova programação. Feirantes e fregueses, antes afeitos à uma regularidade em suas relações, foram forçosamente levados a buscar novas práticas no cotidiano pelo regime de acidente¹⁶²: uma pandemia sem precedentes.

A feira livre do Bairro Guanandi é um evento que persiste há mais de trinta anos com mais de trezentos comerciantes, ocupando cerca de dois quilômetros de extensão da Rua Barra Mansa, local que recebia antes da pandemia de coronavírus cerca de quinze mil pessoas aos domingos¹⁶³, dia programado para o atendimento ao público.

Em Campo Grande, nota-se a princípio de que, pela periodicidade das feiras livres, a tradição das barracas, a constância dos consumidores e a programação organizada pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano da Prefeitura de Campo Grande/MS, para os 57 eventos divididos em 52 bairros da Cidade Morena, a feira livre é de grande importância para o desenvolvimento da economia e da expressão cultural em todas as comunidades envolvidas.

A partir desses contextos axiológicos e ontológicos que envolvem feira livre, sociedade e a COVID-19, desenvolvemos uma análise semiótica a partir de um de seus desdobramentos, o semissimbolismo, para apreendermos e visualizarmos as alterações da

¹⁶¹ A expressão “novo normal” apareceu pela primeira vez em um artigo publicado por economistas no ano de 2008 na revista Bloomberg para se referir a superação da crise financeira estadunidense daquele ano. Hoje vem sendo empregada como um conceito para contextualizar o possível cotidiano mundial pós-pandemia. Disponível em: <<https://www.informasus.ufscar.br/novo-normal/>> Acesso em: 13 jun 2021.

¹⁶² “do *assentimento* ao imprevisível” (LANDOWSKI, 2014, p. 16)

¹⁶³ *Dia de Feira: conheça feira quilométrica do bairro Guanandi em Campo Grande*. 2016. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5211493/>> Acesso em: 13 jun 2021.

prática da feira em tempos de pandemia. Com base nos conceitos da semiótica plástica de A. J. Greimas (1973), J. M. Floch (1985) e Pietroforte (2019) em uma narrativa pluriplana, utilizamos aspectos do enquadramento noticioso¹⁶⁴ a partir do *frame* ou imagem congelada que retrata o ambiente da feira.

Nos elementos de busca utilizamos o quadro 0:07” da *timeline* do vídeo supracitado, juntamente ancorado à legenda “*Dezenas de pessoas são flagradas sem máscara em feira livre do Guanandi*” (Figura 36), temos um texto sincrético ou, como diz Greimas (1981, p. 116), o modo de “articulação do significante com o significado que é ao mesmo tempo arbitrário e motivado”, cuja análise semiótica permite depreender os sistemas semissimbólicos em uma única unidade de sentido.

Floch (2001, p. 10) diz que a semiótica estuda os fatos da linguagem e se detém em analisar as crenças, as atitudes e os sentimentos de cada sociedade em suas ações languageiras. Neste recorte, vamos explorar como se articula os fatos linguísticos e a dimensão figurativa com o enunciado. Consideramos a abordagem da semiótica plástica para otimizar a compreensão dos efeitos causados pela pandemia no universo da feira livre.

Figura 36 - Reportagem *O Povo na TV /SBTMS* - Título: *Dezenas de pessoas são flagradas sem máscara em feira livre do Guanandi*¹⁶⁵



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=m7UxRVDqxLA&t=11s>¹⁶⁶

¹⁶⁴ Porto (2002, p. 15) diz que “enquadramentos noticiosos são padrões de apresentação, seleção e ênfase utilizados por jornalistas para organizar seus relatos”.

¹⁶⁵ Agradecemos ao jornalista Marcos Roberto Anelo, que gentilmente cedeu as imagens para a realização da presente pesquisa.

¹⁶⁶ Diante da garantia de sigilidade dos participantes da matéria, optou-se pelo borrar das imagens dos participantes de pesquisa.

O Povo na TV segue na programação da emissora envolvendo pautas de jornalismo e entretenimento na esfera Sul-mato-grossense, atingindo todas as classes sociais em uma conexão muito próxima da população ao trazer conteúdos variados para captar a audiência dos enunciatários. As matérias produzidas pelo programa são produzidas com uma narrativa eufórica que podemos apreender segundo suas “variações isotópicas” (GREIMAS, 1975, p. 265).

Recordando sobre os conceitos de Watts (1999, p. 14-15) sobre uma produção audiovisual, diz ele, que ninguém se engane, pois “sua arte é esconder sua arte” (WATTS, 1999, p. 17). Sendo assim, a semiótica traz a superfície isso que se esconde, “o sentido portanto não significa apenas o que as palavras querem nos dizer, ele é também uma direção, ou seja, na linguagem dos filósofos, uma intencionalidade e uma finalidade” (GREIMAS, 1975, p. 15).

Hjelmslev (1975, p. 83) trouxe a lume que alguns dos princípios fundamentais da teoria da linguagem são válidos para todas as ciências e não apenas para a linguística. Nesse sentido é relevante assimilar que a função semiótica, ou a construção do sentido, se processa pela relação de interdependência entre o plano de conteúdo e o plano de expressão:

[...] expressão e conteúdo são solidários e um pressupõe necessariamente o outro [...] é impossível existir (a menos que sejam isolados artificialmente) um conteúdo sem expressão e uma expressão sem conteúdo [...] evidentemente, **não se deve confundir ausência de conteúdo com ausência de sentido: o conteúdo de uma expressão pode perfeitamente ser caracterizado como desprovido de sentido de um ponto de vista qualquer [...]** (HJELMSLEV, 1975, p. 54, grifo nosso).

Esse ponto de vista ou “ângulo perfeito” (WATTS, 1999, p. 14) do qual se desenvolve a narrativa de forma estratégica, é uma espécie de encantamento, um “fazer persuasivo” (GREIMAS; COURTÉS, 2020, p. 531) para atrair o espectador, instituindo nesse ínterim, um contrato de veridicção entre enunciador e enunciatário.

A linguagem do conteúdo audiovisual possui um aspecto predominantemente *figurativo* e *icônico*, ou seja, tem-se uma representação, uma ilusão referencial e transformadora das imagens do mundo natural criando um efeito de realidade, um fazer-criar que espera convencer o público-alvo:

O caráter icônico da imagem televisual, que abriga diferentes linguagens no campo da visualidade, faz-se presente também na figuratividade projetada em outros sistemas de significação articulados no audiovisual, como os verbais, tanto visual como sonoro,

a música cantada, a gestualidade dos atores do discurso, o figurino [...] (MÉDOLA, 2019, posição 4373)

Nesse contexto há uma construção de sentido que visa “persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado. Por isso, o ato de comunicação é um complexo jogo de manipulação com vistas a fazer o enunciatário crer naquilo que se transmite” (FIORIN, 2006, p. 75).

Considerando a imagem ilustrada sob a ótica da semiótica planar, a iconicidade traz um efeito de conotação veridictória relativa de uma *cultura feirante* e de um processo de produção em comunicação que conduz “o produtor da imagem a se submeter às regras de construção de um ‘faz de conta’ cultural” (GREIMAS; COURTÉS 2020, p. 254).

A análise semissimbólica da imagem congelada, ou *freeze frame*, ou enquadramento noticioso, pode retratar as estratégias inscritas nas formas pluriplanas para alcançar o público-alvo e convencer o sujeito-destinatário sobre um fato social, através de uma figuratividade importante que se coaduna com as informações veridictórias.

O enquadramento noticioso está embasado nos postulados da Teoria da Comunicação, nos estudos de *frames* que dá a conhecer sobre a sistemática dos processos criativos na produção das narrativas audiovisuais. Conforme Gradim (2017, p. 22), o enquadramento pode ser operado em três níveis diferentes como no processo de produção e reprodução de *frames*, nas avaliações qualitativas e quantitativa ligada à *cases* e/ou centrando nos estudos da interação entre textos para produção de sentido e narrativas comuns (REESE et al., 2001) e define ainda que:

[...] o enquadramento é apresentado como um “pacote cultural” muito vasto composto por “metáforas, slogans, imagens visuais, apelos morais e outros dispositivos simbólicos”, como ressonâncias culturais, histórias, mitos e crenças populares, que ajudam a fixar junto à opinião pública a interpretação dos factos prevalecente.

Neste *freeze frame* capturado do vídeo podemos analisar primeiramente as categorias visuais do plano de expressão. Na análise iconográfica da imagem congelada (Figura 37), observamos a figura do repórter usando máscara de proteção, situado em primeiro plano no centro da imagem, demonstrando ao enunciatário que está em um ambiente de feira livre. Segurando um microfone, o qual possui a logomarca SBT, relacionado ao símbolo visual no canto direito inferior da imagem, confirmam a sua identidade como jornalista de uma emissora que possui grande credibilidade do público.

Em segundo plano observa-se a figura dos transeuntes fazendo uso ou não da máscara de proteção, e na profundidade da imagem apreende-se uma movimentação figurativa do evento

da feira livre: pessoas comendo, barracas coloridas postas lado a lado, produtos para comercialização, o asfalto cinzento em dia ensolarado, estes elementos do mundo natural, possibilitam uma leitura do aspecto material do significante criando um efeito de realidade no texto visual ancorado ao texto verbal. O texto é discursivizado por leitura linear, quando ao passar dos olhos já se constata a homologação entre o plano de conteúdo e plano de expressão.

Figura 37 – Detalhe da iconografia no *frame 0:07*”



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=m7UxRVDqxLA&t=11s>.

O texto audiovisual forma uma unidade sincrética, ou uma semiótica sincrética, manifestada pela articulação de diferentes linguagens como figuras, sons, cores, movimento etc. Utilizando-se da imagem congelada ancorada ao título do vídeo, isola-se alguns planos desse objeto sincrético, ou pluriplano, como os elementos sonoros advindos do ambiente da feira livre, a locução do repórter e os movimentos de câmera ou trocas de cena.

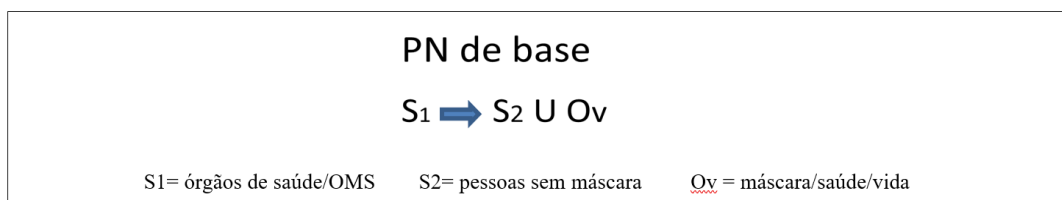
No título, “*Dezenas de pessoas são flagradas sem máscara em feira livre do Guanandi*”, observa-se no plano de conteúdo que os actantes “*dezenas de pessoas*” estão em disjunção com o objeto-valor, que no caso é figurativizado pelo lexema “*máscara*” e tematizado pela saúde/prevenção na espacialidade da feira livre, trazendo um enunciado de valoração disfórica na narrativa.

Neste enunciado está *pressuposto* a imposição de uma norma, ou seja, as recomendações de medidas sanitárias impostas pelos órgãos de saúde do Brasil e pela Organização Mundial de Saúde (OMS). O uso da máscara de proteção, que não faz parte dos costumes do povo brasileiro em meio à uma sazonalidade de doenças virais, torna-se essencial para a prevenção contra a COVID-19 mesmo em ambientes abertos, como no caso da atividade das feiras livres.

Como categoria semântica de base, apresentam-se os termos fundamentais, em um processo de maior abstração de sentido, *vida vs. morte* encerrando o percurso *vida/não-vida/morte* pela gravidade da temática de pandemia. O uso de máscara, esta que protege vidas, se encontra recorrente nas narrativas normativas das autoridades, meios de comunicação e dos órgãos responsáveis. O valor *vida* determina o estado *não-vida* para os actantes que estão em desacordo com as medidas sanitárias.

Sendo o programa narrativo ou sintagma elementar da sintaxe narrativa, “um enunciado de fazer que rege um enunciado de estado”, integrando “estados e transformações” (BARROS, 2005, p. 24), tem-se no programa de base do texto elencado, a *performance*, a realização de uma ação que se mostra pela “representação sintático-semântica desse ato, ou seja, da ação do sujeito com vistas à apropriação dos valores desejados” (BARROS, 2005, p. 29):

Quadro 4 – Programa narrativo de base



Fonte: Autoria nossa.

Analisando as categorias plásticas eidéticas, topológicas e cromáticas do plano de expressão que enaltecem a figurativização do evento feira livre inscrito neste enquadramento ou *freeze frame*, podemos depreender relações em quatro faixas verticais.

Quanto à forma, pode-se descrever a categoria plástica eidética *homogêneo vs. heterogêneo*, pois alguns elementos da imagem possuem contornos distintos e tamanhos diferentes, tanto como elementos simples e homogêneos, tais como o asfalto ou a cobertura de uma barraca de feira. O cromatismo na plasticidade da imagem pode ser definido pela categoria

monocromático vs. policromático, ao observar elementos característicos do colorido da cultura feirante.

A disposição do repórter em primeiro plano e como personagem principal neste quadro, enfatiza o uso da máscara protetiva em relação aos transeuntes na imagem enquadrada, que está distribuída de forma linear e definida pela articulação em uma relação de *intercalado vs. intercalante*, definindo as relações de semelhança e diferença nas quatro faixas e remetendo a categoria plástica topológica que optamos por nomear *primeiro plano vs. plano de fundo*.

Figura 38 - Configuração topológica do *frame 0:07* - percurso *vida => não-vida => morte*. O uso da máscara como objeto - SAÚDE/VIDA – o não uso da máscara - DOENÇA/MORTE



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=m7UxRVDqxLA&t=11s>.

O repórter situado na imagem em primeiro plano usa cores sóbrias, monocromáticas, que agregam a ideia de tranquilidade, formalidade, ordem, representando uma *estabilidade* que está em oposição à *instabilidade* do plano de fundo, do qual depreende-se cores quentes, barracas diferentes umas das outras, de cores e formatos sem uniformidade e uma grande movimentação de pessoas que circulam em diferentes direções.

A categoria semântica de base discursiva *saúde vs. doença*, ou mais abstrata *vida vs. morte*, aparecem como que recorrentes nas narrativas normativas dos órgãos de saúde

delimitados pela pandemia, de modo que nessa narrativa instituída na feira livre as pessoas com máscara figurativizam *saúde/vida* e as pessoas que não fazem o uso do equipamento de proteção, a *doença/morte*, podendo estabelecer a seguinte relação semissimbólica: *PE* (*intercalado vs. intercalante*) / *PC* (*vida vs. morte*) (Figura 38).

Quadro 5 – Relação Semissimbólica no enquadramento noticioso

Plano De Expressão	Categoria eidética	<i>Homogêneo vs. Heterogêneo</i>
	Categoria cromática	<i>Monocromático vs. Policromático</i>
	Categoria topológica	<i>Intercalado vs. Intercalante</i> <i>Primeiro Plano vs. Plano De Fundo</i>
Plano Do Conteúdo	Fundamental Narrativo Discursivo	<i>Vida vs. Morte</i> <i>Conjunção vs. Disjunção</i> <i>Estabilidade vs. Instabilidade</i> <i>Saúde vs. Doença</i>

Fonte: Autoria nossa

Sobre o efeito de sentido de verdade manifestado no texto de predominância figurativa constatamos que estes estão de acordo com o discurso persuasivo do enunciador. Através deste texto sincrético depreendemos a concordância entre as relações semissimbólicas advindas da homologação entre o plano de conteúdo e o plano de expressão, ou seja, os sentidos que decorrem das categorias semânticas e plásticas, conforme diz Pietroforte (2006, p. 08), “ao fazer coincidir o dito com o visto, criam-se correspondências que garantem a objetividade do visto, explicado e confirmado pelo dito”.

Na análise do título da reportagem jornalística, o enunciador traz elementos figurativos que tematizam uma problemática de saúde, o não uso da máscara de proteção à COVID-19 no ambiente de uma feira livre, estando pressuposto no plano de conteúdo uma normativa que não está sendo aceita por todos os frequentadores.

Diante dos elementos formantes que compõem o plano de expressão, tem-se a homologação com o plano de conteúdo, em uma relação de interdependência para produção do sentido. No enquadramento noticioso, ou imagem congelada (*freeze frame*) os sistemas semissimbólicos, como a categoria topológica *primeiro plano vs. plano de fundo*, mantém os efeitos de sentido que foram motivados por uma intencionalidade, no caso, a conscientização através do recurso audiovisual.

A imagem, o som ambiente, os recursos verbais (sonoros e visuais), todos concorrem para a imprimir pela figuratividade, a concretude do tema tratado. Assim, a construção do espaço sociocultural e as nuances na percepção de localidade são determinados mais nos procedimentos de discursivização, no nível simbólico, que propriamente pela área de cobertura de uma emissora. (MÉDOLA, 2019, posição 1326, *on-line*)

O trabalho de estudo de frames ou de enquadramentos é uma proposta muito positiva para as pesquisas em semiótica tendo em vista as conexões semissimbólicas que se desdobram do texto audiovisual e suas relações isotópicas, ou seja, pela “recorrência de traços semânticos ao longo do discurso” (FIORIN, 2018, p. 112), apresentado e contextualizado a partir de seus conceitos epistemológicos e culturais.

Esse recorte de *frame* homologado ancorado ao plano de conteúdo demonstra uma regularidade semiótica alterada com a pandemia e figurativizada pelo uso da máscara de proteção, um elemento nada habitual no contexto do universo da feira. Ao mesmo tempo, denotamos a intensidade do sujeito *querer* ou escolher estar na feira livre, mas não se intimidar com as medidas de segurança ou prevenção, por não *parecer fazer* sentido nessa espacialidade e estar em desacordo com os hábitos e os simulacros da feira livre, pontualmente nesse determinado momento em que a reportagem foi veiculada.

4.4 Considerações sobre as práticas da pandemia e seu impacto na feira livre

O “tempo das pestes” está de volta! Presentificamos neste século XXI um evento que trouxe mudanças drásticas para todos os setores ocasionando grandes vicissitudes em todos os campos. Despertando temor e insegurança pela letalidade, conforme acontecia no passado, o novo coronavírus rapidamente se disseminou em todo o globo. De um dia para o outro, todos os hábitos da sociedade foram severamente modificados por recomendações advindas de autoridades e órgãos de excelência em saúde, que atestaram a problemática como “Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional”¹⁶⁷.

Sobre as práticas da pandemia e seu impacto na espacialidade da feira, depreendemos que “uma tal mudança leva a repensar de uma maneira totalmente nova a questão do sentido - da significação e da orientação - que pode ser atribuído ao tipo de experiência em curso”, como conceitua Landowski (2021, p. 96) no artigo *Face à pandemia*, o que nos remete a compreender

¹⁶⁷ OMS declara emergência de saúde pública de importância internacional por surto de novo coronavírus. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/news/30-1-2020-who-declares-public-health-emergency-novel-coronavirus>> Acesso em 22 abr. 2021.

que a dinâmica interacional da prática da feira livre sofreu um percurso de intimidação, devendo ajustar-se a novas práticas para a preservação de suas programações e formas de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou tratar do objeto *feira livre*, evento milenar com modelo difundido em todo o mundo com grande relevância para o contexto socioeconômico e cultural. A pergunta de pesquisa versou sobre como depreender os sentidos que emergem das práticas desse evento socioeconômico e cultural, quais seriam os mecanismos de construção de sentido inseridos no contexto dos eventos da *feira livre* ou simplesmente, *feira*.

Nosso *corpora* foi definido a partir da característica principal do nosso objeto de pesquisa: o sincretismo semiótico. Compreendendo que a *feira livre* é um texto pluriplano, heterogêneo, um encadeamento de um “todo” de significação, buscamos elencar nossas análises por meio de diferentes *corpus*, divididos em três categorias. Instituímos como foco principal o arquétipo de feiras, seu modelo elementar, estruturadas nas chamadas barracas ou bancas formadas nas ruas e praças das cidades, que oportunizam várias práticas nas suas formas de realização.

Sendo assim, iniciamos pelo *levantamento bibliográfico* com a finalidade de conhecer a literatura pertinente que trouxesse os pontos de vista sobre as feiras livres ou os mercados que se formaram ao longo da história, sua historicidade e os processos axiológicos, facultando-nos um leque de informações pertinentes para entender os sentidos que emergem dos eventos da contemporaneidade.

Para isso, fizemos uma pesquisa bibliográfica e nos deparamos com obras e documentos raros nos idiomas francês, italiano e português, o que somente foi possível pela evolução das bibliotecas digitais que agora disponibilizam esses arquivos para o público em geral. Diversas obras nos trouxeram dados importantes para contextualizar e construir o pensamento semiótico das feiras, como noções de direito comercial, antropologia, sociologia, etnografia, psicologia, entre outros.

Conhecer o universo das feiras nos permitiu o entendimento sobre sua importância como mola propulsora para formação dos povoados e das cidades, sobretudo nos tempos da Idade Média, e seus efeitos nos meios sociais e religiosos. A religião, a arte, as leis de mercado, os movimentos sociais que foram sendo incorporados ao dinamismo cultural, se adaptaram sob forte influência do evento das feiras. Estes são fatores extralinguísticos que deram forma à algumas práticas cotidianas compartilhadas entre as diferentes nações, e que refletiram na linguagem, nos valores e na cultura.

O sincretismo da feira oportunizou uma investigação por meio de dados etnográficos e etnolinguísticos demonstrando as visões de mundo e modos de vida manifestados em formas de linguagem por meio do léxico das trocas comerciais, das expressões idiomáticas, da liberdade de expressão, da censura, da arte de rua ideológica instituída nos teatros de feira e no carnaval. Nas formas de vida das feiras da Idade Média, a oposição semântica nas narrativas: *ordem vs. desordem; liberdade vs. opressão, espírito carnavalesco vs. cultura oficial*.

As feiras estão para além do comércio, pois o *instinto de sociabilidade* conduziu o hábito coletivo iniciado na Idade Média. Suprir necessidades básicas, abastecer os conglomerados, oportunizar trabalho e renda, mas, também, suprir os desejos e os gostos dentro dos cenários históricos em que são realizadas.

Investigar a historicidade das feiras em terras brasileiras nos esclareceu sobre a forte presença dos primeiros actantes das narrativas comerciais: indígenas, portugueses, e sobretudo, o comércio negro. Os mercados de rua e dos portos abasteciam as mesas dos mais abastados com uma diversidade de frutas tropicais e outras riquezas do solo colonizado, e as negras quitandeiras e vendedoras de pão e refresco formavam o modelo iniciático das feiras no Brasil.

Com um salto na linha do tempo chegamos até as feiras brasileiras da contemporaneidade trazendo para conhecimento as feiras tombadas como patrimônio imaterial cultural, as feiras de Caruaru e Campina Grande, as quais nos remetem a isotopia de “festividade” em meio a uma programação turística e comercial. Nossa pesquisa elabora a respeito da influência dos imigrantes japoneses okinawanos para a consolidação das feiras no estado de Mato Grosso do Sul, nos proporcionando resgatar os sentidos da influência e expansão da gastronomia japonesa em meio às barracas de lona nos eventos programados.

Narrativas construídas em meio a diferentes quadros festivos, ideológicos, religiosos, políticos e epidêmicos. Sim, a narrativa das epidemias do passado que ilustravam os livros de história e ciências retomam seu lugar nas narrativas de saúde pública da contemporaneidade ilustrando o letal sujeito-vírus e um novo objeto de valor: a máscara de proteção que se torna vital em favor de si mesmo e do outro. A pandemia da COVID-19 trouxe mudanças significativas em todos os pontos do planeta alterando significativamente os contextos científico-tecnológico e social e afetando sobremaneira os eventos de integração e de confraternização, moldes em que a feira livre se insere. Uma programação que sofreu alterações em um regime de acidente.

As alterações advindas da pandemia na espacialidade da feira livre foram destacadas e analisadas no último capítulo da dissertação, porém, essas análises foram produzidas durante

a pandemia valendo-se do momento de grande comoção, medo e enfrentamento, e tornaram-se artigos publicados nas revistas científicas de Estudos de Linguagem, visando projetar ao leitor sobre o acidente de percurso que trouxe uma reprogramação nos sentidos da feira, trazendo para a dissertação como o evento feira livre sensibilizava em tempos de pandemia.

Por meio do outro *corpus* escolhido, o *texto audiovisual* de cunho jornalístico intitulado *Dezenas de pessoas são flagradas sem máscara em feira livre do Guanandi*, fora recortado em duas partes: a matéria da reportagem e a imagem congelada (freeze frame) ou enquadramento noticioso.

Na análise do plano de conteúdo da matéria jornalística abordamos sobre os sentidos que foram alterados pelo uso das medidas protetivas no ambiente da feira livre, nos mostrando sobre as estratégias utilizadas pelo destinador-manipulador para alcançar o destinatário que frequenta a feira livre. Mediante a recorrência dos elementos discursivos, as isotopias presentes na narrativa e que se superpõem, como a econômica, a de conscientização e a de prevenção, mecanismos de competência, efeitos de verdade na narrativa que visam sensibilizar o destinatário sobre a problemática de saúde pública na espacialidade da feira.

Da imagem congelada ancorada ao título do texto audiovisual depreendemos os sistemas semissimbólicos na narrativa dos *frames*, o enquadramento noticioso extraído do texto audiovisual, nos permitindo depreender da homologação do plano de expressão com o plano de conteúdo, uma alteração nos sentidos, na regularidade da feira livre com o uso das medidas de biossegurança, mais especificamente, figurativizado pela máscara e que pode demonstrar os sujeitos em disjunção com o objeto-valor das narrativas de conscientização e prevenção.

A pesquisa *in loco*, terceiro *corpus* escolhido para as análises, nos colocou em presença na Feira Livre do Guanandi, tradicional feira da capital Campo-grandense que nos proporcionou por meio dos conceitos da sociosemiótica, a semiótica do vivido: estar de corpo e presença entre a observação e a experiência. Optamos por esta feira por ser a mesma espacialidade inscrita na narrativa do texto audiovisual registrado, e por ser um tema de pesquisa incipiente, conforme nossa investigação inicial.

Sob o olhar comprometido portando uma câmera de um celular e perambulando pelo corredor da feira, fizemos a captação das imagens que consideramos de certa relevância para depreender “do sensível ao inteligível” as práticas do social. As interações entre os actantes, os regimes de sentido instituídos na espacialidade emergem da união de todos os envolvidos neste evento, como feirantes, fregueses, transeuntes, artistas, políticos, comunidade, poder público etc.

Os conceitos sobre o regime do gosto trazem a lume a ideia do gosto como preferência, tendência ou inclinação, o que muito bem se justifica na espacialidade da feira livre, pois, além da possibilidade da degustação de um delicioso pastel frito na hora, podemos gostar de estar perambulando entre as barracas e consumindo os instituídos “objetos de valor” “que são oportunizados pelos corredores da feira.

Modos de vida que se expressam dentro de um consumo afetivo instituído na memória coletiva da comunidade. Essas concepções fazem da Feira Livre do Guanandi é uma prática socioeconômica e cultural em forma de espetáculo de rua e onde estão inseridas diversas outras práticas em um sincretismo semiótico, como podemos atestar nas configurações das barracas, no cromatismo das lonas, das verduras e frutas frescas, dos brinquedos e flores que adornam as bancas, nas sensações olfativas da fritura, nas conversações e na intimidação alegórica dos feirantes visando manipular os sujeitos-destinadores, sensibilizando o freguês para ver, sentir e consumir na feira.

A construção da significação da feira livre se deu com o tempo. Desde os primórdios a narrativa de feira esteve atrelada aos sentidos do consumo, das festividades, dos movimentos religiosos, ideológicos e políticos. A feira significa uma prática fundamental para quem vive dela e em torno dela, dotada de competência, de um *saber-fazer* e um *poder-fazer* que se consagra nas programações periódicas, em sua vida longa.

Nas narrativas da feira, ora o *destinador* é o feirante que precisa atrair o freguês; ora o freguês que seleciona sua banca e produtos como objetos de valor; ora a barraca de pastel que tem competência e tradição; ora o tacho de cocada cozinhando, imprimindo o modo artesanal das práticas; ora o vírus que manipula por acidente alterando de forma intimidatória todo um macrocosmo. A *placa de aviso* da banca de sorvete italiano, um enunciatório pressuposto. A ação da *fritura* uma *performance* do gosto. O *hábito* coletivo de ir à feira, o contrato, e comer na feira um modo de vida.

Inúmeras são as possibilidades de análise para se depreender o contexto sensível da feira livre e que são manifestadas: seu sincretismo semiótico, sua importância para sociedade e sua valorosa *esthesis* para o mundo. Um espetáculo!

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Antónia Pires. As epidemias nas notícias em Portugal: cólera, peste, tifo, gripe e varíola, 1854-1918. *Dossiê Medicina No Contexto Luso-Afro-Brasileiro. História, Ciências, Saúde - Manguinhos* [online]. 2014, v. 21, n. 2. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-59702014000200012>> Acesso em: 27 mai. 2022.

ALVES, Diego. Feiras livres retornam em Campo Grande com medidas de combate ao coronavírus. *Midiamax*, Abr. 2020, on-line. Disponível em: <<https://midiamax.uol.com.br/cotidiano/2020/feiras-livres-retornamem-campo-grande-com-medidas-de-combate-ao-coronavirus/>> Acesso em: 26 jul. 2022.

ANTONI, Robert-Max. Vocabulaire français de l'Art urbain. Dossiers: CERTU N° 224, 2010. Disponível em: <<https://www.arturbain.fr/arturbain/vocabulaire/pdf/vfau.pdf>> Acesso em: 24 jun. 2022.

ARBOS, Philippe. *Les Foires*. In: *Annales de Géographie*, t. 32, n°180, 1923. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/geo_0003-4010_1923_num_32_180_4297> Acesso em: 15jun 2021.

ARCA. Revista do Arquivo Histórico de Campo Grande. *A Ferrovia Noroeste do Brasil: colonização japonesa e alemã*. n. 2, Campo Grande, 1991.

ASSOCIAÇÃO OKINAWA DE CAMPO GRANDE – MS. *Terra de Esperança Kibo no Daitsi 希望の大地*. Campo Grande, MS: Life Editora, 2019. Disponível em: <<http://www.okinawacgms.com.br/wp-content/uploads/2019/09/LIVRO-OKINAWA-EBOOK.pdf>> Acesso em: 12 nov. 2021

ARTAUD. *Le dictionnaire des Halles, ou Extrait du Dictionnaire de l'Académie Française*. Bruxelles: François Foppens, 1696.

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987.

BALDINGER, K. Semasiologia e onomasiologia. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 9, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3265>>. Acesso em: 21 mai. 2022.

BARBOSA, Lívia; CAMPBELL, Colin. *Cultura, consumo e identidade*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BARBOSA, Maria Aparecida. *Aspectos da dinâmica do neologismo*. Língua e Literatura. São Paulo, FFLCH-USP, n. 7, p. 185-208, 1978.

_____. O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino- aprendizagem de português língua estrangeira. *Filologia e Linguística Portuguesa*, 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i10-11p31-41>> Acesso em: 16 jun. 2021.

BARROS, Diana Luz Pessoa. *Teoria do discurso: Fundamentos*. 3. Ed. São Paulo: Humanitas / FLLCH / USP, 2001.

_____. *Teoria semiótica do texto*. 4ª edição 6ª impressão. São Paulo: Ed. Ática, 2005.

_____. Entrevista com a profa. Dra. Diana Luz Pessoa de Barros: a estratégia enunciativa nos discursos de ódio que marcam ambientes políticos e sociais na contemporaneidade. Entrevistadores: Fernando Moreira e Joyce Lopes. *Caderno de Campo: Revista de Ciências Sociais*. Nº 28. Set 2020. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/14184>>. Acesso em: 17 out. 2020.

BARRY, Stephane; GUALDE, Norbert. La Peste noire dans l'Occident chrétien et musulman, 1347-1353. *Bulletin Canadien d'histoire de la médecine*, 2008, Vol. 25, Nº 2, págs. 461-498. Disponível em: <<https://www.utpjournals.press/action/doSearch?AllField=La+Peste+noire+dans+l%E2%80%99Occident+chr%C3%A9tien+et+musulman%2C+1347-1353&ConceptID=>>> Acesso em: 29 mai. 2022.

BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. Tradução de Izidoro Blikstein. Editora da USP. São Paulo: Cultrix, 1971.

BARTOLI, Marco. *Pietro di Giovanni Olivi e La Sanctorum Communio: Riflessione spirituale o modello di economia politica?* 2005. Scintilla, Curitiba, vol. 4, n. 2, p. 1-31, jul/dez. 2007. Disponível em: <<https://img.fae.edu/galeria/getImage/45/4773495051136750.pdf>> Acesso em: 30 jun. 2022.

BAUTIER, Robert-Henri. Caractères spécifiques des chartes médiévales. In : *Informatique et histoire médiévale*. Actes du colloque de Rome (20-22 mai 1975) Présentés par Lucie Fossier - André Vauchez - Cinzio Violante. Rome : École Française de Rome, 1977. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/efr_0000-0000_1977_act_31_1_2234. Acesso em: 06 jul 2021.

BATESON, Gregory. *Uma Teoria Sobre Brincadeira e Fantasia*. Cadernos IPUB – O discurso em Mosaico. n.5. 2ª ed. Rio de Janeiro: Instituto de Psiquiatria UFRJ, 2000.

BERNARDO, J. *Dias de Feira*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BERTRAND, Denis. *Caminhos da Semiótica Literária*. Bauru/SP: EDUSC, 2003.

_____; DARRAULT-HARRIS, Ivan. Covid-19: o vírus e suas variantes semióticas. *Revista Estudos Semióticos*, vol. 17, n. 2, agosto 2021.

BETONI, Simoni. Feiras de rua em Milão. *O GUIA DE MILÃO*, on-line, 2016. Disponível em: <<https://www.oguiademilao.com/feiras-de-rua-em-milao/>> Acesso em 21 set. 2022.

BÍBLIA. *A Bíblia Sagrada*. Publicada por: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Intellectual Reserve, Inc 2015.

BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN. *Les rafraichissemens de l'après dîner sur la Place du Palais. Une visite a la campagne*. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3712>> Acesso em: 10 nov. 2021

BOHN, Henry G. *A Hand-book of Proverbs: Comprising an Entire Republication of Ray's Collection of English Proverbs, with His Additions from Foreign Languages. And a Complete Alphabetical Index; in which are Introduced Large Additions, as Well of Proverbs as of Sayings, Sentences, Maxims, and Phrases*. London, York Street, Covent Garden, 1855. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=Y_HYAAAAMAAJ&pg=GBS.PA44&hl=pt> Acesso em: 18 mai. 2022.

BORETIVS, Alfred; KRAUSE, Victor. *Capitularia regum Francorum*. TOMVS I. Ed. Hanoverae: Impensis Bibliopolii Hahniani. Getty Research Institute, 1883. Disponível em:

<<https://archive.org/details/capitulariaregum01bore/page/88/mode/2up>> Acesso em: 14 mai. 2022.

BOUFLEUR, Rodrigo Naumann. *Fundamentos da gambiarra: a improvisação utilitária contemporânea e seu contexto socioeconômico*. Tese doutorado FAU-USP: São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-02072013-134355/publico/Fundamentos_Gambiarra_Rodrigo_Boufleur_Revisada.pdf> Acesso em: 24 jul. 2022.

BOURQUELOT, Félix. Études sur les foires de Champagne, sur la nature, l'étendue et les règles du commerce qui s'y faisait aux XIIe, XIIIe et XIVe siècles. In: *Mémoires présentés par divers savants à l'Académie des inscriptions et belles-lettres de l'Institut de France*. Deuxième série, Antiquités de la France. Tome 5, 1865. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/mesav_1267-9003_1865_num_5_1_1149. Último acesso em: 26mai 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. CNS – Conselho Nacional de Saúde. *Brasil confirma primeiro caso do novo coronavírus, porém não há motivo para pânico*. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1042-brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus-porem-nao-ha-motivo-para-panico>> Acesso em: 07jun 2021.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. Matronalia. *Enciclopédia Britânica*, 8 de novembro de 2007. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Matronalia>. Acesso em: 2 jul 2021.

BRUNNER, Thomas. Le passage aux langues vernaculaires dans les actes de la pratique en Occident. *Le Moyen Âge*. Vol. CXV, nº 1, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.3917/rma.151.0029>. Acesso em: 31mai 2021.

BUENO, Alexandre M. Espaços étnicos práticas profanas e sagradas: o lazer dos imigrantes em São Paulo. In: *Do sensível ao inteligível: duas décadas de construção do sentido*. Ana Cláudia de Oliveira (Org.), CPS – Centro de Pesquisas Sociosemióticas. Ed. Estação das Letras e Cores: São Paulo, 2014.

_____. Espaços de presença dos bolivianos em São Paulo: práticas, interações e reescrituras. In: *Sentido e Interação nas Práticas*. Ana Cláudia de Oliveira (Org.), São Paulo: Ed. Estação das Letras e Cores, 2016.

_____; FERNANDES, Glauco O.; SILVA, Maria Rita A. Reflexões sobre o conceito de “união” na teoria semiótica francesa. *Revista Estudos Semióticos*, Vol. 6, nº 2, novembro 2010.

_____; GARCIA, Carolina; COSTA, Liana; BRAGA, Mariana. Os mercados dos imigrantes em São Paulo, visualidades, valores e interações. In: *Do sensível ao inteligível: duas décadas de construção do sentido*. Ana Cláudia de Oliveira (Org.), CPS – Centro de Pesquisas Sociosemióticas. Ed. Estação das Letras e Cores: São Paulo, 2016.

CACCIAMALI, Maria Cristina. Globalização e processo de informalidade. In: *Economia e Sociedade, Campinas*, (14): 153-174, jun. 2000.

CAENEGEM, R. C. Van. *Uma Introdução Histórica ao Direito Privado*. Trad. Carlos Eduardo Lima Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, Museu Nacional, 1965.

_____. *História da Linguística*. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CAMPO GRANDE NEWS. *Maior feira da cidade é programa certo de domingo, com pasteleira famosa*. Disponível em: < <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/diversao/maior-feira-da-cidade-e-programa-certo-de-domingo-com-pasteleira-famosa>> Acesso em: 17 jun. 2022.

_____. *Há 50 anos, feira “invadiu” varanda e deixou casal mais feliz*. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/ha-50-anos-feira-invadiu-varanda-e-deixou-casal-mais-feliz>> Acesso em: 04 jul. 2022.

CAMPO GRANDE/MS, Prefeitura. SESAU - Secretaria Municipal de Saúde | PMCG. Decreto N. 14.354, de 18 de junho de 2020. Disponível em: <<http://www.campogrande.ms.gov.br/sesau/downloads/decreto-n-14-354-de-18-de-junho-de-2020-dispoe-sobre-a-obrigatoriedade-do-uso-de-mascaras-de-protecao-facial-em-espacos-fechados-publicos-ou-privados-de-acesso-ao-publico-em-geral-no-ambito-do-mu/>> Acesso em 07 jun 2021.

CANTAU, Alina. Les grandes épidémies en France. *Le Blog GALLICA*. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/blog/01012013/les-grandes-epidemies-en-france?mode=desktop>>. Acesso em: 29 mai. 2022.

CENTRE NATIONAL DE RESSOURCES TEXTUELLES E LEXICALES. *Lexicografie - foire*. Disponível em: <<https://www.cnrtl.fr/definition/lettre>> Acesso em: 06jul 2021.

CHANDEZON, Christophe. Foires et panégyries dans le monde grec classique et hellénistique. In: *Revue des Études Grecques*, tome 113, Janvier-juin 2000. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/reg_0035-2039_2000_num_113_1_4396. Acesso em: 30jun 2021.

CHERUBINI, Giovanni. Foires et marchés dans les campagnes italiennes au Moyen Âge In: *Foires et marchés : Dans les campagnes de l'Europe médiévale et moderne* [en ligne]. Toulouse : Presses universitaires du Midi, 1996. Disponível em: <<http://books.openedition.org/pumi/23317>>. Acesso em: 30jun 2021.

CICCO, Camillo Di. *STORIA DELLA PESTE da morte nera ad arma biologica*. CreateSpace Independent, 2014.

COSERIU, Eugenio. *La socio- y la Etnolinguística*; sus fundamentos y sus tareas. Conferencias del trigésimo aniversario. Montevideo: Universidad de la Republica, 1983.

_____. Fundamentos e tarefas da socio e da etnolinguística. *Ensaio de socio e etnolinguística*. Org. Linalda de Arruda Mello. João Pessoa: Shorin, 1990.

CONTAGEM/MG, Prefeitura. Prefeitura suspende temporariamente todas as feiras para conter avanço do Coronavírus. 2020. Disponível em: <<https://www.contagem.mg.gov.br/debemcomavida/prefeitura-suspende-temporariamente-todas-as-feiras-para-conter-avanco-do-coronavirus/>> Acesso em: 06 out 2022.

COQUET, Jean-Claude. A busca do Sentido: a linguagem em questão. Trad. Dilson Ferreira Cruz. 1ª ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2013.

CUIABÁ, Prefeitura de. Secretaria de Agricultura, Trabalho e Desenvolvimento Econômico. Novas Medidas. Para prevenção ao Coronavírus, Prefeitura suspende a realização de feiras livres. Carolina Miranda. 20mar 2020. Disponível em:

<<https://www.cuiaba.mt.gov.br/secretarias/agricultura-trabalho-e-desenvolvimentoeconomico/para-prevencao-ao-coronavirus-prefeitura-suspende-a-realizacao-de-feiraslivres/21553>> Acesso em: 12jun 2021.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4ª ed. 3ª reimpressão/revista pela nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexicon, 2012.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 7ª ed. 2ª reimpressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

D'AURIAC. M. Eugène. *Théâtre de la foire: recueil de pièces représentées aux foires Saint-Germain et Saint-Laurent*. Précédé d'un essai historique sur les spectacles forains. Paris, 1878. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k2042817/f14.item>> Acesso em: 27 out. 2021.

DEUTSCHES HISTORISCHES MUSEUM. *Suddenly on point? 'Dr beak' at the DHM*. Disponível em: <<http://www.dhm.de/blog/2020/04/30/suddenly-on-point-dr-beak-at-the-dhm/>> Acesso em: 30 mai. 2022

D. JOÃO III. Regimento que levou Tomé de Souza Governador do Brasil. Almerim, 17 de dezembro de 1548. In: *Arquivo Histórico Ultramarino*. Conselho Ultramarino/CU - séc. XVI-1833. Projeto Resgate, Códice n. 112. Disponível em: <<http://resgate.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=CODICES&pagfis=11>> Acesso em: 27 out. 2021

DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. São Paulo: Livraria Martins, 1940. t.1, v.1/2, ix, 295 p. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.seade.gov.br/view/singlepage/index.php?pubcod=10014150&parte=1>> Acesso em: 10 nov. 2021

DEPECKER, Loïc. *Compreender Saussure a partir dos manuscritos*. Tradução de Maria Ferreira. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2012.

DIÁRIO DO ESTADO. *As 10 feiras mais famosas do mundo*. On-line, 2021. Disponível em: <<https://diariodoestadogo.com.br/as-10-feiras-mais-famosas-do-mundo-100885>> Acesso em: 21 set. 2022.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. *Portaria Conjunta Nº 20, De 18 De Junho De 2020*. Publicado em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-conjunta-n-20-de-18-de-junho-de-2020-262408085>> Acesso em: 23 jan 2022.

DIÁRIO OFICIAL ELETRÔNICO. *Lei Nº 5.896, de 8 de junho DE 2022*. Ano XLIV n. 10.857, 9 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.spdo.ms.gov.br/diariodoe/Index/Download/DO10857_09_06_2022> Acesso em: 21 jun. 2022.

DICIONÁRIO DE RUAS. *Rua da Quitanda*. Disponível em: <<https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/logradouro/rua-da-quitanda>> Acesso em: 09 nov. 2021.

DICTIONNAIRE DE L'ACADEMIE FRANÇAISE. *Foire*. 1re édition (1694). Disponível em: <<https://www.dictionnaire-academie.fr/article/A1F0146>>. Acesso em 16 out. 2021

_____. *Foire*. 4e édition (1762). Disponível em: <<https://www.dictionnaire-academie.fr/article/A4F0654>> Acesso em: 12 mai. 2022.

DIOGRANDE. *Diário Oficial De Campo Grande-MS*. ANO XXIII n. 5.891 - segunda-feira, 6 de abril de 2020. Disponível em: <https://diogrande.campogrande.ms.gov.br/download_edicao/eyJjb2RpZ29kaWEiOiI1MDU0In0%3D.pdf> Acesso em 21 jun. 2022.

DOSSE, François. *A História do Estruturalismo: O campo do signo – 1945/1966*. vol. 1; trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

DÜRINGSFELD Ida von; REINSBERG-DÜRINGSFELD, Otto F. von. *Sprichwörter der germanischen und romanischen Sprachen*. LEIPZIG. VERLAG VON HERMANN FRIES, 1872. Disponível em: <<https://play.google.com/books/reader?id=S5dYAAAACAAJ&pg=GBS.PA156&hl=pt>>. Acesso em 17 mai. 2022.

DUBOIS, Henri. Les foires dans la France médiévale In: *Genèse des marchés: Colloque des 19 et 20 mai 2008* [en ligne]. Paris: Institut de la gestion publique et du développement économique, 2015 (généré le 31 mai 2021). Disponível em: <<https://books.openedition.org/igpde/3901#ftn3>>. Acesso em 09 out. 2021.

EM FOCO. *Jornal Laboratório do Curso de Jornalismo UCDB – Ano VI – Edição n. 76 – Campo Grande/MS, MAIO/2007*. Disponível na Biblioteca da PLANURB-CG.

EXPRESSIONS FRANÇAISES. *Faire la foire*. Disponível em: < <https://www.expressions-francaises.fr/expressions-f/1780-faire-la-foire.html> >. Acesso em 10 out. 2021.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica*. Uma introdução ao estudo da história das línguas. 1ª ed. 5a. reimpressão. São Paulo: Ed. Parábola, 2017.

FEIRA CENTRAL DE CAMPO GRANDE. *A história na linha do tempo*. Disponível em: <<http://feiracentralcg.com.br/nossa-historia/>> Acesso em: 20 fev. 2022.

FIORIN, José Luiz. A noção de texto em Semiótica. *Organon*, v.9, p. 163-73, 1995.

_____. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 1996.

_____. Modalização: da língua ao discurso. *Alfa*, São Paulo, 44:171-192, 2000.

_____. Enunciação e Semiótica. *Letras. Émile Benveniste: Interfaces Enunciação & Discursos*, nº 33, Dez. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11924>> Acesso em 24 jul. 2022.

_____. *Elementos de Análise do Discurso*. 15ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

FLOCH, Jean-Marie. *Petit mythologies de l'œil et de l'esprit: pour une sémiotique plastique*. Hadès-Benjamins, Actes Sémiotiques, 1985.

_____. Semiótica plástica e linguagem publicitária. Significação: *Revista de Cultura Audiovisual*, [S. l.], n. 6, 1987. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/90495>>. Acesso em: 31 jul. 2022.

_____. *Alguns conceitos fundamentais em semiótica geral*. São Paulo: CPS-Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2001.

_____. *A contribuição da semiótica estrutural para o design de um hipermercado*. Galáxia (São Paulo) [online]. 2014, v. 14, n. 27. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-25542014119610>> Acesso em: 20 fev. 2022.

FONTANILLE, Jacques. Práticas e formas de vida: a semiótica de Greimas posta à prova pela antropologia contemporânea. *Estudos Semióticos*. [on-line], volume 13, n. 2 (edição especial). Editores convidados: Waldir Beividas e Eliane Soares de Lima. São Paulo, dezembro de 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/141609/136616>>. Acesso em: 19 nov. 2021.

_____. *Práxis e enunciação: Greimas herdeiro de Saussure*. Tradução de Raíssa Medici. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33545>>. Acesso em: 17 set. 2020.

FRÓES, Luciana. Um roteiro pelos charmosos mercados de rua de Paris. *Jornal EXTRA*, on-line, 2011. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/viagem-e-turismo/um-roteiro-pelos-charmosos-mercados-de-rua-de-paris-2856965.html>> Acesso em: 21 set. 2022.

GALLICA. *Frontispice de "Le Théâtre de la foire: [estampe] Picart, Bernard (1673-1733). Dessinateur*. Disponível em: < <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8408746z/f1.item> > Acesso em: 26 out. 2021.

_____. *Le dictionnaire des Halles, ou Extrait du "Dictionnaire de l'Académie françoise*. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k50419h/f110.item>>. Acesso em 16 out. 2021

_____. *Le dictionnaire de l'Académie françoise*. Tome 1 /, dédié au Roy. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k42273231/f584.image.r=foire>> Acesso em 03 mai. 2022.

GALLISON, Robert. Cultures et lexicultures. Pour une approche dictionnaire de la culture partagée. In: *Annexes des Cahiers de linguistique hispanique médiévale*, volume 7, 1988. Hommage à Bernard Pottier. pp. 325-341. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/cehm_0180-9997_1988_sup_7_1_2133>. Acesso em: 17 abr. 2022.

GARCIA, Maria José Guerra Figueiredo. Em busca do conceito de valor. *CASA - Cadernos de Semiótica Aplicada*, Vol. 1, no 2, dezembro 2003. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/627>>. Acesso em: 14 mai. 2022.

GISLAIN, Victor (Annotateur). *Adagiorum omnium, quae a Junio, caeterisque, post Erasmi Chiliadas, in lucem prodierunt, epitome. Cui accessere recens proverbiorum collectanea, nunquam antehac edita. Nomenclaturam authorum habes statim ab epistola libro praefixa. Pars altera*. Ed. Parisiis, apud Aegidium Beys, 1583. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k3043088z/f364.item.r=Tres%20mulieres%20faciunt%20nundinas#>>. Acesso em: 18 mai. 2022.

GIUSTI, Giuseppe. *Raccolta di proverbi Toscani con illustrazioni cavata dai manoscritti*, 1853. Disponível em: <<https://play.google.com/books/reader?id=DnFufWcVMPgC&pg=GBS.PA104&hl=pt>> Acesso em: 05 mai. 2022.

GLOBO.COM. Mato Grosso. *Feirantes vendem produtos por aplicativo após suspensão do comércio por causa do coronavírus em MT*. Por Guilherme Barbosa e Carol Lynch, TV Centro América. 30/03/2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2020/03/30/feirantes-vendem-produtos-por-aplicativo-apos-suspensao-do-comercio-por-causa-do-coronavirus-em-mt.ghtml>> Acesso em: 13 jun. 2022.

GLOBOPLAY. *Dia de Feira: conheça feira quilométrica do bairro Guanandi em Campo Grande*. Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/5211493/>> Acesso em: 08 jun. 2022.

GLOBO RURAL. *Poupança vegetal*. Características, aplicação e curiosidades – Descrição [guanandi]. Disponível em: <<http://revistagloborural.globo.com/GloboRural/0,6993,EEC708052-2584-3,00.html>> Acesso em: 16 jun. 2022.

GRADIM, A. *Para uma leitura semiótica das teorias de framing: reinterpretando o enquadramento com base na categoria peirceana de terceiridade*. Galaxia (São Paulo, online), ISSN 1982-2553, n. 35, mai-ago, 2017, p. 21-31. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1982-2554127832>>. Último acesso em 12 jul 2020.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Semântica Estrutural*. Tradução de Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. 2ª. Ed. São Paulo: Cultrix: Edusp. 1973 [1966].

_____. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Trad. Ana Cristina Cruz Cezar [e outros] Rev. Téc. Milton José Pinto. Petrópolis, Vozes, 1975.

_____. O contrato de veridicção. *Acta Semiótica et Linguística*. V. 2, nº 1. 1978. Disponível em: <https://www5.pucsp.br/cps/downloads/biblioteca/2016/greimas__a__j__o_contrato_de_veri_dic_ao_.pdf>. Acesso em: 19 out. 2020.

_____. *Sobre o sentido II: ensaios semióticos*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. 1ª ed. São Paulo: EDUSP, 2014.

_____. *Da imperfeição*. Prefácio e tradução: Ana Cláudia de Oliveira. 2ª ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

_____ & COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. 2ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

GOFFMAN, Erving. *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*. [1974] Boston: Northeastern University Press, 1986.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª. Ed. ; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEILBRUNN, Benoît. Introduction. Dans: *La consommation et ses sociologies*. Paris : Armand Colin, « 128 », 2020, p. 9-18. Disponível em: <<https://www.cairn.info/--9782200628291-page-9.htm>> Acesso em: 04 jul. 2022.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975 [1961].

HOWARD, John. *Historia dos Principaes Lazaretos D' Europa, acompanhada de diferentes memorias sobre a Peste, etc tirada da colleção de memorias sobre os estabelecimentos d'humanidade*. Trad. José Ferreira da Silva. Lisboa : Typographia Chalcographica e Litteraria do Arco do Cego, 1800. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5267>> Acesso em: 01 jun 2022.

HUVELIN, Paul-Louis. *Essai historique sur le droit des marchés et des foires*. Thèse de doctorat, Paris: A. Rousseau, 1897, 620 p.

INTERNET ARCHIVE. Vocabolario degli Accademici della Crusca, 1746. Disponível em: <https://archive.org/details/b30454906_0002/page/274/mode/2up?q=%3Cfiera%3E&view=theater>. Acesso em: 05 mai. 2022.

IPHAN. Instituto Do Patrimônio Histórico E Artístico Nacional. *Feira de Caruaru*. Biblioteca Aloísio Magalhães: Brasília, 2009. 116p. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/dossie9_feiradecaruaru.pdf> Acesso em: 11 nov. 2021.

_____. *Feira de Campina Grande, Patrimônio Cultural do Brasil*. Dossiê de Registro da Feira de Campina Grande. Campina Grande, 2017. 109p. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_feira_de_campina_grande_para%3C%ADba.pdf> Acesso em: 26 jul. 2022.

_____. Dossiê IPHAN 9, Feira de Caruaru. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/dossie9_feiradecaruaru.pdf> Acesso em: 26 jul. 2022.

_____. *PARECER Nº 005/06 - Ref.: Processo nº 01450.002945/2006-24 – Registro da Feira de Caruaru/PE*. Out. 2006. Disponível em: <[DPIhttp://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/dossie9_feiradecaruaru.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/dossie9_feiradecaruaru.pdf)> Acesso em 24 jul. 2022.

_____. *Patrimônio imaterial*. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>> Acesso em: 11 nov. 2021.

KOUTSANTONIS, Marina Pechlivans. *Economia das dádivas: o novo milagre econômico*. Rio de Janeiro: Ed. Alta Books, 2016.

LACERDA, Roberto C; LACERDA, Helena R. C; ABREU, Estela S. *Dicionário de provérbios: francês, português, inglês*. 2ª. Ed. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

LANDOWSKI, Eric. Olhar comprometido. *Revista Galáxia* nº 2, Fórum Semiótica da comunicação política, 2001. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1241/747>>. Acesso em: 17 fev. 2022.

_____. *Passions san nom*. Paris: PUF, 2004.

_____. Sociosemiótica: Uma teoria geral do sentido. In: *Galaxia*, São Paulo, on-line, n. 27, junho 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542014119609>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

_____. *Interações arriscadas*. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2014.

_____. *Com Greimas*. Interações Semióticas. 1ª ed. São Paulo: Ed. Estação das Letras e Cores, 2017.

_____. Du goût et des goûts. *Actes Semiotiques*, Université de Limoges, nº 122, 2019. Disponível em: <<https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/6286>> Acesso em: 24 jul. 2022.

_____. Pour une sémiotique du goût. *Actes Semiotiques*, Université de Limoges, nº 122, 2019. Disponível em: <<https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/6237&file=1>> Acesso em: 24 jul. 2022.

_____. Face à Pandemia. In: *Acta Semiotica* 1, 2021. DOI 10.23925/2763-700X.2021n1.54158. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/actasemiotica/article/view/54158>> Acesso em: 04 jul. 2022.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 22 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2008.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão [et al.] Campinas, SP Ed. UNICAMP, 1990.

_____. *A Idade Média e o dinheiro* [recurso eletrônico]: ensaio de antropologia histórica. Tradução Marcos de Castro. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Trad: Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papirus, 1989.

LIPSET, David. *Gregory Bateson the Legacy of a Scientist*. Englewood Cliffs. N.J. Prentice-Hall, 1980 [1951].

LOPES, Edward. *Fundamentos da linguística contemporânea*. 18ª ed. São Paulo: Ed. Cultrix. 2003.

LOTMAN, Yuri M. *Universe of the Mind: A Semiotic Theory of Culture* (trad. A. Shukman). Bloomington: Indiana University Press, 1990.

MAHER, T. Michael. Framing: An Emerging Paradigm or a Phase of Agenda Setting? In: REESE, SD, Gandy, J., & GRANT, AE (Eds.). *Framing Public Life: Perspectives on Media and Our Understanding of the Social World*. 1ª Ed. London: Lawrence Erlbaum Associates 2001.

MARRONE, Gianfranco. A narrativa do gosto: releitura de Brillat-Savarin. In: LANDOWSKY, Eric; FIORIN, José Luiz (eds.). *O gosto da gente, o gosto das coisas*. São Paulo: EDUC, 1997.

MARTINS, Antonio Egydio. *São Paulo antigo (1554 a 1910)*. 1º Vol. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & C, 1911. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=livrossp&pagfis=25686>> Acesso em: 09 nov. 2021.

MARTINS, Fran. *Curso de direito comercial / Atualizado Carlos Henrique Abrão*. 41ª ed. Revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 2018.

MAWE, John. *Travels in the interior of Brazil: particularly in the gold and diamond districts of that country, by authority of the prince regent of Portugal; including a voyage to the Rio de la Plata, and an historical sketch of the revolution of Buenos-Ayres*. London: Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, 1812. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/518722>> Acesso em: 10 nov. 2021.

MOREIRA, Fernando; LOPES, Joyce. Entrevista com a profa. Dra. Diana Luz Pessoa de Barros: a estratégia enunciativa nos discursos de ódio que marcam ambientes políticos e sociais na contemporaneidade. *Caderno de Campo: Revista de Ciências Sociais*. Nº 28. Set 2020. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/14184>>. Acesso em: 17 out. 2020.

MÉDOLA, Ana Silvia Lopes. *Televisão: linguagem e significação*. [recurso eletrônico – ebook Kindle] 1.ª Ed. Curitiba/PR: Ed. Appris Ltda, 2019.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; SIMÕES, Paula Guimarães. Enquadramento: Diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. *Enquadramento em Bateson*. Revista Brasileira de Ciências Sociais: 2012. Acesso em: <<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/ptZ9Qp9Qn7n7PdZDJZZXv3L/?lang=pt&format=pdf>> Acesso em 16 dez. 2021.

MICHAELIS. Consumo. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* [on-line]. Disponível em : <<https://michaelis.uol.com.br/palavra/4GO9/consumo/>> Acesso em: 27 jun. 2022.

MIRANDA, Dilmar. *Tempo da festa x tempo do trabalho*. 1ª ed. São Paulo: Editora Dialética, 2021. Edição do Kindle.

MITTERAUER, Michael. La continuité des foires et la naissance des villes. In: *Annales. Economies, sociétés, civilisations*. 28^e année, N. 3, 1973. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1973_num_28_3_293376>. Acesso em: 30 mai 2021.

NOHL, Johannes. *The Black Death: A Chronicle Of The Plague Compiled From Contemporary Sources*. Second Impression. London, Unwin Books, 1971.

OLIVEIRA, Ana Cláudia. Estesia e experiência do sentido. *Cadernos de Semiótica Aplicada*. Vol. 8. n.2, dez. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/3376>> Acesso em: 04 jul. 2022.

_____. A contribuição da semiótica estrutural para o design de um hipermercado. Prefácio. In: *Galáxia* (São Paulo) [online]. 2014, v. 14, n. 27. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-25542014119610>> Acesso em: 20 fev. 2022.

_____. Público & privado, problemáticas interdependentes: As pistas impressivas no entretecer da trama social. In: *São Paulo público e privado, abordagem sociosemiótica*. Ana Claudia de Oliveira (Org.). São Paulo: Ed. Estação das Letras e Cores, 2014.

_____. Interação e sentido nas práticas de vida. *Revista CMC – Comunicação, mídia e consumo*. PPGCOM – ESPM, Ano 11, vol. 11, n. 31 mai/ago, 2014.

_____. *Sentido e interação nas práticas: comunicação, consumo, educação, urbanidade*. São Paulo: Ed. Estação das Letras e Cores, 2016.

_____. Da Imperfeição 30 anos depois. Prefácio. In: GREIMAS, Algirdas. *Da Imperfeição*. 2ª ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

_____; MARTYNIUK, Valdenise L. (org.). *Sentidos do consumo: os desafios do cenário contemporâneo à luz da semiótica*. Ed: Estação das Letras e Cores Editora. Edição do Kindle. São Paulo: Ed. Estação das Letras e Cores, 2017.

_____. *Sociosemiótica IV: mídia e política*. Barueri, SP : Ed. Estação das Letras e Cores, 2021.

OPAS. OMS. *Histórico da pandemia de COVID-19*. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>> Acesso em: 23jan 2022.

_____. OMS declara emergência de saúde pública de importância internacional por surto de novo coronavírus. Jan/2020. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/news/30-1-2020-who-declares-public-health-emergency-novel-coronavirus>> Acesso em 22 abr. 2021.

_____. *Folha informativa sobre COVID-19*. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>> Acesso em: 22 abr. 2021.

_____. *Resposta à transmissão comunitária de COVID-19*. Orientação provisória de 7 de março de 2020. Disponível em: <https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/51983/OPASBRACOV1920038_por.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 22 abr. 2021.

OPENEDITION BOOKS. Foires et marchés dans les campagnes italiennes au Moyen Âge. *Presses universitaires du Midi*. Disponível em: <<http://books.openedition.org/pumi/23317>>. Acesso em: 16 out. 2021

ORUÊ, Fábio. Coronavírus: Feiras livres estão suspensas a partir deste sábado. *Jornal Correio do Estado*, 20 março 2020, *on-line*. Disponível em: <<https://correiodoestado.com.br/cidades/feira-livre-feira-suspensao-coronavirus-covid19-pandemia-campo-grande/369324>> Acesso em: 21 jun. 2022.

PAUL-MARCETTEAU, Agnès. Les auteurs du théâtre de la foire à Paris au XVIIIe siècle. *Bibliothèque de l'école des chartes*, tome 141, livraison 2, 1983. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/bec_0373-6237_1983_num_141_2_450303> Acesso em: 23 out. 2021.

PER - Plateforme du Plan d'études romand. Le commerce au moyen âge. Disponível em: <https://www.plandetudes.ch/documents/10136/7479629/HISTOIRE_9e_LIVRE_ELEVE_th10_pp_130_143.pdf/875e2004-3df3-4a49-b02b-6a1385ec0a54> Acesso em: 12 out. 2021

PERRAULT, Charles. *Contes de ma mère l'Oye*. Ed. Chez Jean Neaulme, 1745. Disponível em: <https://www.google.com.br/books/edition/Contes_de_ma_Mere_L_Oye/aC5WAAAACAAJ?hl=pt-BR&gbpv=1> Acesso em: 19 mai. 2022.

PICUÍ, Prefeitura. COMUNICADO IMPORTANTE: FEIRA LIVRE É SUSPENSA. Ascom Prefeitura Municipal de Picuí Publicado em 27/03/2020. Disponível em: <<https://www.picui.pb.gov.br/portal/noticias/geral/comunicado-importante-feira-livre-e-suspensa>> Acesso em: 06 out 2022.

PIETROFORTE, Antônio V. Seraphim. *A língua como objeto da linguística*. In: Introdução à linguística: objetos teóricos [S.l: s.n.], 2002.

_____. O sincretismo entre a semiótica verbal e visual. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

_____. *A significação na fotografia*. 1ª Ed. São Paulo: Ed. Anna Blume, 2016.

_____. *Semiótica visual: os percursos do olhar*. 3. ed., 1a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

PIRENNE, Henri. *História Econômica e Social da Idade Média*. 4ª Ed. Tradução Lycurgo Gomes da Motta. Ed. Mestre JOU, 1963.

PITA, Sebastião da Rocha. *História da América Portuguesa, desde o ano de mil e quinhentos do seu descobrimento, até o de mil setecentos e vinte quatro*. Lisboa Occidental, [Portugal]: Na Officina de Joseph Antonio da Silva, impressor da Academia Real, 1730. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000008867&bbm/4714#page/110/mode/2up>>. Acesso em: 08 nov. 2021.

PLANURB. *Perfil Socioeconômico de Campo Grande*. 28ª edição revista, 2021. Disponível em: < <https://www.campogrande.ms.gov.br/planurb/downloads/perfil-socioeconomico-de-campo-grande-edicao-2021/> > Acesso em: 16 jun. 2022.

PORTO, Mauro P. *Enquadramentos da mídia e política*. Trabalho apresentado ao XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS. 2002. Disponível em: <<http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/26-encontro-anual-da-anpocs/gt-23/gt09-13/4400-mporto-enquadramentos/file>>. Acesso em 13 jun 2021.

PORTUGAL DICIONÁRIO HISTÓRICO. *Lazareto*. Artigo. Disponível em: <<https://www.arqnet.pt/dicionario/lazareto.html>> Acesso em: 31 mai. 2022.

PRINCETON UNIVERSITY ART MUSEUM. *A Feira de Impruneta, 1620 - Jacques Callot, francês, 1592-1635. Gravura.* Disponível em: <<https://artmuseum.princeton.edu/collections/objects/53096>>. Acesso em 10 out 2020.

PROPP, V. *Morfologia do Conto Maravilhoso*. Trad. Jasna Paravich Sarhan. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

RECLUS, Élisée, 1830-1905. *L'évolution, la révolution et l'idéal anarchique. Collection: Bibliothèque sociologique*; 19. Paris: Bibliothèque nationale de France, 1914. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k23480p/f5.item.r=foire> > Acesso em 10 nov. 2021.

REESE, Stephen D, Gandy, J., & GRANT, AE (Eds.). *Framing Public Life: Perspectives on Media and Our Understanding of the Social World*. 1ª Ed. London: Lawrence Erlbaum Associates 2001.

RIO DE JANEIRO, Prefeitura. Secretaria de Saúde. Notícias. *Contra aglomerações e para proteção das pessoas, Prefeitura do Rio impede funcionamento de 27 feiras livres na cidade*. 23abr 2020. Disponível em: <<https://coronavirus.rio/noticias/contraaglomeracoes-e-para-protecao-das-pessoas-prefeitura-do-rio-impede-funcionamento-de27-feiras-livres-na-cidade/>> Acesso em: 12jun 2021.

RODRIGUES, Graziela F. *Eventos juninos da Rua dos Pinheiros e do Largo da Batata: entre coletividade e individualidade*. In: *Sentido e Interação nas práticas: comunicação, consumo, educação, urbanidade*. Ana Cláudia de Oliveira (Org.). São Paulo: Ed. Estação das Letras e Cores, 2016.

ROLAND, Martin; ZAJIC, Andreas. *Les Chartes Médiévales Enluminees Dans Les Pays D'europe Centrale. Bibliothèque de l'École des chartes*, t. 169, 2011. Disponível em: <<https://documents.icar-us.eu/documents/2013/11/les-chartes-medievaux-enluminees-dans-les-pays-deurope-centrale.pdf>> Acesso em: 06jul 2021.

ROMAINE, Suzanne. *Communicating Gender*. Oxford University. New Jersey: Ed. LEA Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1998.

RUISINGER, Marion Maria. *Die Pestarztmaske im Deutschen Medizinhistorischen Museum Ingolstadt. [The "Plague Doctor's Mask" in the German Museum for the History of Medicine, Ingolstadt]*. NTM. 2020 Jun;28(2):235-252. German. doi: 10.1007/s00048-020-00255-7. PMID: 32451562; PMCID: PMC8156585. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32451562/>>. Acesso em: 30 mai. 2022.

SACCHITIELLO, Bárbara. *Tradição e atuação digital: a imagem do SBT aos 40 anos. Meio e Mensagem*, 2021. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2021/08/19/tradicao-e-atuacao-digital-a-imagem-do-sbt-aos-40-anos.html>> Acesso em: 09 jun. 2022.

SAPIR, Edward. *Linguística como ciência*. Ensaios. Tradução: Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961, p. 43-62.

_____. *A Linguagem: Introdução ao estudo da Fala*. Trad. J. Mattoso Câmara Jr. 2ª ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de São Paulo e resumo das viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguai*. São Paulo, Livraria Martins, 1940. Disponível em: <<https://ia902800.us.archive.org/9/items/viagemprovinci00sainuoft/viagemprovinci00sainuoft.pdf>> Acesso em: 08 nov. 2021.

SATO, Leny. *Feira livre: organização, trabalho e sociabilidade*. [S.l: s.n.], 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de Linguística Geral*. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler. São Paulo: Cultrix, 2004.

_____. *Curso de Linguística Geral*. 28ª ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Cultrix, 2018 [1916].

SBTMS. *O Povo Na Tv*. Disponível em: <<https://sbtms.com.br/o-povo-na-tv/?playlist=7f7d02f3&video=80c0e36>> Acesso em: 22 abr. 2021.

_____. *Dezenas de pessoas são flagradas sem máscara em feira livre do Guanandi*. 20 mai 2020. Disponível em: <<https://sbtms.com.br/dezenas-de-pessoas-sao-flagradas-sem-mascara-em-feira-livre-do-guanandi/>> Acesso em: 20 abr. 2021.

SILVA, Elaine C Queiroz; SILVA, Sueli Ramos. Pandemia e feira livre: uma análise do percurso gerativo de sentido na reportagem jornalística. *Revista Rascunhos Culturais*, UFMS, Volume 12- Número 23, 2021 Disponível em: <<https://revistarascunhos.ufms.br/files/2021/09/Rascunhos-Culturais-V12-N23.pdf>> Acesso em: 09 jun. 2022.

_____. Uma reflexão sobre linguística e semiótica em tempos de pandemia. *Revista Papéis UFMS*, v. 25 n. 49 (2021): Edição temática: Prática e Objetos Semióticos. Disponível em: <<https://seer.ufms.br/index.php/papeis/article/view/12961>> Acesso em: 09 jun. 2022.

_____. Pandemia e feira livre: uma abordagem semissimbólica. *Revista Linguagem UFSCAR*, v. 41 n. 1 (2022) / COVID-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem. Disponível em: <<https://www.linguagem.ufscar.br/index.php/linguagem/article/view/1465>> Acesso em: 09 jun. 2022.

SILVA, Luiza Helena O. Por uma semiótica do vivido: entrevista com o sociossemiótico Eric Landowski. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, v.12, n.1, 2014, p. 345-361.

SILVA, J. M. Pereira. *Sebastião Rocha da Pita* - Biografia dos Brasileiros distintos por letras, armas, virtudes etc. *Revista IHGB - Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo XII, 1849. Rio de Janeiro: Ed. Kraus Reprint, 1973

SOLANA, Irène A. Le vin dans le Théâtre de la Foire. In: *Dix-huitième Siècle*, n°29, 1997. Le vin, sous la direction de Jean Bart et Élisabeth Wahl. pp. 211-225. Disponível em: <www.persee.fr/doc/dhs_0070-6760_1997_num_29_1_2173> Acesso em 25 out. 2021.

THE HISTORY BLOG. *Murder through the lines of medieval land charters*. Disponível em: <<http://www.thehistoryblog.com/archives/36792>>. Acesso em 12 out. 2021

THORNDIKE, Lynn. *The History of Medieval Europe*. Perennial Press: Edição do Kindle, 2015.

TOLOSANA, Université Fédérale (La bibliothèque). *Essai historique sur le droit des marchés et des foires*. Disponível em: <<https://tolosana.univ-toulouse.fr/fr/notice/003547809>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

TROYES. Villes et Pays d'art et d'histoire. *Explorateurs Troyes, Au Temps Des Foires De Champagne*. Disponível Em: <[Https://Vpah-Troyes.Fr/Wp-Content/Uploads/2020/09/DepliantFoireDeChampagneReponses.pdf](https://vpah-troyes.fr/Wp-Content/Uploads/2020/09/DepliantFoireDeChampagneReponses.pdf)> Acesso em: 12 out. 2021.

TUET, Jean-Charles-François. *Matinées sénonoises ou Proverbes françois, suivis de leur origine; de leur rapport avec ceux des langues anciennes et modernes, de l'emploi qu'on en a fait en poésie et en prose*. Ed. Née de La Rochelle (Paris), Vve tarbé (Sens), 1789. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5657384q/f259.item.r=Tres%20mulieres%20faciunt%20nundinas>> Acesso em: 17 mai. 2022.

UPANEMA, Prefeitura de. *Prefeitura de Upanema suspende "feira livre" por 15 dias em razão da pandemia do novo coronavírus*. 20mar 2020. Disponível em: <http://upanema.rn.gov.br/noticiasView/437_Prefeitura-de-Upanema-suspende-FeiraLivre-por-15-dias-em-razao-da-pandemia-do-novo-coronavirus.html> Acesso em: 13jun2021.

V: SAPERE. *Proverbi*. Tre donne fanno un mercato. Disponível em: <<https://sapere.virgilio.it/proverbi/tre-donne-fanno-un-mercato-4378>> Acesso em: 17 mai. 2022.

VARLIK, N. *Rethinking the history of plague in the time of COVID-19*. Centaurus. 2020; 62: 285– 293. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/1600-0498.12302>>. Acesso em: 09 jun. 2022.

VARRINI, Giulio. *Scuola del volgo*. Ed. Per Francesco di Rossi, Biblioteca Estadual da Baviera, 1642. Disponível em: <<https://play.google.com/books/reader?id=0EJDAAAACAAJ&pg=GBS.PA32&hl=pt>> Acesso em 04 mai. 2022.

VELARDE, Manuel Casado. *Lenguaje y cultura (La etnolingüística)* (Spanish Edition). Editorial Síntesis S.A, 1991.

VENETTE, Jean. *The chronicle of Jean de Venette*. Trad. Jean Birdsall. New York: Columbia University Press, 1953. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/blog/01012013/les-grandes-epidemies-en-france?mode=desktop>>. Acesso em: 29 mai. 2022.

VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo, Studio Nobel, 2001.

WOLFF, Philippe. *Outono da Idade Média ou Primavera dos Tempos Modernos?* Trad. Edison Darei Heldt. 1ª. Ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1988.

WU, JT, LEUNG, K., BUSHMAN, M. *et ai*. Estimando a gravidade clínica do COVID-19 a partir da dinâmica de transmissão em Wuhan, China. *Nat Med* 26, 506-510 (2020). Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/s41591-020-0822-7> > Acesso em: 22 abr. 2021.

XATARA, Claudia Maria; SUCCI, Thais Marini. REVISITANDO O CONCEITO DE PROVÉRBIOS. *Revista Veredas on line* – 1/2008, p. 33-48 – PPG Linguística/UFJF – JUIZ DE FORA - ISSN 1982-2243. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo31.pdf>>. Acesso em: 17 mai. 2022.

YOUTUBE. *Dezenas de pessoas são flagradas sem máscara em feira livre do Guanandi.* YouTube, 25mai 2020. <<https://www.youtube.com/watch?v=m7UxRVDqxLA>> Acesso em 20 abr. 2021.